



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM ESTUDOS FRONTEIRIÇOS**



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DO PANTANAL**

LAURA HELENA DE ARRUDA SILVA

**PRÁTICAS COMERCIAIS NA FRONTEIRA BRASIL-
BOLÍVIA EM CORUMBÁ, MS: UM ESTUDO SOBRE A FEIRA
BRASBOL**

**CORUMBÁ - MS
2010**

FICHA CATALOGRÁFICA

SILVA, Laura Helena de Arruda.

Comércio na Fronteira Brasil-Bolívia em Corumbá, MS: um estudo sobre a Feira BrasBol. Laura Helena de Arruda Silva. Orientação de Carlos Martins Júnior. – Corumbá, 2010. 106 p.: Il.

Dissertação de Mestrado (M) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Mestrado em Estudos Fronteiriços, 2010.

1. Comércio; 2. Fronteira; 3. Feira BrasBol. I. MARTINS JR. C. II. Título.

LAURA HELENA DE ARRUDA SILVA

**PRÁTICAS COMERCIAIS NA FRONTEIRA BRASIL-
BOLÍVIA EM CORUMBÁ, MS: UM ESTUDO SOBRE A FEIRA
BRASBOL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em Estudos Fronteiriços da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus do Pantanal, como requisito final para obtenção do título de Mestre.

**Linha de Pesquisa: Ocupação e identidade
fronteiriças**

Orientador(a): Carlos Martins Júnior

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
MESTRADO EM ESTUDOS FRONTEIRIÇOS
CORUMBÁ - MS
2010**

LAURA HELENA DE ARRUDA SILVA

**PRÁTICAS COMERCIAIS NA FRONTEIRA BRASIL-BOLÍVIA EM
CORUMBÁ, MS: UM ESTUDO SOBRE A FEIRA BRASBOL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em Estudos Fronteiriços da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus do Pantanal, como requisito final para obtenção do título de Mestre. Aprovado em ____/____/_____, com Conceito _____.

BANCA EXAMINADORA



**Orientador(a):
(Universidade Federal do Mato Grosso do Sul)**

**1º avaliador(a):
(Universidade Federal do Mato Grosso do Sul)**

**2º avaliador(a):
(Universidade Federal do Mato Grosso do Sul)**

Dedico:

À minha família: José, Amanda e Yasmin, pelo apoio e compreensão em todos os momentos desta trajetória.

Ofereço:

***Aos meus pais, Tereza (in memorian) e Antonio,
pela minha formação, pelos princípios e pela lição
de vida.***

AGRADECIMENTOS

A Deus, a quem devo a vida, as oportunidades de crescimento e as energias que me impulsionam diante dos desafios e dos obstáculos, iluminando meus caminhos e guiando-me na direção certa nas horas mais difíceis em que as incertezas aturdiram-me, declaro meu total e absoluto reconhecimento por mais esta vitória.

Os meus sinceros agradecimentos pela colaboração dessas pessoas, que foi imprescindível para a execução deste trabalho:

Ao Professor Dr. Carlos Martins Júnior pela atenção, incentivo e orientação ao longo do desenvolvimento do trabalho.

Aos colegas e professores do Programa de Mestrado em Estudos Fronteiriços da UFMS, pelo excelente convívio e amizade compartilhados ao longo dos dois anos de curso; a nossa turma já me deixa saudades... Espero nos encontrarmos num próximo desafio; que tal o Doutorado?

À minha amiga, colega de trabalho e de mestrado, Ramona Trindade Ramos Dias, pelo incentivo e colaboração na formatação da dissertação.

Aos professores do Departamento de Psicologia do Campus do Pantanal/UFMS, pelo auxílio, apoio e incentivo.

Aos colegas Técnicos Administrativos do Campus do Pantanal/UFMS, pelo apoio, incentivo e auxílio nos serviços de secretaria de Departamento.

Aos Diretores do Campus do Pantanal/UFMS (Prof^a. Dr^a. Vilma Eliza Trindade e Prof. Dr. Wilson Ferreira de Melo), que me deram apoio e incentivo.

Ao Prof. Júlio César Paro, que me auxiliou em diversas situações com a informática, orientando na formatação dos gráficos.

Ao Sr. Enrique Flores Nina, Presidente da Associação dos Pequenos Comerciantes Brasileiros e Bolivianos – Feira BrasBol, pelas informações prestadas e autorização para que eu pudesse desenvolver a pesquisa na Feira.

RESUMO

O comércio em Corumbá-MS passou por grandes transformações a partir dos deslocamentos das práticas mercantis que eram feitas com o Paraguai, quando passou a ser o núcleo mercantil mais dinâmico de Mato Grosso, graças à navegação fluvial. Iniciou-se seu declínio como centro comercial quando o rio Paraguai perdeu sua função de principal meio de comunicação e transporte com o norte de Mato Grosso, graças à construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil e à construção da rodovia Campo Grande-Cuiabá, que desviaram o fluxo dos transportes e comunicações da Bacia do Prata para o interior do país. Fatores externos também contribuíram significativamente para a perda da dinâmica econômica da região. Nas décadas de 1930 e 1940, a cidade ainda era considerada a segunda maior economia do então estado de Mato Grosso integrado, com expressiva participação no comércio de charqueadas, pela exploração comercial do extrativismo mineral e do comércio ribeirinho entre as cidades pelo rio Paraguai. Durante as décadas de 1950 e 1960, a cidade atingiu um grande desenvolvimento industrial, se destacando entre as demais cidades do Estado. Porém, na década de 1970 a maioria dessas indústrias já estava fechada. A partir da década de 1990, intensificaram as novas práticas mercantis, predominantes com a Bolívia. O objetivo deste trabalho foi desenvolver o conhecimento sobre o comércio varejista de fronteira, seus aspectos econômicos, sociais e históricos, bem como traçar a história da Feira BrasBol; através de pesquisa quali-quantitativa, verificou-se os seguintes itens: perfil sócio-demográfico e econômico dos/das comerciantes da Feira BrasBol; a percepção que os comerciantes da Feira e do centro comercial de Corumbá, bem como os frequentadores da Feira BrasBol, têm acerca do comércio realizado na Feira; as condições de vida, de trabalho e as relações de comércio realizado na Feira BrasBol.

Palavras chaves: Comércio; Fronteira; Feira BrasBol.

ABSTRACT

The trade in Corumbá-Mato Grosso do Sul went through great transformations due to the displacement of the mercantile practices which were performed with Paraguay, when it started being the most dynamic mercantile nucleus in Mato Grosso, thanks to the fluvial navigation. Its decline as a trade centre initiated when the Paraguay river lost its function as the main means of communication and transport with the north of Mato Grosso, due to the buildings of the railroad Noroeste do Brasil and highway Campo Grande - Cuiabá, which diverted the flux of transports and communication of Bacia do Prata to the countryside. External factors also contributed meaningfully to the lost of the economic dynamic in the region. In the 1930s and 1940s, the city was still considered the second major economy of the integrated Mato Grosso, with expressive participation in the trade of jerky, with the mineral exploitation for commerce and with the riparian trade along the cities through the Paraguay river. During the 1950s and 1960s, the city peaked a great industrial development, distinguishing itself among the other cities of the state. However, in the 1970s, most of these industries had already closed doors. From the 1990s on, new mercantile practices were intensified, predominantly with Bolivia. The aim of this work was to develop the knowledge about the retailing trade in our frontier, its economic social and historical aspects, as well as to trace the history of the BrasBol fair. Through a qualitative/quantitative research, it was verified the following items: socio-demographic and economic profile of the merchants of BrasBol fair; the awareness that the merchants of this fair and the ones of the trade centre of Corumbá, as well as the regulars who go to that fair, have in relation to the trade performed in the fair. The conditions of life, work and the dealings performed in the BrasBol.

Key words: Trade; Frontier; BrasBol Fair.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Figura 1: Vendedoras brasileira e boliviana na Feira BrasBol	21
Figura 2: Boliviana vendendo seus produtos na Feira Livre de Corumbá, acompanhada por seu bebê.....	22
Figura 3: Crianças bolivianas trabalhando no Centro de Corumbá.....	23
Figura 4: Comércio na Feira BrasBol.....	45
Figura 5: Feira BrasBol.....	46

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Fábricas existentes em Corumbá no ano de 1958.....	37
Quadro 2 - Arrecadação Estadual de Mato Grosso no ano de 1963.....	39
Quadro 3 - Arrecadação Estadual de Mato Grosso do Sul no ano de 1971.....	40
Quadro 4 - Exportações de Mato Grosso do Sul, seguindo as principais empresas exportadoras – período de 1990 a 1995.....	44
Quadro 5 - Resumo mensal da arrecadação por contribuinte, paga pela Associação dos Pequenos Comerciantes Brasileiros e Bolivianos à Secretaria de Estado de Fazenda: 2005 a 2009.....	49

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Faixa etária dos comerciantes da Feira BrasBol.....	50
Gráfico 2 – Residência dos comerciantes da Feira BrasBol.....	51
Gráfico 3 – Quando vieram os comerciantes da Feira BrasBol vindos de fora da cidade de Corumbá.....	52
Gráfico 4 - Estado civil dos comerciantes da Feira BrasBol.....	52
Gráfico 5 - Número de filhos dos comerciantes da Feira BrasBol.....	53
Gráfico 6 - Idade dos filhos dos comerciantes da Feira BrasBol.....	53
Gráfico 7 - Com quem ficam os filhos dos comerciantes da Feira BrasBol.....	54
Gráfico 8 - Quando os comerciantes da Feira BrasBol iniciaram suas atividades comerciais.....	55
Gráfico 9 - Onde os comerciantes da Feira BrasBol iniciaram suas atividades comerciais	55
Gráfico 10 - Como era a estrutura do local quando iniciou suas atividades.....	56
Gráfico 11 - Houve mudanças na estrutura do local desde que iniciou suas atividades.....	57
Gráfico 12 – Produtos comercializados pelos comerciantes da Feira BrasBol.....	57
Gráfico 13 – Procedência dos produtos comercializados na Feira BrasBol.....	58
Gráfico 14 – Meio de transporte em que os produtos comercializados na BrasBol são transportados.....	58
Gráfico 15 - Renda semanal dos comerciantes da Feira BrasBol.....	59
Gráfico 16 - Renda mensal dos comerciantes da Feira BrasBol.....	60
Gráfico 17 - Outras atividades dos comerciantes da Feira BrasBol.....	60
Gráfico 18 - Outra fonte de renda dos comerciantes da Feira BrasBol.....	61
Gráfico 19 - Quanto ganham os comerciantes da Feira BrasBol que tem outra atividade..	61
Gráfico 20 - Cota sindical paga pelos comerciantes da Feira BrasBol à Associação.....	62
Gráfico 21 - Taxa de energia elétrica paga pelos comerciantes da Feira BrasBol.....	63
Gráfico 22 - Valor mensal pago pelos comerciantes da Feira BrasBol pelo aluguel de depósitos.....	63
Gráfico 23 – Valor pago a Seguranças pelos comerciantes da Feira BrasBol.....	64
Gráfico 24 – Valor mensal pago a Carregadores pelos comerciantes da Feira BrasBol.....	64
Gráfico 25 – Perfil dos clientes da Feira BrasBol.....	65
Gráfico 26 - Dia de maior movimento na Feira BrasBol.....	65

Gráfico 27 - O que deve ser melhorado na Feira BrasBol.....	66
Gráfico 28 - Faixa etária dos comerciantes do Centro Comercial de Corumbá.....	67
Gráfico 29 - Naturalidade dos comerciantes do Centro Comercial de Corumbá.....	68
Gráfico 30 - Nacionalidade dos Comerciantes do Centro Comercial de Corumbá.....	68
Gráfico 31 - Estado civil dos Comerciantes do Centro Comercial de Corumbá.....	69
Gráfico 32 - Número de filhos dos Comerciantes do Centro Comercial de Corumbá.....	69
Gráfico 33 - Idade dos filhos dos Comerciantes do Centro Comercial de Corumbá.....	70
Gráfico 34 – Com quem ficam os filhos dos Comerciantes do Centro Comercial de Corumbá.....	70
Gráfico 35 – Período em que vieram para Corumbá os Comerciantes do Centro Comercial vindos de fora.....	71
Gráfico 36 – Período em que os Comerciantes do Centro Comercial de Corumbá iniciaram suas atividades.....	72
Gráfico 37 - Como era a estrutura das lojas do Centro Comercial de Corumbá quando iniciaram suas atividades.....	73
Gráfico 38 - Produtos comercializados pelos comerciantes do Centro Comercial de Corumbá.....	73
Gráfico 39 - Procedência dos produtos comercializados pelos Comerciantes do Centro Comercial de Corumbá.....	74
Gráfico 40 - Motivo das mudanças na qualidade dos produtos comercializados pelos Comerciantes do Centro Comercial de Corumbá.....	75
Gráfico 41 - Renda mensal dos Comerciantes do Centro Comercial de Corumbá.....	75
Gráfico 42 - Qual a outra atividade dos Comerciantes do Centro Comercial de Corumbá	76
Gráfico 43 - Qual a outra fonte de renda dos comerciantes do Centro Comercial de Corumbá.....	76
Gráfico 44 - Quanto os comerciantes do Centro Comercial de Corumbá ganham na outra fonte de renda.....	77
Gráfico 45 – Valor do Imposto pago pelos comerciantes do Centro Comercial de Corumbá.....	77
Gráfico 46 – Perfil dos clientes do Centro Comercial de Corumbá.....	78
Gráfico 47 – Percepção dos comerciantes do Centro Comercial de Corumbá sobre a qualidade dos produtos vendidos na Feira BrasBol.....	78
Gráfico 48 - Percepção dos comerciantes do Centro Comercial de Corumbá sobre o	

preço dos produtos vendidos na Feira BrasBol.....	79
Gráfico 49 - Por que o comércio dos bolivianos não traz investimentos para a região.....	80
Gráfico 50 - Dia de maior movimento no comércio do Centro Comercial de Corumbá.....	81
Gráfico 51 - Os comerciantes do Centro Comercial de Corumbá tem clientes bolivianos..	81
Gráfico 52 - Faixa etária dos clientes da Feira BrasBol.....	82
Gráfico 53 - Naturalidade dos clientes da Feira BrasBol.....	83
Gráfico 54 - Residência dos clientes da Feira BrasBol.....	83
Gráfico 55 - Profissão dos clientes da Feira BrasBol.....	84
Gráfico 56 - Renda mensal dos clientes da Feira BrasBol.....	84
Gráfico 57 - Estado civil dos clientes da Feira BrasBol.....	85
Gráfico 58 - Quantidade de filhos dos clientes da Feira BrasBol de Corumbá.....	85
Gráfico 59 - Frequência em que os clientes comprem na Feira BrasBol.....	86
Gráfico 60 - Que produtos os clientes comprem na Feira BrasBol.....	86
Gráfico 61 - Onde se hospedam os turistas que visitam a Feira BrasBol.....	87
Gráfico 62 - Motivo da vinda dos turistas que visitam a Feira BrasBol.....	87
Gráfico 63 - Frequência das vindas dos turistas que visitam a Feira BrasBol.....	88
Gráfico 64 - Tempo de permanência na cidade dos turistas que visitam a Feira BrasBol...	88
Gráfico 65 - Há quanto tempo os turistas conhecem a Feira BrasBol.....	89
Gráfico 66 - O que os usuários da Feira BrasBol acham do preço dos produtos.....	90
Gráfico 67 - O que os usuários da Feira BrasBol acham que deveria ser melhorado na Feira.....	90
Gráfico 68 - Produtos vendidos na Feira BrasBol que não são encontrados no Centro Comercial.....	91

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 FRONTEIRA E PRÁTICAS COMERCIAIS.....	15
2.1 Conceitos de fronteira.....	15
2.2 Territorialidade e rede no comércio da fronteira.....	19
3 IMPRESSÕES DA FRONTEIRA BRASIL-BOLÍVIA EM CORUMBÁ.....	24
3.1 Comércio na fronteira Brasil-Bolívia: um esboço.....	28
4 COMÉRCIO NA FRONTEIRA BRASIL-BOLÍVIA: UM ESTUDO DE CASO	47
4.1 A Feira BrasBol.....	47
4.1.1 História e composição.....	50
4.1.2 Comercialização, clientela, relações de trabalho e renda.....	56
4.2 O centro comercial de Corumbá.....	67
4.2.1 Seus comerciantes.....	67
4.2.2 Comercialização, clientela, relações de trabalho e renda.....	72
4.2.3 A percepção sobre a BrasBol e do comércio de Corumbá.....	78
4.3 Os usuários da Feira BrasBol.....	82
4.3.1 Perfil.....	82
4.3.2 Percepção sobre a BrasBol.....	89
4.4 Resultados.....	91
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	95
REFERÊNCIAS	97
APÊNDICE A	100
APÊNDICE B	102
APÊNDICE C	104

1 INTRODUÇÃO

Apesar da fronteira Brasil-Bolívia em Corumbá apresentar infinitas possibilidades de investigação acadêmica, até o momento existem poucos estudos sobre ela. Talvez a escassez de estudos sobre essa região de fronteira possa ser explicada pela situação duplamente marginal que a tem caracterizado. Talvez por estar isolada de outras cidades do estado e dos grandes centros nacionais, quer pela distância, quer pelo peso político menor que possui.

Conforme Xavier (2007, p. 39), desde a década de 1990, com a abertura das importações, o comércio com a Bolívia começou a florescer nessa fronteira e vem se intensificando e estruturando cada vez mais. Podemos encontrar uma pequena bibliografia voltada para o comércio na fronteira Brasil-Bolívia, porém, a maioria delas está desatualizada.

O objetivo deste estudo é contribuir para o desenvolvimento do conhecimento sobre o comércio varejista de fronteira, seus aspectos econômicos, sociais e históricos, visando municiar o poder público no sentido da implementação de políticas de desenvolvimento local, conhecimento esse que leve a uma avaliação mais precisa da região nesses aspectos e que propicie a elaboração de projetos, ações e políticas que visem o desenvolvimento da região fronteiriça.

Para tanto, buscou-se traçar a história da Feira BrasBol; verificar o perfil sócio-demográfico e econômico dos/das seus comerciantes; analisar a percepção que os comerciantes da Feira e do centro comercial de Corumbá, bem como os frequentadores da Feira BrasBol, têm acerca do comércio realizado na Feira; verificar as condições de vida, de trabalho e as relações de comércio realizado na Feira BrasBol e aferir o impacto desse comércio no desenvolvimento da cidade de Corumbá.

O estudo foi desenvolvido em três etapas: revisão bibliográfica através de consultas em livros, artigos, monografias, jornais antigos (encontrados no Instituto Luiz de Albuquerque – ILA), etc.; levantamento de dados na Feira BrasBol, através de documentos encontrados no escritório da Associação e de entrevista com o Presidente da Associação; realização de entrevistas e aplicação de questionários mistos em todos os comerciantes que vendem os produtos na Feira BrasBol e que se dispuseram a respondê-los (84 comerciantes, sendo que alguns desses possuem 2 barracas, totalizando 97 barracas, de um total de 156 barracas); em todos os comerciantes do centro comercial de Corumbá

(delimitado entre as ruas: Antonio Maria, Delamare, 15 de Novembro, 13 de Junho e Frei Mariano) que vendem os mesmos produtos vendidos na Feira BrasBol e que se dispuseram a respondê-los (36 comerciantes, de um total aproximado de 60); e em 30 clientes da Feira BrasBol, escolhidos aleatoriamente (qualquer cliente que passasse pelos locais onde eu estava e se dispusesse a responder ao questionário), em três dias distintos: 5ª feira, 6ª feira e Sábado, por serem os dias de maior movimento na Feira. Apliquei o questionário em 30 clientes da Feira por achar um número satisfatório para atingir os meus objetivos. Pretendia ainda, fazer coleta de dados na Secretaria de Fazenda, verificando os impostos pagos pelos comerciantes do centro comercial de Corumbá, porém, fui impedida porque na Secretaria de Corumbá não se tem mais acesso a essas informações e, na Secretaria de Campo Grande disseram que não poderiam passar a informação para evitar a quebra de sigilo fiscal.

Trata-se de uma pesquisa quali-quantitativa semi-estruturada no ponto de vista do levantamento das informações.

Após a tabulação e análise dos dados foi feito um diagnóstico detalhado sobre os resultados da pesquisa com as devidas considerações.

No primeiro momento, trataremos do tema fronteira e práticas comerciais, onde discorreremos sobre conceitos de fronteira sob o enfoque de alguns dos principais teóricos e sobre territorialidade e rede no comércio de fronteira. Em seguida, faremos um histórico da fronteira Brasil-Bolívia da região de Corumbá e um esboço histórico sobre o comércio na fronteira Brasil-Bolívia (Corumbá-*Puerto Quijarro*), onde serão relatadas as peculiaridades dessa região de fronteira, historiando as suas origens e transformações. Finalizando, apresentaremos um estudo sobre a Feira BrasBol.

A pesquisa foi analisada e aprovada pelo comitê de ética da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

2 FRONTEIRA E PRÁTICAS COMERCIAIS

2.1 Conceitos de fronteira

De acordo com Steiman e Machado (2002, p. 4), para uma parte da literatura consultada, é no período entre os sécs. XIII e XIV que surge a palavra fronteira na maioria das línguas européias. Conforme Nogueira (2007, p. 29), o conceito de fronteira remete ao latim “*front*”, in front, às margens. Para ele a regra geral de fronteira é um espaço definido pelo outro (pessoa) que está num centro (etnocêntrico), sendo, portanto, subordinado. A palavra fronteira não foi originalmente aplicada a uma linha e sim a uma área.

As origens políticas do conceito de fronteira estão associadas à formação dos Estados-nacionais, que no seu processo de consolidação tiveram que demarcar as linhas divisórias, a fim de estabelecer a ordem e instituir o poder. “Etimologicamente, a palavra fronteira é “derivada do latim “*fronteria*” ou “*frontaria*”, e indicava a parte do território situado “*in fronte*”, ou seja, nas margens, consignando, portanto, uma qualidade e não uma entidade” (NOGUEIRA, 2007, p. 27). Foucher (*apud* NOGUEIRA, 2007, p. 29) afirmou que a origem do nome fronteira deriva de “*front*”, “*la ligne de front*”, ou seja, da guerra.

De acordo com Pesavento (2002, p. 35), todas as fronteiras, antes de serem marcos físicos ou naturais, são simbólicas. São marcos, sim, mas sobretudo de referência mental que guiam a percepção da realidade. Elas nos trazem imensas possibilidades, uma delas é a riqueza de nossas diversidades culturais. Podemos observar isso em Corumbá, MS, que possui uma riquíssima diversidade cultural.

E cultura, segundo Laraia (2001), é a lente que propicia o homem a ver o mundo por meio da herança condicionante. E essa herança cultural leva o indivíduo a reagir depreciativamente em relação ao comportamento daqueles que agem fora dos padrões aceitos pela comunidade. Por isso, discriminamos o comportamento desviante, levando aos conflitos sociais. Porém, o discriminado embasa na força: da sobrevivência natural e do grupo que se estabelece à margem, nos limites da fronteira, tanto geográfica, econômica quanto cultural. Então, na fronteira geográfica as fronteiras culturais cruzam-se, mesclam-se, passando os sujeitos a (re)compor suas identificações culturais e étnicas com a sociedade de acolhimento.

Essa autonomia é regida pela vida social através do conceito de liberdade, estabelecendo a soberania do indivíduo dentro do limite da fronteira que se encontra com o limite do outro, que atua sob o pacto do espírito moral da mútua tolerância.

Dessa forma a ênfase na história como fator constituinte da região remete para a importância maior dos fatores sociais em confronto com os fatores de ordem física ou da paisagem. Mas remete, principalmente, para uma visão sistêmica da regionalização como processo. Nesse processo pesa, sem dúvida, a constatação de identidades internas, mas pesa, igualmente, o deslocamento produzido pelas diferenças vindas do mundo externo.

Os significados de limites e fronteiras evoluíram consideravelmente desde que o homem surgiu, sem nunca desaparecerem. No decorrer da história os significados do limite tiveram muitas variações. Segundo Raffestin (1993, p.165), não há por que se admirar, pois o limite é um sinal ou, mais exatamente, um sistema sêmico utilizado pelas coletividades para marcar o território: o da ação imediata ou o da ação diferenciada.

Durante o período medieval as fronteiras foram mal definidas, mal delimitadas e mal demarcadas. A unicidade que havia foi fragmentada. A zona/região de fronteira era uma área, ou seja, possuía largura (e não só extensão, como no caso do limite) de modo a cumprir o objetivo de separação e não de contato. É o que se poderia chamar de fase da fronteira zonal. Ela possuía vários significados: posto avançado, declive defensivo, etc. Fronteira zonal é sobretudo a expressão de uma informação insuficiente. A fronteira não significava um limite rigoroso. Havia uma flexibilidade, era maleável. Havia uma fragmentação do território. Ele foi unificado nesse período pela religião. O limite era muito estreito, era o brasão da sociedade (das famílias). Os limites eram definidos pelas relações familiares. (informação verbal)¹

Segundo Raffestin (1993, p. 167), com o aparecimento do Estado moderno as coisas mudaram, graças ao surgimento do mapa, que é o instrumento ideal para definir, delimitar e demarcar a fronteira. Porém, a linha que divide a fronteira é materializada apenas nos mapas, pois na realidade ela é imaginária. Para Steiman e Machado (2002, p. 4), há um consenso na literatura, de que é com o advento do Estado Moderno que a fronteira linear, precisamente delimitada e demarcada, vai se tornar imprescindível, já que para se impor o Estado precisou, inicialmente, lançar as bases de sua soberania territorial. Raffestin (1993, p. 167), afirma que

¹ Anotações de aula do Prof. Dr. Marco Aurélio Machado de Oliveira, na UFMS, em Corumbá, abril de 2008.

a demarcação permite o exercício das funções legal, de controle e fiscal. Sendo assim, a linha fronteira adquire diferentes significados segundo as funções das quais foi investida.

Para ele, a função legal delimita uma área no interior da qual prevalece um conjunto de instituições jurídicas e normas que regulamentam a existência e as atividades de uma sociedade política. A função de controle tem por dever inspecionar a circulação dos homens, dos bens e da informação de uma maneira geral. Porém, o controle da informação se mostra muito difícil, na maioria dos casos. A função fiscal por muito tempo representou o papel de instrumento de política econômica por meio do protecionismo. A liberalização das trocas diminuiu muito a sua importância. A função ideológica é muito marcante hoje em dia e esconde os conflitos armados potenciais. A função militar é ambígua, pois só pode ser assumida num contexto estratégico convencional. Os armamentos sofisticados a esvaziaram, em grande parte, de todo significado.

De acordo com Raffestin (1993, p. 170), todo período de crise, toda insurreição, toda revolução se traduzem por modificações mais ou menos fortes nos sistemas de limites. Isso se torna a nova quadriculação na qual se instaura, por bem ou por mal, uma nova territorialidade.

Devido à sua construção histórica como divisor de soberanias, de disputa de poder e de defesa do território do Estado-nacional, a percepção de fronteira, principalmente para aqueles que estão localizados fora dela, é carregada de imagens de um lugar onde se desenvolvem as contravenções, o contrabando, a rota de fuga, a saída ou entrada daqueles que infringem a lei e a ordem em seus respectivos Estados.

Segundo Raffestin (2004, p. 9) o mito das fronteiras nacionais foi substituído pelo mito da eliminação das fronteiras nacionais. Nesse sentido a falta de reflexão a respeito do significado de fronteira resulta em uma falta de regras nos diversos sentidos do pensamento e da ação no significado do que é ser uma fronteira. Para o autor, essa mitologia não faz o menor sentido, já que o limite é uma necessidade incontornável, um mecanismo de regulação que garante a existência contra os perigos do caos.

Destaca, ainda, que o pensamento ocidental faz uma negação de toda uma história. E não somente da história que se deu conta de mudanças através do tempo, que não passam de uma projeção de preocupações internas, imediatas e precárias, e sim de uma história mais enraizada nos antigos ritos e práticas.

Para Nogueira (2007, p. 30), o conceito de fronteira política nos últimos anos vem sendo posto em questão pela pressão exercida pela economia, que força a liberdade de

movimento de determinados fatores, principalmente mercadorias e capitais. Resultado esse das mudanças inerentes ao próprio estado-nacional para ajustar-se ao mundo globalizado. Ele afirma que o “fim das fronteiras” atenderia aos objetivos da produção e da circulação realizados por grandes corporações presentes em vários países do mundo. Com isso, o mito das fronteiras nacionais foi substituído pelo mito da eliminação das fronteiras nacionais. Não é de hoje que se divulga a existência de “um mundo sem fronteiras”, argumento que foi robustecido quando da queda do muro de Berlim em 1989.

Porém, apesar desse argumento concreto, as fronteiras ainda estão em cena através dos mitos que perpassam a história. A nova fronteira, diferente daquelas definidas na formação dos Estados nacionais, convive hoje com as fronteiras dos blocos econômicos, que também buscam o rompimento da fronteira geográfica para a consolidação do poder.

Para Raffestin (2004, p. 12), a história não pode ser interpretável sem a fronteira, pois as sociedades foram sempre definidas pelas fronteiras que elas traçaram. Elas acompanham os movimentos dos povos e marcam as grandes viradas nas transformações das civilizações. Se as fronteiras são tão desnecessárias como os setores financeiros divulgam, porque os Estados Unidos vigiam cada vez mais sua fronteira com o México e a Europa aumenta cada vez mais o controle em relação aos imigrantes?

Atualmente as fronteiras estão deixando de ser vistas como um espaço que separa, passando a ser um espaço de reflexão e integração, aproximações culturais diversas e solidariedades, como se observa na fronteira Corumbá-Puerto Quijarro-Puerto Suarez.

Benveniste, referenciado por Raffestin (2004, p. 10), afirma que a noção de fronteira é ao mesmo tempo material e moral. Num sentido mais amplo da palavra fronteira, ela não é somente um fato geográfico delimitado por linha imaginária, mas também é um fato social de uma riqueza considerável pelas conotações religiosas nele implícitas. Nesse contexto, as fronteiras nascem das diferenças impostas pelos costumes, valores morais e sociais de uma sociedade. Assim ela é entendida como um “processo que desemboca em processo cuja sequência pode ser resumida em quatro momentos: diferenciação, tradução, relação e regulação” (RAFFESTIN, 2004, p. 11).

A exemplo dessas diferenças impostas pode-se ver a hierarquia social presente no cemitério Santa Cruz, o mais antigo da cidade de Corumbá-MS. Em seu interior pode-se observar analogicamente a reprodução da cidade, no qual se contata a existência de fronteira econômica entre sua população. Neste sentido os brasões de família presentes no local são a simbologia real das diferenças sociais existentes.

Este estudo sobre a problemática fronteiriça entre Brasil-Bolívia parte do pressuposto de que a fronteira é um cenário do indivíduo autônomo, que possibilita a ação econômica para expressar a necessidade de sobrevivência de uma cultura.

Percebe-se na fronteira Brasil-Bolívia, em Corumbá, a falta de um instrumento para intensificar as inter-relações das comunidades fronteiriças, primeiro passo rumo a uma efetiva integração. As regiões fronteiriças ou transfronteiriças, na prática, ainda não contam com legislação específica nem com projetos de estímulo realmente orientados para elas. A ação, quando empreendida, tem partido dos governos nacionais que atuam no âmbito supranacional sobre suas respectivas regiões fronteiriças, descaracterizando a interação local.

As iniciativas locais de integração em muitas regiões de fronteira derivam do interesse delas se afirmarem como saídas preferenciais de escoamento ou como regiões de turismo mais destacadas. Não é por acaso que um dos principais fatores a intervir na promoção da cooperação é a existência de uma elite política *local* empreendedora, que esteja disposta a investir tempo, esforços e dinheiro em promover o desenvolvimento de redes transfronteiriças (GANSTER et al., *apud* STEIMAN & MACHADO, 2002, p. 9-10). Em Corumbá a atual administração municipal vem buscando essa integração com a Bolívia através de encontros e acordos binacionais.

2.2. Territorialidade e rede no comércio da fronteira

Atualmente a palavra rede é empregada em numerosos campos de investigação, visando objetivos diferenciados. Isso se deve, em grande parte, aos progressos da ciência informática e dos sistemas de telecomunicação. Do ponto de vista geográfico, a utilização das redes como instrumento heurístico se deve à representação da ação à distância, associada à extensão territorial. As redes ajudam a compreender a relação entre território e ação à distância e esclarecem o próprio conceito de território, pois, segundo Raffestin (1981), as redes constituem um meio de produzir o território.

A densidade e a diversidade das redes presentes no espaço geográfico são fatores essenciais para determinar os limites do território. As redes podem ser classificadas em: redes naturais (rede fluvial; rede de caminhos), redes infra-estruturais ou técnicas (transporte; comunicação), redes transacionais (poder econômico-político) e redes informacionais (cognitivas). De acordo com Dias (2007, p. 11), contemporaneamente os fluxos atravessam fronteiras e introduzem uma nova ordem de problemas advindos de sistemas reticulares cada

vez mais libertos de controle territorial. Os fluxos migratórios se ampliam e formam regiões transfronteiriças, que rompem os limites territoriais dos estados nacionais.

O que determina o valor do espaço são sua organização e utilização ou a possibilidade de organizá-lo e utilizá-lo. Ele é, além de suporte físico, forma social que recebe seu sentido dos processos sociais que se expressam por meio dele. O conceito de configuração espacial se refere aos suportes físicos e às relações sociais.

Todo território é definido e delimitado segundo as relações de poder, domínio e apropriação que nele se instalam. A territorialidade é a relação entre os agentes sociais, políticos e econômicos, interferindo na noção de espaço geográfico. Ela pode ser entendida com a totalidade das questões concretas e abstratas, objetivas e subjetivas, materiais e imateriais, emotivas e perceptivas. A compreensão do território exige o conhecimento de sua territorialidade. Um território é composto por várias territorialidades. São os processos sociais que produzem, modificam, sustentam, reforçam e conservam determinado território. De acordo com Saquet (2007, p. 79), historicamente as sociedades se territorializam, desterritorializam, numa sucessão de diferentes territorialidades materiais e imateriais.

Para Haesbaert (2005, p. 6776), a territorialidade, além de incorporar uma dimensão estritamente política, diz respeito também às relações econômicas e culturais, pois está intimamente ligada ao modo como as pessoas utilizam a terra, como elas próprias se organizam no espaço e como elas dão significado ao lugar. Ele afirma que todo território é, ao mesmo tempo e obrigatoriamente, em diferentes combinações, funcional e simbólico, pois exercemos domínio sobre o espaço tanto para realizar “funções” quanto para produzir “significados”. O território é funcional a começar pelo território como recurso, seja como proteção ou abrigo, seja como fonte de “recursos naturais”.

De acordo com Raffestin (*apud* SAQUET, 2007, p. 76), a territorialidade é compreendida como relacional e dinâmica, variando no tempo e no espaço, com um caráter (i)material ligado aos três mundos: do real, das sensações e da representação.

O autor conceitua territorialidade com um caráter relacional: produto de uma coletividade, na qual os indivíduos mantêm relações entre si. Embora indique uma compreensão múltipla da territorialidade, dá ênfase à dimensão política.

O Brasil confere, no contexto regional, importância prioritária às relações com a Bolívia, pois com ela compartilha a sua mais extensa faixa de fronteira, a dupla condição de país amazônico e platino e os benefícios da construção do gasoduto.

Há uma troca cultural constante entre brasileiros e bolivianos na fronteira Brasil-Bolívia em Corumbá, através do comércio. São povos de culturas distintas que convivem com o fenômeno fronteira, realizando um exercício de interação, aproximação. Observe a foto 1, em que brasileira e boliviana trabalham juntas na mesma barraca, na Feira BrasBol:



Figura 1: Vendedoras brasileira e boliviana na Feira BrasBol, em Corumbá-MS, 2009

Fonte: Arquivo particular da autora.

Através da identidade fronteiriça, o fenômeno fronteira passa a ser o elemento comum que liga os diferentes integrantes da sociedade local, diferenciando-os dos demais. Os jornais e noticiários locais divulgam o que se passa no cotidiano dessas comunidades, estampando os fatos que ocorrem no cenário do espaço fronteiriço, reforçando (ou negando) determinados valores, atitudes e comportamentos.

E nessa direção identitária vale questionar se o que faz a região é o espaço ou, ao invés dele, o tempo, a história. Para Bois (*apud* Pozenato 2003, p. 4), não há dúvida: é a história. Se a região se apresenta como um espaço, ela é um espaço definido por uma história diferente da do espaço vizinho e externo.

Existe uma comunicação própria na Feira BrasBol. As informações importantes são transmitidas aos comerciantes através de alto-falantes. Todos naquele local têm o mesmo objetivo: vender o seu produto. Verificamos, portanto, a constituição de uma rede econômica.

A maioria dos comerciantes bolivianos que vende seus produtos nas feiras de Corumbá não tem outro negócio lá na Bolívia, portanto, eles têm uma múltipla territorialidade temporal, pois abrem mão de um espaço para atender a outro temporariamente. A maioria dos produtos comestíveis comercializados pelos bolivianos é adquirida no Brasil. Há uma divisão do trabalho entre o homem e a mulher bolivianos. Existe uma estrutura familiar. No conceito de trabalho dos bolivianos quem trabalha é a mulher. Podemos observar isso nas Feiras Livres de Corumbá, onde, na maioria das vezes, o boliviano transporta os produtos, arma a barraca na feira e a mulher fica ali durante toda a manhã, geralmente acompanhada dos seus filhos menores, vendendo o seu produto. Constatei isso também na Feira BrasBol, através da minha pesquisa, em que a maioria das comerciantes é do sexo feminino. Veja a foto 2, em que a comerciante boliviana trabalha acompanhada por seu bebê:



Figura 2: comerciante boliviana vendendo seus produtos na Feira Livre de Corumbá, acompanhada por seu bebê, 2009

Fonte: Arquivo particular da autora.

Para os bolivianos as crianças devem aprender a trabalhar desde cedo. Isso é uma questão cultural e de dignidade para eles. É comum vermos nas ruas do centro comercial de

Corumbá crianças comercializando, às vezes acompanhadas de pai ou mãe, à vezes sozinhas, em determinado período do dia, como demonstra a foto 3:



Figura 3: crianças bolivianas trabalhando no centro de Corumbá, 2009

Fonte: Arquivo particular da autora.

Os vendedores ambulantes, na maioria bolivianos, são constantemente fiscalizados por equipes da Prefeitura Municipal e retirados das calçadas da área central da cidade, para coibir a comercialização de produtos importados, principalmente, além de DVDs piratas e outros materiais. Porém, no dia seguinte já estão de volta, comercializando no mesmo local.

3 IMPRESSÕES DA FRONTEIRA BRASIL-BOLÍVIA EM CORUMBÁ

Corumbá e Ladário situam-se no extremo oeste de Mato Grosso do Sul. Dentro do território brasileiro, distanciam-se mais de duzentos quilômetros da cidade mais próxima, Miranda; a quatrocentos e trinta e cinco quilômetros de Campo Grande, capital do estado de Mato Grosso do Sul. Distanciam-se de *Puerto Quijarro* menos de cinco quilômetros e menos de quinze quilômetros de *Puerto Suarez*, ambas cidades bolivianas. Corumbá está à margem direita do rio Paraguai e seu marco central está localizado a cento e dezoito metros de altitude.

De acordo com Tito Carlos Machado de Oliveira (2009, p. 5), a semi-conurbação entre as cidades brasileiras de Corumbá e Ladário com as cidades bolivianas de Puerto Suarez e Puerto Quijarro é um exemplo de integração com fortes assimetrias e porosidades.

Corumbá é uma cidade peculiar, devido à sua história, sua geografia e sua economia. Fundada em 21 de setembro de 1778 pelo Capitão-General Luiz de Albuquerque, foi ela inicialmente denominada Albuquerque. Conforme Corrêa (1980, p. 5), Corumbá surgiu como uma guarnição de fronteira e um núcleo de povoamento no final do século XVIII. Em meados do século seguinte, adquiriu uma função econômica que lhe conferiu vitalidade como centro urbano.

O Rio Paraguai é de vital importância para o desenvolvimento econômico da cidade. Através dos seus, aproximadamente, 3.400 Km, Corumbá exporta produtos como minério de ferro, manganês e cimento, extraídos na região. As águas do Rio Paraguai banham diversos países latino-americanos, com os quais o Brasil (e Corumbá) mantém negócios: Argentina, Bolívia, Paraguai e o Uruguai.

Corumbá é chamada de “Cidade Branca”, devido à cor clara de sua terra (isso é uma construção recente) e é conhecida como a Capital do Pantanal, pois é a principal cidade desse “paraíso ecológico”, que se limita entre os estados de Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Bolívia e Paraguai, pois, 70% dos 65.000 km² do município são de pantanais.

O Pantanal é hoje centro de discussões e olhares os mais diversos. A região forma um mosaico de ecossistemas de fundamental importância para a vida presente e futura, entre outros motivos, por seus benefícios econômicos, como a pesca. Apesar do Pantanal ser a maior planície de inundação contínua do mundo, ele passa por desafios ligados à poluição, queimada e projetos hidrológicos, além de outros problemas que vêm se desenvolvendo há pelo menos uma década.

Conforme Oliveira (2009, p. 5), Corumbá está assentada sobre uma laje de rocha calcária, o que a torna severamente quente e úmida (mesmo com baixa pluviosidade) dioturnamente. O município é formado por seis distritos: Albuquerque, Amolar, Coimbra, Nhecolândia, Paiaçuás e Porto Esperança. Sua área total é de 64.961 Km², fazendo, ao norte, fronteira com o estado de Mato Grosso; ao sul, com Porto Murtinho; a leste, com Bodoquena, Miranda, Aquidauana, Rio Verde de Mato Grosso, Coxim e Pedro Gomes; e, a oeste, com as Repúblicas da Bolívia e do Paraguai.

Corumbá é servida por rodovia asfaltada (BR-262) e por linha aérea. Possui uma rodoviária interestadual/internacional, com linhas diretas para Campo Grande e Puerto Quijarro e Corumbá/São Paulo e um aeroporto internacional, que recebe atualmente voo diário de apenas uma empresa aérea (a Trip). O transporte fluvial é realizado através do rio Paraguai – Hidrovia Paraguai/Paraná, tendo como destino/origem Cáceres, em Mato Grosso e portos de países da Bacia do Prata (Bolívia, Paraguai, Argentina e Uruguai). O trem de passageiros está desativado há vários anos, apesar das constantes promessas políticas de seu retorno.

As maiores atividades econômicas de Corumbá são o turismo, as exportações minerais, a pecuária e o comércio fronteiriço. Existe uma estrutura física com grande reserva de minério de ferro e manganês nas morrarias do Urucum, Mutum e Jacadigo que, do lado brasileiro, incorpora três empresas exploradoras.

Corumbá possui uma arquitetura singular, com suas simétricas ruas traçadas, tendo como base o curso do Rio Paraguai, além de muita influência da arquitetura européia, devido à grande afluência de estrangeiros para a cidade em fins do século XIX e início do século XX, atraídos pelo florescente comércio na região.

O Brasil é o segundo parceiro comercial da Bolívia (depois dos EUA) e é considerado por aquele país, fonte privilegiada de investimentos e promissor mercado de suas riquezas minerais e insumos energéticos.

Existe um grande intercâmbio cultural e integração entre as cidades brasileira e boliviana. O movimento mútuo dos fronteiriços, intensificado a partir da década de 1980, consolidou laços que hoje se revelam no parentesco binacional, com a constituição de famílias pertencentes às duas nacionalidades. Quem mora em Corumbá geralmente conhece na cidade pelo menos uma família constituída por brasileiros e bolivianos. Possivelmente os vizinhos bolivianos vêm em Corumbá uma possibilidade de melhor condição de vida. Eles

se fazem presentes em todos os cantos da cidade, como feiras, mercados, escolas, praças, postos de saúde, restaurantes, etc.

O “portunhol” é muito falado pelos bolivianos que comercializam seus produtos em Corumbá. O espanhol não é ensinado nas escolas de Corumbá e nem o português no lado boliviano, apesar da proximidade das regiões. Existe em Corumbá um Projeto de Lei municipal que torna obrigatório o ensino de língua espanhola nas escolas municipais, mas isso ainda não foi implantado. De acordo com a Lei 11.161, sancionada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva em agosto de 2005, a partir de agosto de 2010 as escolas públicas e privadas brasileiras terão que inserir, obrigatoriamente, no currículo do Ensino Médio, aulas de Língua Espanhola. Porém, a matrícula do aluno será facultativa, isto é, ele decide se quer ou não fazer. As dificuldades para a oferta do idioma na rede pública estão na falta de planejamento, de professores e de material didático.

Assim como as demais fronteiras brasileiras, a fronteira Brasil-Bolívia é mal vigiada, vítima de transgressões, tais como tráfico de drogas, etc. Percebe-se claramente que existem falhas no controle desta fronteira, o que possibilita o contrabando, a saída ou entrada daqueles que infringem a lei e a ordem em seus respectivos estados, etc. Há um número muito grande de roubo de carros e motos na cidade de Corumbá, os quais são levados à Bolívia e vendidos a preços muito baixos. Isso é possibilitado não apenas pela falha na fiscalização, mas também devido à legislação do lado boliviano, que permite aos bolivianos a aquisição de bens de qualquer origem.

Existe um grande fluxo de trabalhadores tanto no lado brasileiro como no lado boliviano. É comum o investimento de empresários nos dois lados da fronteira, possuindo eles, muitas vezes, lojas em ambos os lados. No lado brasileiro, a maior parte dos bolivianos trabalha nas feiras e ruas, vendendo seus produtos. No lado boliviano, os brasileiros trabalham principalmente no shopping e na feirinha boliviana.

Observa-se que a mão de obra procedente da Bolívia tem características de mão-de-obra não especializada, geralmente são artesãos ou trabalhadores no comércio e em feiras livres. Por outro lado, a mão-de-obra brasileira que vai para a Bolívia, caracteriza-se por um certo nível de especialização, constituindo-se, em geral, de técnicos e comerciantes.

Devido ao preço mais barato da terra, poucas restrições na proteção ambiental, da extração de madeira nobre, e baixos impostos, muitos corumbaenses estão procurando o lado boliviano para morar. A pesca predatória também não é fiscalizada. Ela pode ocorrer durante todo o ano, sem período de defeso. Isso pode ocasionar a diminuição no recurso pesqueiro,

tanto no lado boliviano como no lado brasileiro. Acredito que deve existir uma maior integração entre o Brasil e a Bolívia para que isso seja mudado.

Os serviços de saúde do Hospital Beneficência Corumbaense e dos postos de saúde de Corumbá constituem poderoso atrativo para cidadãos bolivianos da fronteira, porque suas cidades não têm assistência adequada e não existe serviço público da saúde na Bolívia para a população de 1 a 60 anos (exceção para grávidas). As escolas públicas e particulares corumbaenses também são muito frequentadas por bolivianos. Por esses e outros motivos, o município deveria receber mais recursos financeiros que os outros, porém, isso não acontece.

Um estudo da área de saúde, realizado no período de novembro de 2003 a fevereiro de 2004 por Leite e Krawiec, destacou os gastos do SUS com o atendimento ambulatorial à população boliviana: “o valor gasto pelo SUS com o atendimento a bolivianos correspondeu a 4,83% do que extrapolou o teto financeiro”. No atendimento hospitalar, isto “correspondeu a 4,68% do valor produzido pelo hospital Sociedade Beneficência Corumbaense” (LEITE e KRAWIEC *apud* MARQUES, 2007, p. 13).

Em 2005, o Governo brasileiro, através do Ministério da Saúde, com a finalidade de integrar ações e serviços de saúde nas regiões fronteiriças do Brasil, instituiu o Sistema Integrado de Saúde das Fronteiras - SIS FRONTEIRAS (Portaria GM 1.120), tendo como objetivo principal:

contribuir para o fortalecimento e a organização dos sistemas locais de saúde dos municípios fronteiriços. Para isso, faz-se necessário mensurar diversos aspectos de forma quanti-qualitativamente. Entre eles: aspectos sócioeconômicos; aspectos geográficos; aspectos epidemiológicos, sanitários, ambientais; e aspectos assistenciais.²

O SIS-FRONTEIRAS é uma importante estratégia para uma futura integração entre os países da América Latina. Porém, até o momento ainda não foi colocado em funcionamento.

Vive-se, na fronteira, o desafio da definição: cá, lá; nós, outros. Percebe-se em Corumbá a exclusão e o preconceito com relação aos bolivianos. Preconceito esse, não só por parte de brasileiros, mas de boliviano para boliviano também. Historicamente todos os povos

² <http://portal.saude.gov.br/> **Portaria 1.120/05** -Ato Portaria nº. 1.120/GM de 6 de julho de 2005. Institui o Sistema Integrado de Saúde das Fronteiras - SIS FRONTEIRAS; **Portaria Nº 1.188, de 5 de junho de 2006**. Dá nova redação a Portaria nº 1.120/GM, que instituiu o Sistema Integrado de Saúde das Fronteiras – SIS FRONTEIRAS. São contemplados 121 municípios fronteiriços do Brasil, dentre eles 12 são da faixa de fronteira do Estado de Mato Grosso do Sul com a Bolívia e o Paraguai (Antônio João, Aral Moreira, Bela Vista, Caracol, Coronel Sapucaia, Corumbá, Japorã, Mundo Novo, Paranhos, Ponta Porá, Porto Murtinho e Sete Quedas).

tiveram, no início das suas relações, a questão do preconceito. Apesar desta fronteira, assim como as outras, se constituir num lugar de identidades que se manifestam de maneira diferenciada, devemos aprender a conviver melhor e a respeitar mais nossos vizinhos bolivianos, pois um depende do outro.

A preocupação atual de todos os países do MERCOSUL (Brasil, Paraguai, Uruguai, Argentina e Venezuela) é a solidificação de seu desenvolvimento econômico e social. Necessita-se de uma política social afinada com essas demandas, a fim de promover um desenvolvimento global de todos os países envolvidos. A integração entre esses países pode ocorrer por meio das relações artístico/culturais, o que possibilitará a expansão do conhecimento, através da diversidade cultural, chegando além das linhas imaginárias que delimitam os países. Essa integração já vem ocorrendo na cidade de Corumbá, MS.

Conforme Ribenboim (2002, p. 169), temos a certeza de que, ao nos debruçarmos juntos sobre as imensas possibilidades que nos trazem as fronteiras, poderemos aproveitar a riqueza de nossas diversidades culturais.

3.1 Comércio na fronteira Brasil-Bolívia: um esboço

Uma primeira fase do desenvolvimento comercial de Corumbá correspondeu ao curto período anterior à invasão paraguaia no sul de Mato Grosso. De acordo com a historiadora sul-matogrossense Lúcia Salsa Corrêa (1980, p.6), após superar as seqüelas da invasão paraguaia e de ser um dos palcos do movimento de retomada dos territórios brasileiros invadidos, Corumbá iniciou a sua segunda fase de desenvolvimento comercial. Conforme a mesma autora, o crescimento do centro urbano de Corumbá contou com a atuação decisiva do elemento estrangeiro no comércio, constituindo-se nessa ocasião num novo componente da economia matogrossense. Corumbá urbanizou-se “sob o impulso do movimento fluvial e mercantil, aumentando significativamente o número de casas comerciais e de estrangeiros atraídos pela florescente praça comercial matogrossense” (CORREA, 1980, p.85).

Após a Guerra do Paraguai, com a abertura dos portos, Corumbá foi (re)construída por estrangeiros de diversas nacionalidades. As atividades comerciais em Mato Grosso, de meados do século XIX até inícios do século XX, representaram uma alternativa viável graças à navegação fluvial do rio Paraguai, que garantiu a sobrevivência e o crescimento urbano de Corumbá. Como era o núcleo mercantil mais dinâmico de Mato Grosso, atraiu estrangeiros de diversas origens, tais como: italianos, portugueses, belgas, alemães, paraguaios, argentinos,

bolivianos, etc. Dentre eles, os que mais se sobressaíram foram os sírios e libaneses, devido à sua habilidade comercial.

Essa grande afluência de estrangeiros para Corumbá influenciou o modo de vida urbano, expressada nas construções realizadas em fins do século XIX e começo do XX, e também possibilitou o florescimento cultural da cidade. Isso pode ser observado na arquitetura de Corumbá, marcada pela imponência das fachadas do casario do porto, com seu ecletismo de estilos indicando uma época de prosperidade e ostentações. De acordo com Lécio Gomes de Souza, para Corumbá afluíam

mercadorias dos mais longínquos empórios, Havre, Liverpool, Manchester, Hamburgo, Paris, Londres, Southampton, Amsterdan, Lisboa, Porto e Gênova, desde rendas e tecidos franceses, maquinarias da Inglaterra e Alemanha, gêneros alimentícios da Holanda, vinhos portugueses e italianos, e do porto saíam os produtos da terra, couro, ipeca, charque, penas de garça e outras aves, etc. Aí se processava o transbordo para as embarcações menores, destinadas a Cuiabá, Cáceres, Miranda, Coxim e escalas, pois a navegação internacional era permitida até Corumbá, enquanto para o norte de Mato Grosso (Poconé, Cáceres e Cuiabá) utilizavam-se somente navios brasileiros. (SOUZA s/d, p.85)

Durante o final do século XIX e início do séc. XX, o predomínio das atividades comerciais sobre os demais setores da economia regional foi um dos principais aspectos da formação econômica dessa faixa de fronteira. Corumbá tinha posição de entreposto comercial, que abastecia todo o estado de Mato Grosso com mercadorias vindas da Europa, Buenos Aires ou de Montevidéu, ao mesmo tempo em que servia como porto de exportação do charque produzido no estado. Estava totalmente desvinculada dos centros econômico e político do Brasil e vinculada aos centros platinos.

Conforme Benevides e Leonzo (1999, p. 83), muitos comerciantes lucraram com a exportação de couros, peles e plumas de animais silvestres. Nessa época a caça era permitida e se constituía numa atividade lucrativa para muitos, sendo considerado um trabalho bem remunerado, seja nas fazendas ou em determinadas regiões de Mato Grosso. Além das exportações do couro, havia indústrias, dentro do próprio Estado, como em Campo Grande e Cuiabá, que fabricavam malas, arreios e solas.

As casas comerciais de Corumbá exerciam nesse período funções de compra, venda, importação, exportação, de transporte fluvial, representavam companhias seguradoras, incorporavam indústrias e dispunham até de seção bancária que, como intermediárias de bancos nacionais e estrangeiros, forneciam crédito, possibilitando a diversificação da produção mato-grossense.

A presença e atuação dos militares em Corumbá continuaram mesmo após o fim dos conflitos com os paraguaios, com o objetivo de defesa e de incentivar o desenvolvimento, pois a sua presença representava um envio regular de novos recursos. Apesar de estarem presentes em Corumbá até os dias de hoje, a importância econômica e política dos militares para a cidade foi diminuindo desde a segunda década do século XX.

As atividades produtivas em destaque na região de Mato Grosso naquela época eram a pecuária, a extração de erva mate, a exploração de minério de ferro e manganês, cal e cana-de-açúcar que, conforme Correa (1980, p.75), através do porto de Corumbá escoavam também produtos das demais regiões mato-grossenses, como a ipeca (poaia), fumo, café e açúcar das usinas do norte, borracha e erva mate.

O porto de Corumbá era considerado nessa época o terceiro maior porto fluvial da América Latina. A cidade de Corumbá atingiu seu apogeu como entreposto comercial na primeira década do século XX.

A Alfândega de Corumbá tinha um papel muito importante no Estado:

As mercadorias exportadas de Mato Grosso passavam pela alfândega de Corumbá e as mesas de rendas alfandegárias eram direcionadas para a Argentina, Uruguai e países da Europa. Os produtos vindos de Paris, Montevidéu, Assunção, Buenos Aires passavam por Corumbá ou pela mesa de rendas de Porto Murtinho e eram despachadas com destino à Bolívia, ao Rio de Janeiro, a Conceição e outras localidades. Toda produção saída da Bolívia para quaisquer partes da Europa e de países latinos passava pela alfândega de Corumbá. (ALFÂNDEGA DE CORUMBÁ, 1988, p. 11)

Contudo, tudo isso não gerou benefícios à população corumbaense. Possibilitou apenas o acúmulo de riquezas a um grupo de comerciantes (na maioria estrangeiros), que também dominou direta ou indiretamente a administração e a política da cidade.

Porém, fatores externos e internos motivaram profundas mudanças que se fizeram sentir em toda a região, e provocaram um processo gradativo de declínio no seu comércio importador e exportador a partir dos anos 1920. De acordo com Lúcia Salsa Corrêa (1997, p.88), o grande abalo nas atividades portuárias de Corumbá deu-se com as mudanças na conjuntura internacional resultantes da crise mundial de 1914-1918 e ocorreu igualmente uma mudança substancial na região meridional de Mato Grosso, com a construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil. A referida historiadora mostra o relatório em que o Intendente municipal, no ano de 1914, já reclamava da crise desoladora que havia se abatido sobre a cidade e da acentuada queda em sua arrecadação, levando-o a tomar medidas drásticas para

sanear as finanças da municipalidade. Corrêa cita os principais fatores do declínio do comércio fluvial de Corumbá:

O corte irreversível no desenvolvimento do comércio internacional do Porto corumbaense não só decorreu desse complexo e abrangente processo de transformações no mercado mundial, como também ressentiu-se com a instalação da estação ferroviária terminal da linha São Paulo-Mato Grosso, em Porto Esperança, inaugurada em 1914. (CORRÊA 1997, p.128)

A cidade de Corumbá acentuou seu declínio como centro comercial quando o rio Paraguai perdeu sua função de principal meio de comunicação e transporte na região de Mato Grosso. A construção e o funcionamento da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil desviou o fluxo dos transportes e comunicações da Bacia do Prata para o interior do país. Com isso, inverteu-se o pólo de irradiação dessa área, que através da ferrovia não mais procedeu das cidades platinas mais desenvolvidas, mas estabeleceu um vínculo direto com um extenso sertão do interior do Brasil.

De acordo com Gilberto Luiz Alves (1984, p. 69), o declínio da casa comercial de Corumbá deveu-se ao capital financeiro; fato salientado pelas mudanças verificadas no sistema de transporte: Estrada de Ferro Noroeste do Brasil. Nas palavras do autor: “Essa ferrovia foi financiada por capitais franco-belgas, exatamente num momento em que especialmente grupos belgas tinham grandes interesses econômicos localizados em Mato Grosso. A Brazil Land and Cattle Packing Co”. (ALVES, 1984, p. 69)

Conforme afirma Correa (1980, p. 101), o centro urbano de Corumbá sofreu nesse período pós-1914 um esvaziamento populacional, pois muitos comerciantes locais deslocaram-se para outras praças ou transferiram sua área de investimento para o campo (pecuária).

A partir da década de 1920, o eixo econômico do sul do Estado de Mato Grosso foi deslocado para Campo Grande, por ser mais próxima dos grandes centros econômicos do Sudeste do país, constituindo um fator de declínio para o comércio portuário de Corumbá e a perda gradual de sua posição de destaque em todo o estado. Campo Grande se consolidou como pólo de convergência da maior parte do gado bovino destinado aos frigoríficos paulistas (nos municípios de Araçatuba, Andradina e Barretos).

Conforme Oliveira Neto (2005, p. 158-159), a construção da rodovia Campo Grande - Cuiabá, em 1929, estabeleceu, aos poucos, a definitiva substituição dos rios pelas rodovias, na ligação com o norte do estado. Ela promoveu maior rapidez na comunicação da capital do estado com os centros políticos e econômicos da República, ao mesmo tempo em que fez de

Campo Grande a estação onde deveriam ser desembarcadas as mercadorias com destino a Coxim e Cuiabá. Campo Grande transformou-se, a partir de então, no grande entreposto comercial de Mato Grosso, capturando a função que vinha sendo exercida por Corumbá.

Textualmente:

Para Campo Grande a ferrovia estabeleceu novos ganhos, pois a diminuição radical do tempo de viagem propiciou a venda de gado diretamente para as indústrias de São Paulo, enquanto para Corumbá a política de fretes estabelecida pela NOB (que cobrava mais caro pelo transporte do charque que pelo transporte do gado em pé, que era mais volumoso) forçava a utilização do já decadente e deficitário transporte fluvial, tornando os produtos corumbaenses sem condições de competir no mercado internacional. (OLIVEIRA NETO, 2005, p. 154)

Por ocasião da crise mundial de 1929, período em que o mundo ocidental foi afetado por grave abalo econômico, cujo marco foi o desastre financeiro da Bolsa de Valores de Nova Iorque, o centro comercial de Corumbá enfrentou inúmeras oscilações.

Conforme Lindinalva Souza (2002, p. 36), isso não afetou gravemente o comércio de peles e plumas de animais silvestres e a exploração desses produtos continuou, de certo modo, salvando algumas empresas, com a exploração da matéria-prima para a exportação e reexportação, utilizando ainda as vias fluviais (navios a vapor), principalmente para os países do Prata. Esse comércio continuou até a década de 1960, ocasião em que, devido ao desaparecimento de certos animais e plantas pertencentes à fauna e flora pantaneira, começaram a ser redigidas leis contra a matança de animais silvestres e a sua comercialização.

Por outro lado, de acordo com Barros (1998, p. 238), desde 1920 o mercado do charque se deslocou, definitivamente, do eixo platino para o mercado interno, possibilitado pelo novo direcionamento dado pela Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (NOB). Enquanto isso, os comerciantes locais procuravam alternativas para superarem a crise mundial, a fim de sobreviver no comércio portuário. Enquanto algumas empresas eram fechadas, outras continuavam em pleno funcionamento, produzindo e comercializando seus produtos tanto em âmbito local, como nacional e internacional.

Conforme Brasil (1940, p.125), em 1937, sob a gestão do Presidente Getúlio Vargas, houve um “Acordo de Vinculação Ferroviária”, em que o Brasil se comprometeu a construir o ferro carril Corumbá-Santa Cruz de La Sierra, que ficou conhecida como Ferrovia Brasil-Bolívia. Esse trecho seria um passo a mais na ligação ferroviária transcontinental de Santos, no Atlântico, a Anca, no Pacífico. Essa estrada, que traria mercadorias do altiplano boliviano,

através de Mato Grosso, para um Porto no Atlântico, seria de alto interesse para o Estado, e representava um grande progresso, pois acelerava a sua economia. Para melhor administração dessa ferrovia, cujo trajeto até Santa Cruz de La Sierra perfazia um total de 620 quilômetros, foi criada a chamada Comissão Mista, instalada em Corumbá em setembro de 1938, o que motivou a imigração de muitos bolivianos, que vinham trabalhar e acabavam se estabelecendo em Corumbá ou nas cidades bolivianas mais próximas.

Corumbá foi considerada o maior parque industrial do Mato Grosso integrado, pois, na década de 1940 contava com algumas indústrias de grande expressão econômica para o Estado, como a Sociedade Brasileira de Mineração Ltda. - SOBRAMIL, que explorava o minério de ferro gusa nas minas do Urucum, além das indústrias de charque Paulino Gomes e Cia. Ltda. e Irmãos Barros e Cia., que industrializavam a carne bovina e seus derivados. Na década seguinte ocorreu no Brasil um grande impulso industrial, principalmente na região Centro-Sul.

Pelo Decreto Lei n.º 5.252, de 16 de fevereiro de 1943, o Governo Federal criou o Serviço de Navegação da Bacia do Prata em Corumbá, com a finalidade de utilizar o sistema fluvial para escoar os produtos nacionais. Durante o governo do General Eurico Gaspar Dutra, o Serviço de Navegação da Bacia do Prata adquiriu vários rebocadores, e chatas destinadas a transporte de carga pesada.

Na década de 1950, com a construção do ramal da Rede Ferroviária Federal S. A. (RFFSA) ligando Corumbá a Santa Cruz de La Sierra, foi grande a perspectiva de um movimento migratório para o Estado. A ferrovia permitiu maior movimentação de imigrantes bolivianos, possibilitada pela facilidade no ir e vir. Entre as décadas de 1960 até 1980 alguns bolivianos procuraram fixar-se na região de fronteira.

A saída da Bolívia justificava-se, na maioria das vezes, pela busca de trabalho, acrescentando-se o fato de que aquele país vivia uma de suas inúmeras fases políticas conturbadas. Nessa época o povo boliviano sentia na pele a pobreza, o desemprego e a falta de condições básicas para uma vida. Isso forçava o êxodo de bolivianos para o Brasil, onde poderiam encontrar melhores condições de vida, além de não vivenciarem constantes conflitos políticos como na sua terra natal.

O desenvolvimento industrial na década de 1950 encontrou em Corumbá uma infraestrutura propícia à instalação de indústrias, devido à posição geográfica estratégica do município no continente sul-americano e também pelas riquezas naturais encontradas na região.

Com a instalação de indústrias em Corumbá houve necessidade do aumento de energia elétrica e, para tanto, foi preciso primeiro fazer um estudo da capacidade potencial da cidade. Coube à Comissão Mista do Brasil/Estados Unidos – CMBEU a realização desse trabalho. Essa comissão era formada em parceria com os Estados Unidos. Ela foi constituída em 1948 e era composta por economistas, técnicos e empresários dos governos dos dois países. Como noticiou o jornal corumbaense *O Momento*, em sua edição de 02/06/1952:

Em 1952 chegam em Corumbá os membros da Comissão mista Brasil – Estados Unidos - CMBEU, o principal objetivo na visita foi estudar a solução dos problemas da energia elétrica. Estiveram em visita à usina elétrica e aos escritórios da companhia mato-grossense de eletricidade, onde fizeram verdadeiros levantamentos de suas possibilidades, a fim de estudar o meio de financiar a aquisição de novos motores, que passam a atender a maior expansão de Corumbá, prevendo o seu futuro de grande centro comercial e industrial. (*O MOMENTO*, 02/06/1952, p. 01).

A posição geográfica estratégica de Corumbá e a sua infra-estrutura industrial invejável despertaram o interesse do governo federal em manter essa região desenvolvida e conservar a divisa territorial, como destacou Roberto Simonsen (1973):

Sugerimos, ainda que seja criada imediatamente uma comissão de técnicos capazes de determinar de um modo inequívoco quais as indústrias que os poderes públicos devem estimular por todos os meios possíveis visando: a) defesa do país b) o fortalecimento de sua economia c) a necessidade da conquista de mercados externos. (*SIMONSEN*, 1973, p. 94-95)

Em 31 de janeiro de 1952 estabeleceu-se a ligação do trecho ferroviário de Porto Esperança a Corumbá. No dia 15 de dezembro de 1952 inaugurou-se o tráfego de carga. No ano seguinte, em 14 de março de 1953, foi inaugurado o tráfego de passageiros. Corumbá passou então a dispor de mais um canal de ligação com os grandes centros do país. De acordo com Lima (1976):

No domínio ferroviário, o progresso foi insignificante, pois a extensão da rede elevou-se de 37.049 quilômetros em 1956 para 37.271 quilômetros em 1959. O número de vagões ampliou-se de modo mais significativo, passando de 62.355 em 1955 para 63.132 em 1959, elevando o transporte de mercadorias por toneladas quilômetro de 9.252 em 1954, para 12.034, desenvolveu-se de 5.404.000 toneladas em 1955 para 7.231.000 em 1959. (*LIMA*, 1976, p. 393).

Durante o governo de Getúlio Vargas, com o projeto de desenvolvimento e ocupação do oeste brasileiro, a chamada *Marcha para o Oeste*, deu-se um notável impulso na industrialização do país. Corumbá recebeu grandes investimentos industriais nesse período e se beneficiou de um crescente desenvolvimento econômico, podendo ser equiparado aos

grandes centros, com a instalação de indústrias e criação de serviços, a fim de atender à população local e regional como o incremento de linhas aéreas. Conforme noticiou o jornal O Momento: “Chegará amanhã o primeiro avião do Real Transporte Aéreo. A nova linha a ser inaugurada fará três viagens semanais a esta cidade com chegada às segundas, quartas e sextas-feiras, e saída às terças, quintas-feiras e sábados”. (O MOMENTO, 27/08/1955, p. 01)

Em 29 de maio de 1953 a população corumbaense se beneficiou com uma estação de tratamento de água. No mesmo ano, o governador do Estado de Mato Grosso, Fernando Corrêa, assinou em Cuiabá contrato autorizando a extração do manganês das minas de Urucum, em Corumbá.

A cidade começou a se destacar novamente entre as demais cidades do Estado, elevando a arrecadação do Município com a exportação do manganês, conforme a 5ª cláusula do contrato assinado em Cuiabá:

A SOBRAMIL pagará ao Estado trimestralmente importância correspondente a 3% (três por cento) até 250.000 (duzentos e cinquenta mil toneladas por ano e 3,5% (três e meio por cento) sobre o excesso por tonelada métrica de minério de manganês exportada da mina sobre o preço de venda FOB posto de embarque no Atlântico Sul. (O MOMENTO, 16/12/1953, p. 04).

Em janeiro de 1955, foi inaugurado em Corumbá o Moinho Mato-Grossense S/A, uma indústria de trigo, conforme noticiou o jornal local Folha da Tarde:

A inauguração em nossa cidade. O Moinho Mato-Grossense S/A industrialização do trigo em nosso estado. Justamente no dia 04 de janeiro de 1955 era inaugurada em estabelecimento industrial pelo Presidente da República, Dr. João Café Filho, quando de sua passagem por essa cidade em visita à República da Bolívia. (FOLHA DA TARDE, 04/01/1955, p. 01).

Em 27 de agosto de 1955 foi inaugurada a primeira linha aérea internacional, conforme noticiou o jornal O Momento:

Em viagem inaugural chegou ontem nesta cidade a aeronave CX AFE, Douglas DC 3 pertencente à frota da PLUNA (Primeira Linha Uruguaia de Navegação Aérea). Por outro lado, com o objetivo de ampliar o comércio com os países latino americanos através da hidrovia, o Presidente Eurico Gaspar Dutra incrementou a rota de embarcações do Serviço de Navegação da Bacia do Prata. (O Momento (27/08/1955, p. 01).

Em 1955 foi inaugurada em Corumbá a primeira fábrica de cimento, construída com capital genuinamente nacional. Em pouco tempo observou-se o crescimento da produção industrial e das exportações, conforme o relatório da empresa referente ao ano de 1959, publicado no jornal O Momento:

A despeito das dificuldades apresentadas e relatos, tivemos a satisfação de exportar no ano findo 1.291,972, sacos de cimento ligeiramente superior ao ano anterior, que havia atingido 1.278.046 sacos. Do total de nossa exportação no ano encerrando remetemos para o Paraguai 83.400 sacos e para a Bolívia 11.560 sacos. Acham-se a disposição dos Srs. acionistas o balanço geral, os inventários de materiais e ferramentas, veículos, materiais rodantes, etc. Assim como os demais elementos de contabilidade, pelos quais se verifica que o nosso faturamento atingiu Cr\$ 251.254.593,60 contra 180.134.711,20 no ano anterior. (O MOMENTO, 29/03/1960, p. 03).

Em 1956, Juscelino Kubitschek de Oliveira foi empossado Presidente da República. Iniciou-se assim, uma das fases mais importantes da história econômica brasileira, sistematizada no Plano de Metas, que tinha com objetivo "crescer cinquenta anos em cinco". Para isso, pretendia desenvolver a indústria de base, investir na construção de estradas e de hidrelétricas e fazer crescer a extração de petróleo, tudo com o objetivo de arrancar o Brasil de seu subdesenvolvimento e transformá-lo num país industrializado.

Conforme relatou o jornal o Momento em sua edição de 07/08/1957, Corumbá passou a ser a primeira cidade do Mato Grosso integrado em arrecadação estadual, mas os corumbaenses reclamavam porque a cidade não usufruía dos recursos que enviava aos cofres do Governo. Os números da arrecadação estadual do ano de 1957 mostram que Corumbá ainda era baluarte do tesouro do Estado. Através de importantes investimentos como a indústria química, fábricas de bebidas e refrigerantes, indústrias de cerâmica etc., a cidade contribuiu consideravelmente para o desenvolvimento do Estado na década de 1950, como nenhum outro município.

Surgiram também pequenas fábricas que aproveitavam o cimento na fabricação de cantoneiras, caixas d'água, tanques para lavar roupa, pias, balcões, canaletas, vasos, jarros, bancos para parques e jardins, enfeites e guarnições de muros, peitoris, arcadas etc. Além dessas, existiam outras de maior porte, que juntas constituíam a sólida economia corumbaense, como mostra o Quadro 1:

Quadro 1 – Fábricas existentes em Corumbá no ano de 1958

RAMOS INDUSTRIAIS	QUANTIDADE
Cervejaria	01
Fábrica de gelo	02
Fábrica de bebidas e refrigerante	04
Fábrica de tijolos e telhas	08
Fábrica de xarope	02
Fábrica de ladrilho	07
Fábrica de sabão	06
Fábrica de conserva	02
Fábrica de móveis	06
Fábrica de massas alimentícias	05
Fábrica de granitos	01
Fábrica de cimento	01
Fábrica beneficiamento de arroz	01
Fábrica de café	10
Fábrica de cerâmica	04
Fábrica de roupa	03
Fábrica de ferro gusa	01
Fábrica de aguardente	03
Fábrica de colchões	03
Fábrica de velas	01
Empresa de construção	07
Alfaiataria	10
TOTAL	88

Fonte: Jornal Folha da Tarde, Corumbá, 04/08/1958, p. 04.

Apesar do número expressivo de indústrias inauguradas no município nesse período, observou-se a ausência de políticas públicas e/ou assistência social voltadas para o trabalhador das indústrias e atividades assemelhadas em Corumbá.

De acordo com o Jornal O Momento (25/11/1959), a Companhia de Cimento Portland Corumbá bateu o *record* de embarque, no mês de novembro de 1959, totalizando mais de 160.000 sacos, para ajudar a construir Brasília. A construção de Brasília representou o novo Brasil que JK pretendia formar, uma vez que permitiu a expansão rumo ao interior, que por sua vez estaria integrado com o resto do Brasil por rodovias.

Corumbá apresentou um crescimento menor na década de 1960, na área de industrialização, em relação à década anterior. Porém, empresários resolveram instalar

indústrias de grande porte, tomados pela euforia do desenvolvimento industrial dos anos 1950, acreditando na potencialidade da cidade, conforme noticiou o jornal Folha da Tarde:

O dia 21 de Abril, homenageando a grande data nacional, marcou para Corumbá, o advento de novas indústrias pioneiras pelo lançamento da pedra fundamental, no Moinho Mato-Grossense S.A., de uma nova indústria pioneira do nosso Estado: uma Fiação e Tecelagem. Essa importante cerimônia bem organizada e dirigida pela Diretoria do Moinho, na pessoa dos Senhores Salim Kassar, João Marcos Dolabani e José Ibrahim Lotfi, tivera grande brilhantismo no programa das suas inaugurações desse dia: – nova ala do Pastifício, inauguração da Tecelagem instalada provisoriamente no mesmo conjunto industrial do Moinho, e assim o lançamento da pedra fundamental do edifício devido para essa nova indústria de fiação e tecelagem, que será construída na Avenida Rio Branco (FOLHA DA TARDE, 24/04/61, p. 01).

Corumbá ainda viveu investimentos de grande porte, apesar da desaceleração do crescimento industrial no país, como a inauguração de um pastifício e de uma fiação e tecelagem, as primeiras do Mato Grosso integrado.

Dois anos depois, o mesmo jornal noticiou a descoberta de mármore em Corumbá. Enviado para São Paulo a fim de ser examinado em laboratório especializado, provou-se a qualidade do mármore tipo Carrara, isto é, da melhor espécie conhecida. Com esta descoberta Corumbá ganhou mais uma indústria para explorar essa jazida: a Santa Blanca Indústria de Mármore S/A, que instalou-se em Corumbá para explorar as jazidas de mármore existentes na região.

Nessa época, outra atividade de destaque se desenvolveu em Corumbá: a indústria alimentícia, a fim de aproveitar os produtos extraídos nas fazendas, principalmente o leite. Foi então inaugurada em Corumbá uma usina de pasteurização, a USIPA, em agosto de 1967. Ela produzia grande quantidade de leite pasteurizado e passou a expandir o seu mercado em outras cidades mato-grossenses.

Mais uma grande indústria do ramo alimentício ensaiava se instalar em Corumbá, a Frigo Corumbaense S/A do grupo Irmãos Chamma, que pretendia abater mais de 150 rezes e 50 suínos diariamente e frio industrial para estocagens. O projeto de divulgação dos produtos da Frigo Corumbaense visava atingir tanto o mercado nacional como o mercado internacional. Entretanto, o projeto da Frigo Corumbaense não saiu do papel.

Outras duas indústrias alimentícias, a Usina de Pasteurização e a Salsicharia, funcionaram por pouco tempo, em virtude da crise econômica que assolava o país naquele momento.

O desenvolvimento industrial menos expressivo dos anos 1960 fez com que Corumbá perdesse a posição de cidade campeã em arrecadação Estadual, posição conquistada pela cidade de Campo Grande, conforme mostra o Quadro 2:

Quadro 2 – Arrecadação Estadual de Mato Grosso no ano de 1963

CIDADE	CR\$
<i>Campo Grande</i>	869.059.731,10
Corumbá	455.892.666,90
Cuiabá	426.035.182,60
Três Lagoas	269.574.428,40
Aquidauana	224.061.485,20
Bataguassú	221.150.439,60
Dourados	200.792.735,40
Ponta Porá	161.607.784,80
Rondonópolis	126.768.574,40

Fonte: Jornal Folha da Tarde, Corumbá, 21/12/63, p. 01.

O ano de 1964 foi marcado por acontecimentos significativos, que resultaram em alterações sofridas na administração do país trazidas pelo Golpe Militar. Corumbá sofreu os impactos trazidos por esses acontecimentos, principalmente na área política, em que perdeu seus representantes na Assembléia Legislativa.

Corumbá teve um reflexo muito grande das elites contra as massas pobres nesse período. A cidade teve a ação mais marcante dos repressores por ser região de fronteira. O Golpe teve seus problemas políticos em Corumbá, mas também teve suas vantagens: - luz e água em Puerto Suárez; - estrada Corumbá/Puerto Suárez; - maior entrosamento entre Corumbá/Puerto Suárez.

Em fins do ano de 1969, assumiu a presidência da República o general Garrastazu Médici, que tinha como programa de governo a integração das regiões do país por rodovias. Uma de suas metas foi o Programa de Desenvolvimento do Centro-Oeste, para que pudesse circular a riqueza de cada localidade, a fim de desenvolver a economia brasileira. Uma de suas prioridades foi a criação da rodovia BR-262, ligando o trecho Campo Grande-

Aquidauana-Corumbá. Porém, essa rodovia só pôde ser percorrida em toda a sua extensão, sem maiores problemas, a partir de julho de 1978.

Houve uma expansão acelerada da economia brasileira nos fins dos anos 1960 e início dos anos 1970, aumentando a circulação de mercadoria no velho Mato Grosso. Consequentemente, Corumbá passou a ter a maior arrecadação estadual, devido ao grande fluxo de mercadoria exportada e importada pelo município no período de 1969 a 1970 (Anuário Estatístico da Fundação IBGE, 1972, p. 278).

Isso também possibilitou a Corumbá a conquista do primeiro lugar de cidade com maior arrecadação, título esse que tinha perdido na década de 60 para Campo Grande, confirmando, mais uma vez, sua posição de principal centro econômico do Estado, de acordo com os números apontados no Quadro 3:

Quadro 3 - Arrecadação Estadual de Mato Grosso do Sul no ano de 1971

CIDADES	VALORES
Corumbá	R\$ 14.575.227,28
Campo Grande	R\$ 14.483.387,17
Cuiabá	R\$ 8.983.355,35

Fonte: Jornal Folha da Tarde, Corumbá, 25/11/1971, p. 01.

Não obstante, a maioria das indústrias instaladas em Corumbá nas décadas de 1950 e 1960 encerrou suas atividades comerciais na cidade, à exceção da Companhia Cimento Portland de Corumbá, que continua em atividade até os dias atuais, produzindo e exportando seu produto.

O historiador Marco Aurélio Machado de Oliveira (2001), aponta para épocas e produtos que apesar de terem tido grande importância para a região, deixaram de ser aqui comercializados e industrializados, como o trigo, que abastecia o Moinho Corumbaense, o ferro-gusa produzido pelo grupo Chamma e exportado para o Japão, assim como o curtume e a tecelagem tiveram suas atividades encerradas. Na década de 50 uma sociedade formada por algumas famílias de Sírios, numa tentativa de reerguer a economia local, abriu essas indústrias, que trouxeram desenvolvimento para Corumbá. Porém, duas décadas depois elas estavam fechadas.

De acordo com Max (2008), no decorrer da década de 70, iniciou-se um processo de desmonte do parque industrial de Corumbá (com exceção da indústria de cimento), que paralisou a frágil economia local e elevou a importância das atividades de comércio e serviços locais com uma intensificação gradativa nas relações comerciais com o país da Bolívia, incrementada pelo processo de exportações de bens brasileiros e pela expressiva presença de consumidores bolivianos fronteiriços na rede comercial corumbaense.

O desmembramento de Mato Grosso do Sul do então Estado de Mato Grosso integrado, em 1º de janeiro de 1979 (cuja capital é Campo Grande), contribuiu para o isolamento da cidade de Corumbá, muito mais ligada a Cuiabá pelos laços econômicos, culturais e políticos.

Nas décadas de 1970 e 1980 o comércio boliviano oferecido aos brasileiros era composto de produtos manufaturados, como artesanato indígena e artefatos de prata com mistura de estanho. Em menor escala havia também o comércio de perfumes franceses, bordados ingleses e peças de porcelana chinesa.

Conforme o geógrafo sul-matogrossense Tito Carlos de Oliveira (1998, p.67), a partir de 1984 houve uma recuperação da economia mundial, puxada pelo déficit fiscal e comercial americano. O crescimento da demanda norte-americana, movimentada em consequência de um gigantesco programa de investimentos no setor militar, recuperou parte significativa da economia americana, européia e japonesa, dando um novo ritmo às relações comerciais entre todas as nações.

Ainda segundo o mesmo autor,

todas as nações do mundo foram compelidas a participar do processo de agigantamento das relações de troca em maior ou menor escala. As economias retardatárias passaram a participar com intensidade do período de reordenamento das relações comerciais mundiais. Não houve restrição à participação de nenhum país. Países de economias atrasadas e desindustrializadas também participaram dessa fluidez mercadológica, inclusive a Bolívia (OLIVEIRA, 1998, p. 67/68).

No ano de 1986 o governo Estadual colocou a rodovia BR 262 em melhores condições de trafegabilidade, o que facilitou ainda mais a integração de Corumbá com as demais cidades do país. Isso também possibilitou que, em fins dos anos 1980 e início da década de 1990, o Município passasse a explorar uma atividade que estava adormecida: o turismo. Ele passou a ser considerado como atividade econômica importante em Corumbá, com a instalação de empresas especializadas que desenvolveram programas de excursões na região. O turismo ganhou maior projeção na região, prevalecendo o turismo de pesca como o principal atrativo

para a visitação extra-territorial, que fez movimentar o setor sem, contudo, torná-lo auto-suficiente e de escala necessária para uma consolidação.

Porém, a década de 1980 não apresentou nenhum crescimento industrial significativo para Corumbá, havendo, ao contrário, uma diminuição no investimento industrial da cidade, comparando-se com as décadas anteriores.

Conforme afirma Tito Carlos Machado de Oliveira (2009), na passagem da primeira para a segunda metade dos anos oitenta, dois fatores resplandeceram essa fronteira:

primeiro – foi um programa de incentivos que o Banco Mundial implementou na região de Santa Cruz, permitindo um rearranjo produtivo, carreando investimentos para o comércio, para a indústria e, principalmente, para a agricultura daquele Departamento. Segundo aspecto – foi o asfaltamento da BR 262, trecho Miranda-Corumbá. A estes motivos somam-se vários outros, ligados à conjuntura nacional e internacional (flutuação cambial e expansão do mercado mundial são alguns exemplos) (OLIVEIRA, 2009, p. 6). [...] O crescimento econômico e demográfico de Santa Cruz de La Sierra, movidos pelos recursos do Banco Mundial, fez com que a Bolívia passasse a requerer uma quantidade de mercadorias sem precedentes. Essas mercadorias possuíam duas frentes de entrada no país: do Chile (produtos chilenos e outros importados pelo Porto de Arica) e do Brasil, via fronteira em questão. Mais ainda: permitiu que os produtos bolivianos de exportação, sobretudo soja, dos arredores de Santa Cruz, fossem transportados pela rodovia até o Porto de Santos. Em todo sentido, foi se fortalecendo um corredor entre São Paulo e Santa Cruz, onde Corumbá, Puerto Quijarro e Puerto Suarez passaram a desempenhar papel de destaque (OLIVEIRA, 2009, pág. 7).

Oliveira (2009) afirma que Corumbá estava em um dos seus piores momentos durante esse período de expansão e crescimento populacional e econômico da fronteira do lado boliviano:

a população decrescia, o surto industrial desaparecera, o comércio declinava e vários fazendeiros de linhagem tradicional mostravam sinais de crise financeira. Esse crescimento populacional do lado boliviano foi acompanhado de ausência completa de infra-estrutura citadina mínima, como habitações de mau aspecto, inadequações na coleta de lixo, no tratamento de água, etc. (OLIVEIRA, 2009, p. 8).

Esse processo de avanço gradual de imigrantes para a fronteira foi gerando uma identidade própria dos fronteiriços, em que as tradições culturais e manifestações religiosas das mais diversas foram se misturando nessa região.

Em 15 de março de 1990, assumiu a Presidência da República Fernando Collor de Melo e entre as primeiras medidas do seu governo estava o programa de privatização de empresas estatais. Entre as mais de vinte empresas que deveriam ser privatizadas, estava o Serviço de Navegação da Bacia do Prata-SNBP, instalada no Município de Ladário, tendo

assumido o seu controle acionário a empresa CINCO – Cia. Interamericana de Navegação e Comércio, com sede na cidade do Rio de Janeiro-RJ, que desde então passou a realizar o transporte fluvial pelo Rio Paraguai.

De acordo com Max (2008), essa onda do neoliberalismo ocorrida no Brasil na década de 1990, e o conseqüente incremento do processo de privatizações, afetou a cidade de Corumbá em duas situações fundamentais:

a) o desmonte do transporte ferroviário até então com administração estatal da Noroeste do Brasil, que outrora contribuiu para a decadência do sistema mercantil pela navegação pelo rio Paraguai e, b) um processo de desestatização em empresas como a Companhia de Navegação Bacia do Prata (situada na cidade em conurbação com Corumbá, Ladário), da Urucum Mineração S/A (adquirida pela Companhia Vale do Rio Doce), e da Mineração Corumbaense Reunida, adquirida pelo Grupo Rio Tinto, de capital britânico, em associação com a empresa EFX Investimentos e Participações Ltda, em 1991. Mais recentemente com a instalação da empresa MMX Corumbá em 2004, uma configuração ainda de difícil desfecho tenta consolidar-se na região: um transporte fluvial voltado para o escoamento da produção de minério de ferro e manganês, uma improvável revitalização do transporte ferroviário, a ampliação do processo de extrativismo mineral e a origem da fonte energética para a usina minero-siderúrgica. Esta matriz transportes-fonte energética afeta diretamente os custos operacionais e a sustentabilidade da planta da usina minero-siderúrgica na região, e, por conseqüência, nos níveis de dinamismo econômico consolidados na atividade de mineração. (MAX, 2008).

A desindexação dos juros altos, a abertura crescente ao mercado externo e a ampla política de importações, também foram medidas aplicadas pelos Planos Econômicos Collor I e Collor II. Ambas levaram o país a uma profunda recessão, pois alguns empresários brasileiros passaram a importar tecnologia e a incorporá-las em suas indústrias para melhorar a qualidade dos produtos e aumentar a produtividade, causando um choque na indústria nacional. Esse processo de modernização das indústrias foi um dos principais motivos da recessão no país.

A fim de modernizar suas instalações e aumentar a produtividade, bem como a qualidade de seus produtos, visando competir no mercado internacional, as indústrias instaladas em Corumbá também aproveitaram a ampla política de importações do Plano Collor II.

Algumas dessas indústrias destacaram-se entre as dez primeiras empresas que mais exportaram no Estado de Mato Grosso do Sul na década de 1990, com a Cia. Paulista Ferro-Liga liderando o *ranking* da relação, conforme mostra o Quadro 4:

Quadro 4 - Exportações de Mato Grosso do Sul, seguindo as principais empresas exportadoras – período de 1990 a 1995:

Empresas	Valor (US\$ IOB)	Participação %
Cia. Paulista Ferro-Liga	644.440	0.40
Curtume GG Ind. Com.e Expot. Ltda.	534.863	0.33
Germisul Ind. e Com. Sem. E Grãos	199.845	0.13
Hura Comércio e Exp. Ltda.	447.20	0.03
Minefer Mineração Exp. e Com. Ltda.	2.937,654	1.84
Oarentril óleos vegetais Treze Tílias	541.279	0.34
Soceppar agro-ind. exp. Botag	21.941.995	13.74
Fatisul Ind. Com. Óleos Vegetais	10.122.157	6.34
Mineração Corumbaense Reunidas	10.685.083	6.69
Urucum Mineração Ltda.	4.058.568	2.54
Figobrás Cia. Bras. Frigorífico	22.877.037	14.33
Frigotel-Frigor. Três Lagoas	679.443	0.43
Export. e Imp. Brasipar	891.519	0.56
Cubo Comércio Export. Import.	1.492.726	0.93
Frigorífica Naviraí Ltda.	224.513	0.14
Sandra Agro Pastoril Ltda.	83.810	0.05
Coop. Reg. Triticola Serrana Ltda.	2.010,762	1.26
Imbu Madeiras Ltda.	587.341	0.37
Ciba Geigy Química S.A.	33.506.804	20.99
União Com. de Export. Ltda.	3.247.395	2.03
Olvesul Ind. Sul mato-grossense de óleos vegetais	653.219	0.41
Demais empresas	1.697.567	26,11
Total	159.662.740	100,00

Fonte: Secretaria de Estado de Finanças, Orçamentos e Planejamento. Diretoria de Estudos e Pesquisas, Coordenadoria de Estatística. Governo do Estado de MS. 1997, p. 30, *apud* NERY, 2005, p. 53-54.

A abertura das importações e a queda do dólar, no início do governo Collor, fizeram florescer o comércio na fronteira Brasil/Bolívia em Corumbá e, conseqüentemente, aumentar o contato entre brasileiros e bolivianos nessa região.

De acordo com Xavier (2007, p. 39), na década de 1990, com a abertura das importações, o comércio transformou-se, surgindo nas imediações da divisa Brasil-Bolívia uma inesperada feira, que foi se configurando e estruturando para abrigar pequenos comerciantes, que ofereciam toda a gama de produtos importados. Comerciantes

corumbaenses também abriram estabelecimentos comerciais do lado boliviano da fronteira, ao mesmo tempo em que a população da fronteira boliviana crescia consideravelmente.

Nessa época, devido à falta de infra-estrutura, os produtos eram colocados no chão para serem comercializados, o que fez com que a área atualmente conhecida como Feirinha Boliviana passasse a ser popularmente chamada de “shopping chão”.

Surgiu, nessa mesma década, a Zona Franca Central Aguirre, um shopping com lojas oferecendo equipamentos eletrônicos, bebidas, perfumes, cosméticos, entre outros produtos originários dos grandes centros produtores do mundo, e agregando um grande número de trabalhadores corumbaenses.

Surgiu também a Associação dos Pequenos Comerciantes Brasileiros e Bolivianos - Feira BrasBol, em Corumbá, onde bolivianos também vendem seus produtos. Observe a figura 4:



Figura 4: Comércio na Feira BrasBol, Corumbá, 2009

Fonte: Arquivo particular da autora.

Atualmente podemos perceber que o comércio na Feirinha Boliviana, localizada na cidade boliviana de Arroyo Concepción, está bem mais estruturado. Os produtos já não são mais colocados no chão, existindo um conjunto de lojas com uma estrutura tipo galpão, com teto de zinco e chão com piso.

De outra parte, as chamadas feirinhas bolivianas conseguem manter-se dos dois lados da fronteira, a exemplo da Feira BrasBol localizada em Corumbá, atrás do cemitério

principal da cidade. Atualmente já tem cobertura com telhas de amianto e o chão tem piso de cimento. Veja na figura 5:



Figura 5: Feira BrasBol, Corumbá, 2009
Fonte: Arquivo particular da autora.

Apesar das recorrentes afirmações de que o comércio local está em crise, percebe-se que o movimento de pessoas e mercadorias em Corumbá vem aumentando consideravelmente nas últimas décadas. Porém, conforme afirma o geógrafo Tito Carlos Machado de Oliveira (1998), o volume de recursos transferidos nas ultimas décadas não vem se materializando em investimentos para a região, dado que também consideramos de fundamental importância. De que forma isso pode ser revertido? Corumbá clama por uma diretriz que lhe aponte saídas para o seu desenvolvimento e somente com investimentos poderá desenvolver um setor que acho fundamental para atingi-lo, que é o turismo.

4 COMÉRCIO NA FRONTEIRA BRASIL-BOLÍVIA: UM ESTUDO DE CASO

4.1 A Feira BrasBol

A Associação dos Pequenos Comerciantes Brasileiros e Bolivianos – Feira BrasBol - foi fundada no dia 8 de abril de 1995, na Rua Cuiabá, atrás do cemitério Santa Cruz, pelo Prefeito Municipal Ricardo Cândia e pelo Secretário de Finanças Rüter Cunha de Oliveira. A Feira contava com 365 barracas quando foi registrada sua Firma. Porém, conforme entrevista realizada com os comerciantes da Feira, desde 1985 a Feira já existia, contando com 98 barracas e com um grupo de imigrantes bolivianos oriundos das cidades de Santa Cruz de La Sierra, Cochabamba, La Paz, Oruro, Beni, Sucre, Tarija, Puerto Quijarro, Puerto Suarez e Arroyo Concepcion.

Inicialmente, os comerciantes foram instalados na Praça da República, que fica em frente à Igreja Matriz e à Receita Federal, ao lado do Terminal Rodoviário de Corumbá. De lá, foram expulsos e trasladados para a Rua Cuiabá, atrás do Cemitério Santa Cruz, nas imediações de onde hoje funciona a Feira BrasBol.

Quando a Feira começou a funcionar, os produtos eram colocados no chão, sobre uma lona, para serem comercializados. Tratava-se de um espaço aberto, sem estrutura nenhuma. De acordo com alguns comerciantes entrevistados, quando o Prefeito Ricardo Cândia fundou a Associação, em 1995, mandou cimentar o espaço e colocar barracas com estruturas de ferro e cobertura de lona.

Mesma assim, quando chovia ou ventava forte era um caos, pois as lonas voavam, os produtos caíam e molhavam, e, como o piso era baixo, entrava água. Aos poucos, cada feirante foi elevando mais o piso de cimento, impedindo que a água da chuva entrasse, e também fizeram uma cobertura com telhas de amianto, bem melhor que a antiga lona. Entretanto, a reforma fez com que o piso se tornasse irregular, causando muitas quedas de clientes, principalmente os de mais idade, e a cobertura, pelo fato de ter ficado baixa, deixou o local muito quente e abafado, sem ventilação.

O presidente fundador foi Javier Hurtado Sanches (1995-1996), e o atual é Enrique Flores Nina (2008-2010). Atualmente a Feira BrasBol conta com 156 barracas, com feirantes que trabalham legalmente cadastrados junto às secretarias e organizações Municipal e Estadual, inspirados no desejo de trabalhar e no espírito de amizade e integração entre os dois países: Brasil X Bolívia.

A maioria dos associados da Feira BrasBol é do sexo feminino, e vários associados possuem mais de uma barraca, sendo que geralmente cada uma é cuidada por um membro da família. Cada comerciante é responsável pela limpeza da sua barraca e dos corredores ao redor da barraca.

A jornada diária de trabalho desses comerciantes é em média de doze horas. Eles começam o trabalho bem cedo, carregando os produtos dos depósitos alugados nas proximidades da feira até a barraca. Depois disso, arrumam os produtos nas barracas e começam a comercializar. Comercializam os produtos até começar a escurecer, mas em épocas de maior movimento, como no Natal, não tem hora pra sair. Após encerrarem as vendas, recolhem os produtos para levá-los novamente aos depósitos. A maioria dos comerciantes contrata homens para ajudar a carregar os produtos.

Passam o dia todo ali, em pé ou sentados em pequenos bancos de madeira sem encosto e almoçam na própria barraca. Os bolivianos compram comida típica de seu país, que é vendida por uma boliviana.

Não existe na BrasBol um banheiro exclusivo para os comerciantes, sendo este utilizado tanto pelos comerciantes como pelos usuários da feira, e ambos têm que pagar para utilizá-lo: os comerciantes pagam R\$ 0,35 e os usuários da BrasBol pagam R\$ 0,50.

O cidadão boliviano fronteiriço tem autorização para trabalhar e residir no Brasil (Documento Fronteiriço da Polícia Federal). O documento (carimbado) ou tarjeta de identificação é obrigatório, válido somente para transitar na área do município de Corumbá.

A Associação dos Pequenos Comerciantes Brasileiros e Bolivianos é uma entidade sem fins lucrativos e suas finalidades, conforme o Artigo 2º do seu estatuto, são:

I – Envidar todos os esforços para moralizar e organizar a feira livre do comércio de produtos bolivianos existentes no município de Corumbá;

II – Dar assistência jurídica a seus associados e orientação na compra e venda dos produtos comercializados;

III – Defender seus interesses junto aos Órgãos Públicos;

IV – Estabelecer convênios com entidades e Órgãos Públicos;

V – Editar boletins e publicar todo e qualquer tipo de informação relacionada aos feirantes;

VI – Promover reuniões festivas visando o conagraçamento da classe;

VII – Fazer um cadastro de todos os feirantes;

VIII – Promover intercâmbio comercial entre Brasil e Bolívia, no âmbito da Região Fronteiriça.

Apesar dos comerciantes proprietários de lojas na cidade de Corumbá reclamarem da diferença dos preços das mercadorias bolivianas em relação aos das brasileiras, causando prejuízo a esses lojistas, a participação dos comerciantes bolivianos também é um elemento essencial para o crescimento da economia local, pois eles consomem no comércio local, freqüentam bares e restaurantes, além de pagarem impostos ao município, conforme mostra o quadro abaixo:

Quadro 5 - Resumo mensal da arrecadação por contribuinte, paga pela Associação dos Pequenos Comerciantes Brasileiros e Bolivianos à Secretaria de Estado de Fazenda: 2005 a 2009

MÊS	ANO DE 2005	ANO DE 2006	ANO DE 2007	ANO DE 2008	ANO DE 2009
JANEIRO	6.193,29	3.241,61	8.069,16	20.620,85	7.419,07
FEVEREIRO	5.453,13	5.946,44	8.682,29	5.763,76	14.120,37
MARÇO	6.891,37	9.943,10	9.444,84	8.880,24	10.551,04
ABRIL	11.170,74	5.264,34	6.422,40	12.044,77	11.337,95
MAIO	8.901,59	9.638,29	11.723,41	12.394,26	15.233,68
JUNHO	8.757,30	6.717,77	8.752,47	7.274,92	11.927,89
JULHO	7.692,79	14.915,22	9.945,76	9.174,53	11.746,64
AGOSTO	7.611,73	4.976,00	8.761,68	10.401,15	7.060,96
SETEMBRO	5.412,81	7.960,22	12.921,62	13.531,98	11.567,36
OUTUBRO	12.467,04	7.285,40	10.106,28	16.936,06	11.578,90
NOVEMBRO	16.946,29	5.374,06	9.747,94	10.350,47	10.943,79
DEZEMBRO	20.201,17	22.606,49	9.254,59	16.375,10	27.270,12
TOTAL	117.699,25	103.868,94	113.832,44	143.748,09	150.757,77

Fonte: Associação dos Pequenos Comerciantes Brasileiros e Bolivianos, Corumbá, 2009/2010.

De acordo com o Sr. Enrique, Presidente da Associação da Feira BrasBol, essa redução nos valores arrecadados no ano de 2006 ocorreu em virtude da alta do dólar, o que dificultou as vendas, devido à alta nos preços, fazendo com que muitos comerciantes bolivianos retornassem à Bolívia

Além desse imposto, cada feirante paga por barraca à Prefeitura Municipal de Corumbá a mensalidade de R\$ 35,81, por uso do solo e o Alvará anual de R\$ 218,50.

4.1.1 História e composição

No período de 22 de maio a 15 de junho de 2009, apliquei questionários em oitenta e quatro comerciantes da Feira BrasBol, sendo que desses, dois possuíam três bancas e nove possuíam duas bancas, totalizando noventa e sete bancas. Pretendia aplicar os questionários nos 156 associados, porém, só esses oitenta e quatro se dispuseram a respondê-los. Após o levantamento dos dados colhidos, obtive os seguintes resultados:

A grande maioria dos comerciantes entrevistados é do sexo feminino (65%), assim como a maioria dos associados cadastrados na Associação dos Pequenos Comerciantes Brasileiros e Bolivianos – BrasBol também é do sexo feminino.

A maioria dos comerciantes entrevistados está na faixa etária entre 30 a 49 anos de idade:

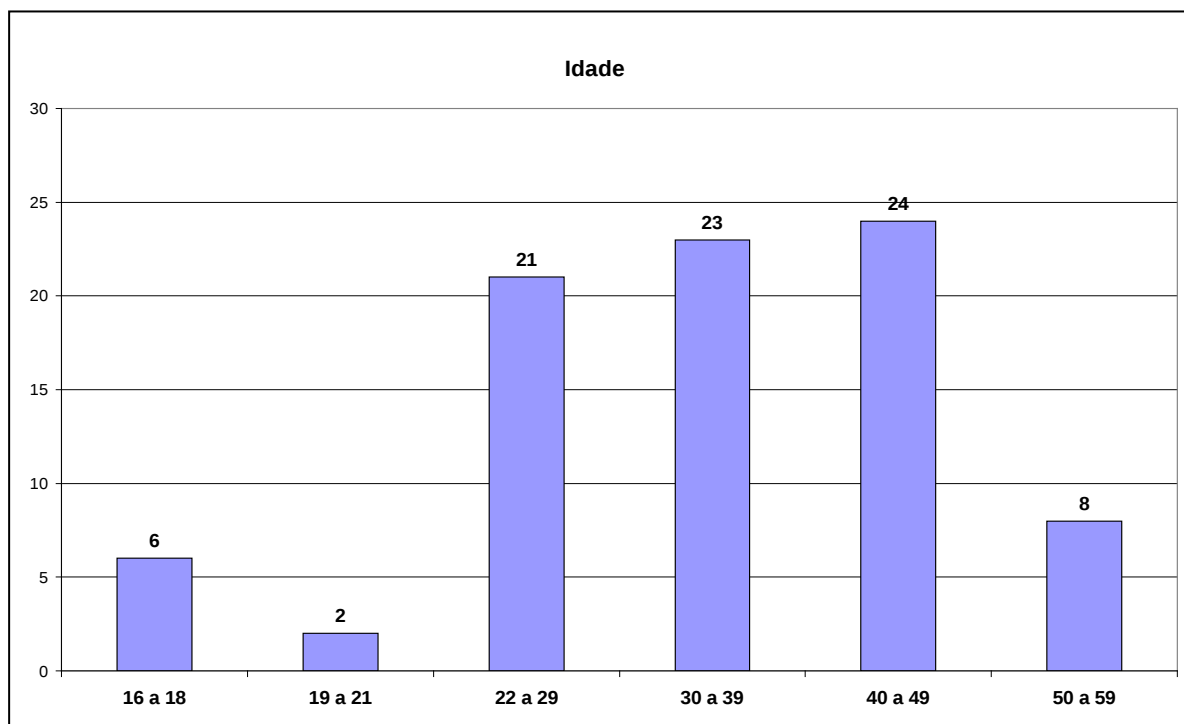


Gráfico 1 – Faixa etária dos comerciantes da Feira BrasBol.

Fonte: SILVA, L. H. A. Corumbá, 2009.

A grande maioria dos comerciantes entrevistados tem nacionalidade boliviana (78%). Apesar de não terem respondido ao questionário, pude constatar a presença de dois comerciantes palestinos na BrasBol.

A maioria dos comerciantes entrevistados, apesar de muitos terem nacionalidade boliviana, reside em Corumbá:

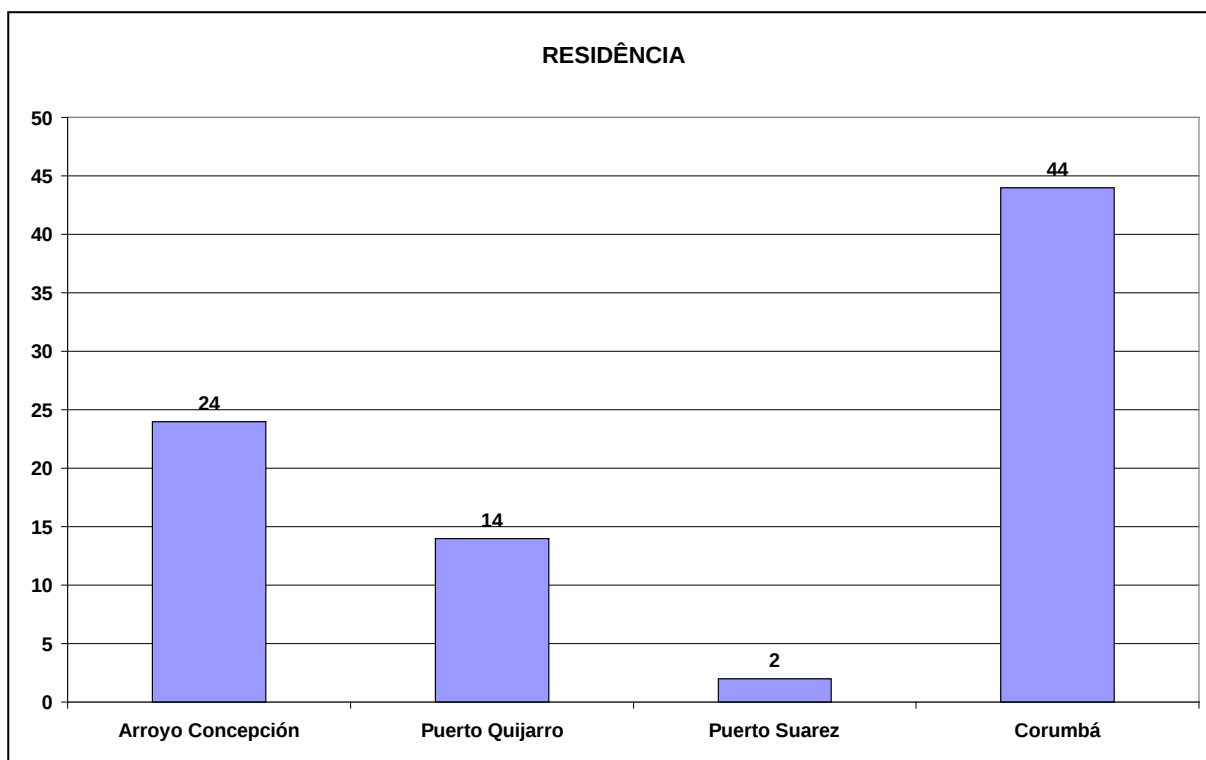


Gráfico 2 – Residência dos comerciantes da Feira BrasBol.

Fonte: SILVA, L. H. A. Corumbá, 2009.

Dos comerciantes que vieram de fora da cidade/país, 96% respondeu que veio da Bolívia. Desses comerciantes vindos de fora, a maioria veio para trabalhar (62%), pois, no caso dos bolivianos, no país de origem o desemprego era grande nesse período.

A maioria dos comerciantes vindos de fora da cidade veio no período de 1990 a 1999:

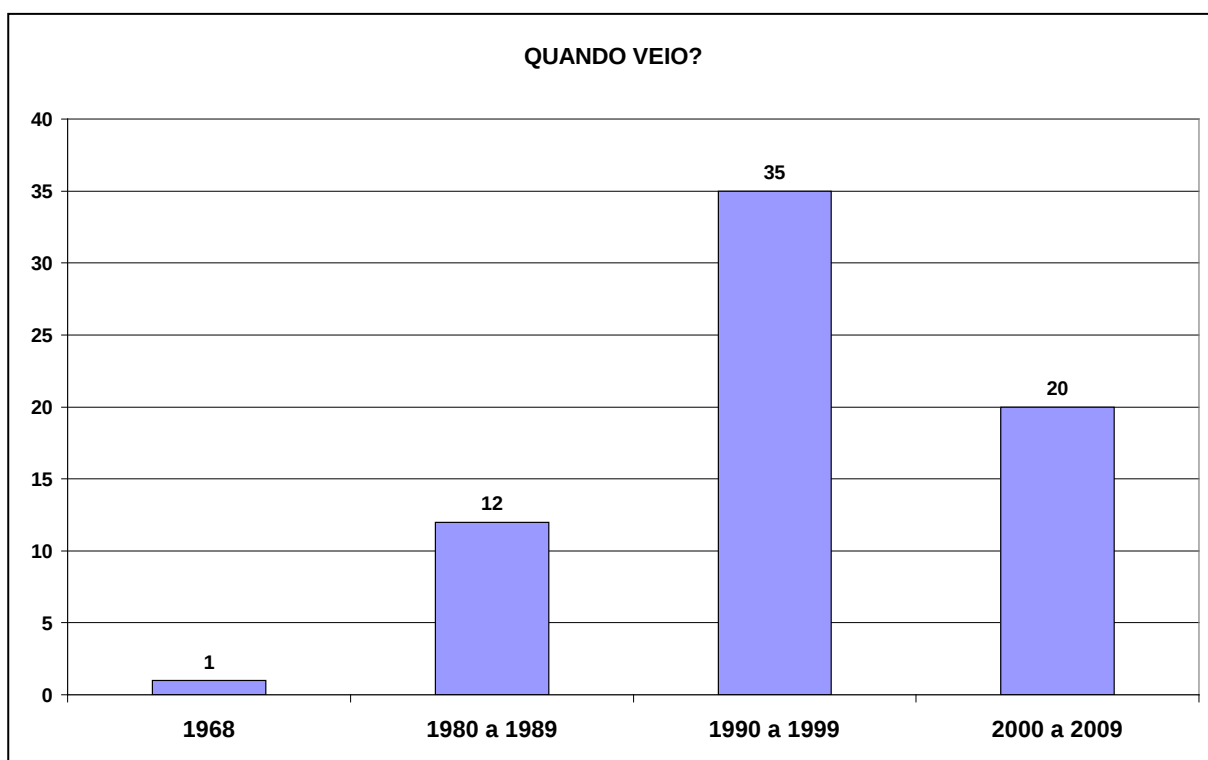


Gráfico 3 – Quando vieram os comerciantes da Feira BrasBol vindos de fora da cidade de Corumbá.

Fonte: SILVA, L. H. A. Corumbá, 2009.

A maioria dos comerciantes entrevistados é casada:

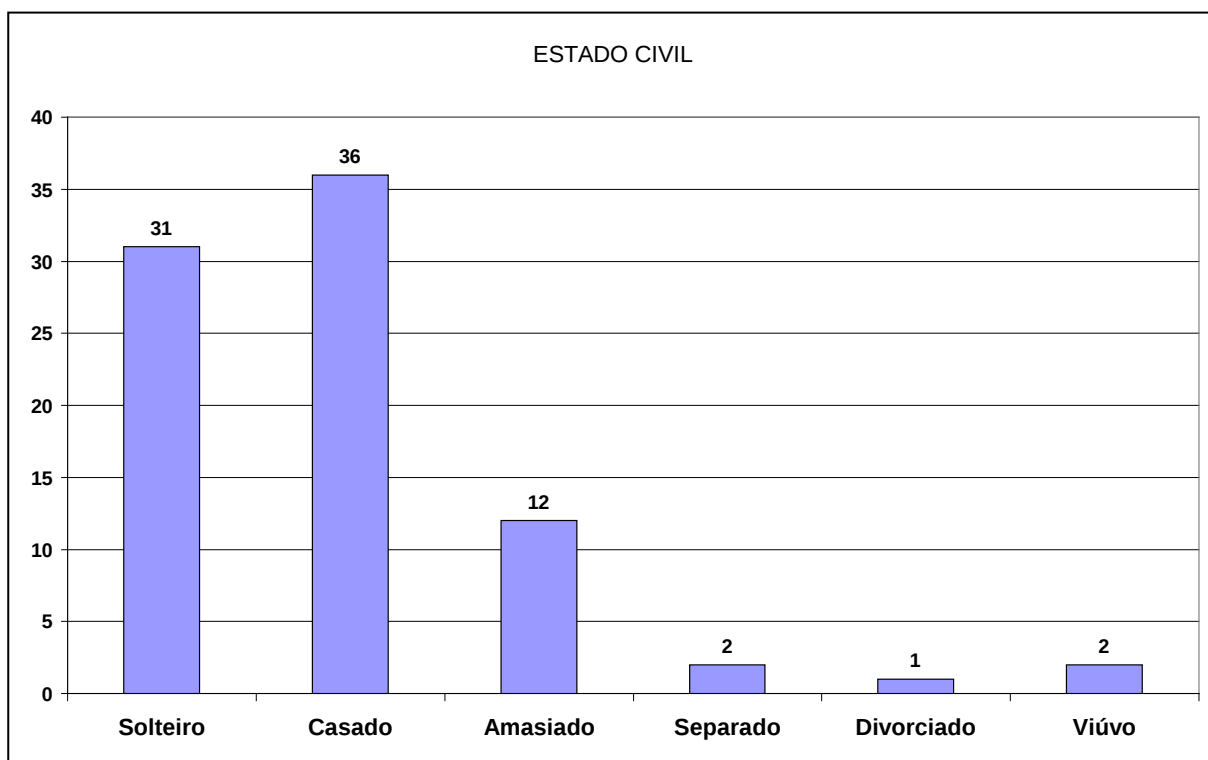


Gráfico 4 – Estado civil dos comerciantes da Feira BrasBol.

Fonte: SILVA, L. H. A. Corumbá, 2009.

Dos comerciantes entrevistados, a maioria tem filhos (79%), e a maioria desses tem três filhos:

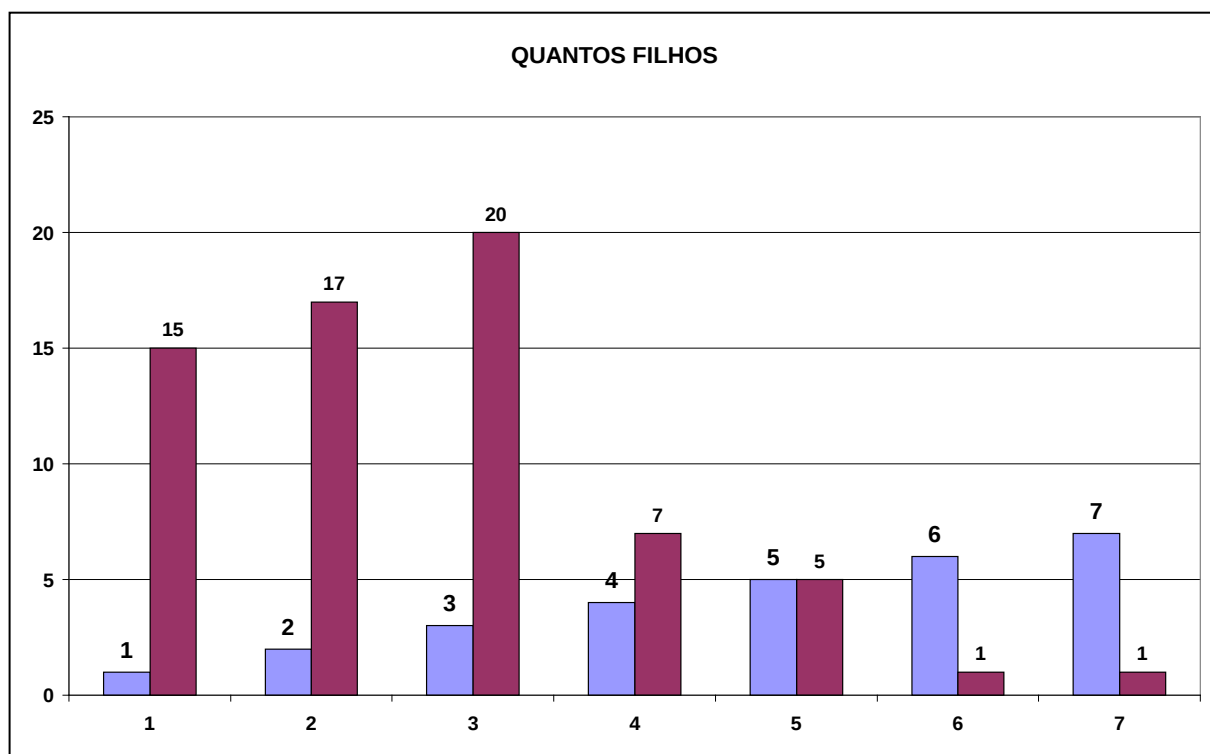


Gráfico 5 – Número de filhos dos comerciantes da Feira BrasBol.

Fonte: SILVA, L. H. A. Corumbá, 2009.

Desses filhos, a maioria tem de sete a doze anos:

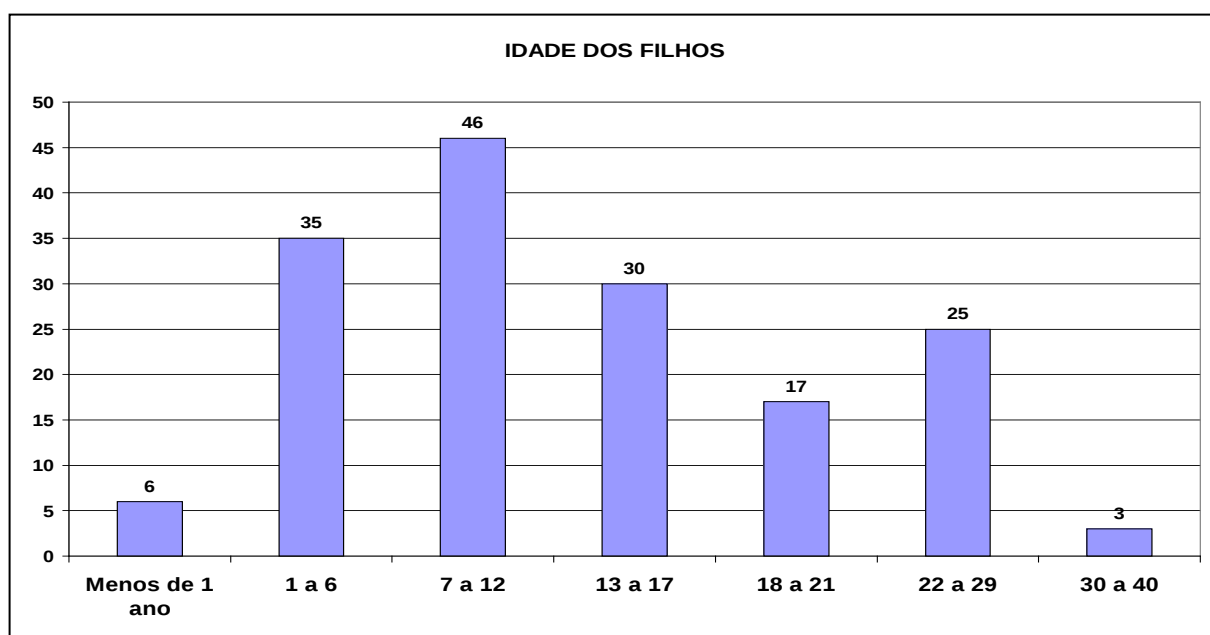


Gráfico 6 – Idade dos filhos dos comerciantes da Feira BrasBol.

Fonte: SILVA, L. H. A. Corumbá, 2009.

Perguntado aos comerciantes com quem os filhos ficam quando eles estão trabalhando, a maioria respondeu que fica junto com eles, na feira. Apesar de vários comerciantes responderem que os filhos pequenos ficam em casa, pode perceber a presença de alguns deles na feira. Veja os resultados através do gráfico 7:

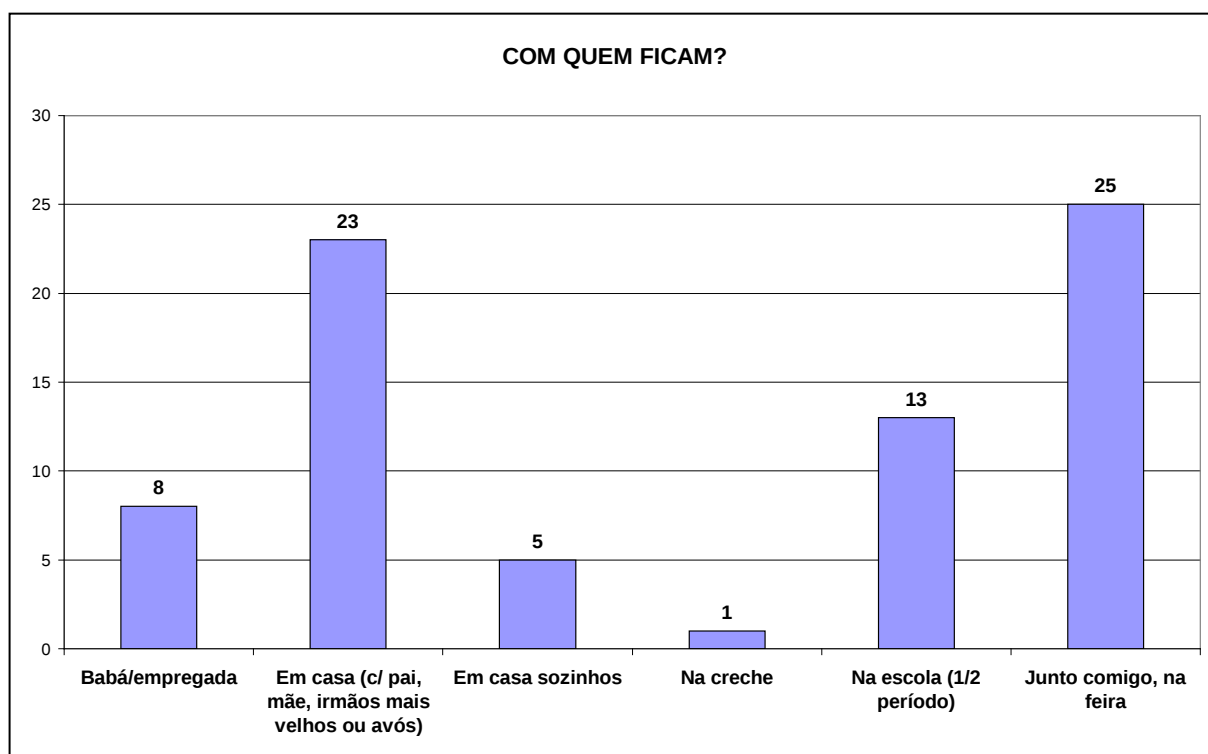


Gráfico 7 – Com quem ficam os filhos dos comerciantes da Feira BrasBol.

Fonte: SILVA, L. H. A. Corumbá, 2009.

Ao perguntar aos comerciantes se alguém trabalha com eles, a resposta foi equilibrada entre os que responderam que sim, alguém da família e os que responderam que não (43% respondeu que sim e 43% respondeu que não).

A maioria dos comerciantes iniciou sua atividade comercial no período de 1990 a 1999:

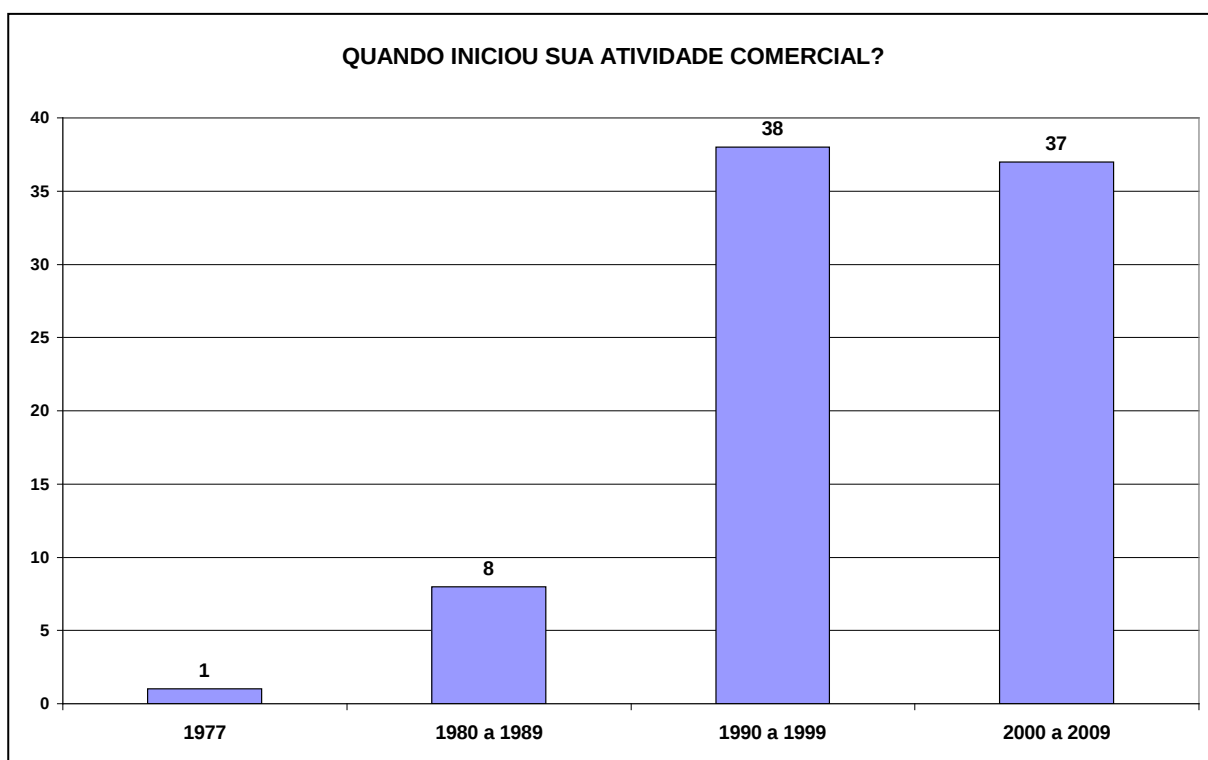


Gráfico 8 – Quando os comerciantes da Feira BrasBol iniciaram suas atividades comerciais.

Fonte: SILVA, L. H. A. Corumbá, 2009.

A maioria dos comerciantes iniciou sua atividade comercial em Corumbá, na BrasBol:

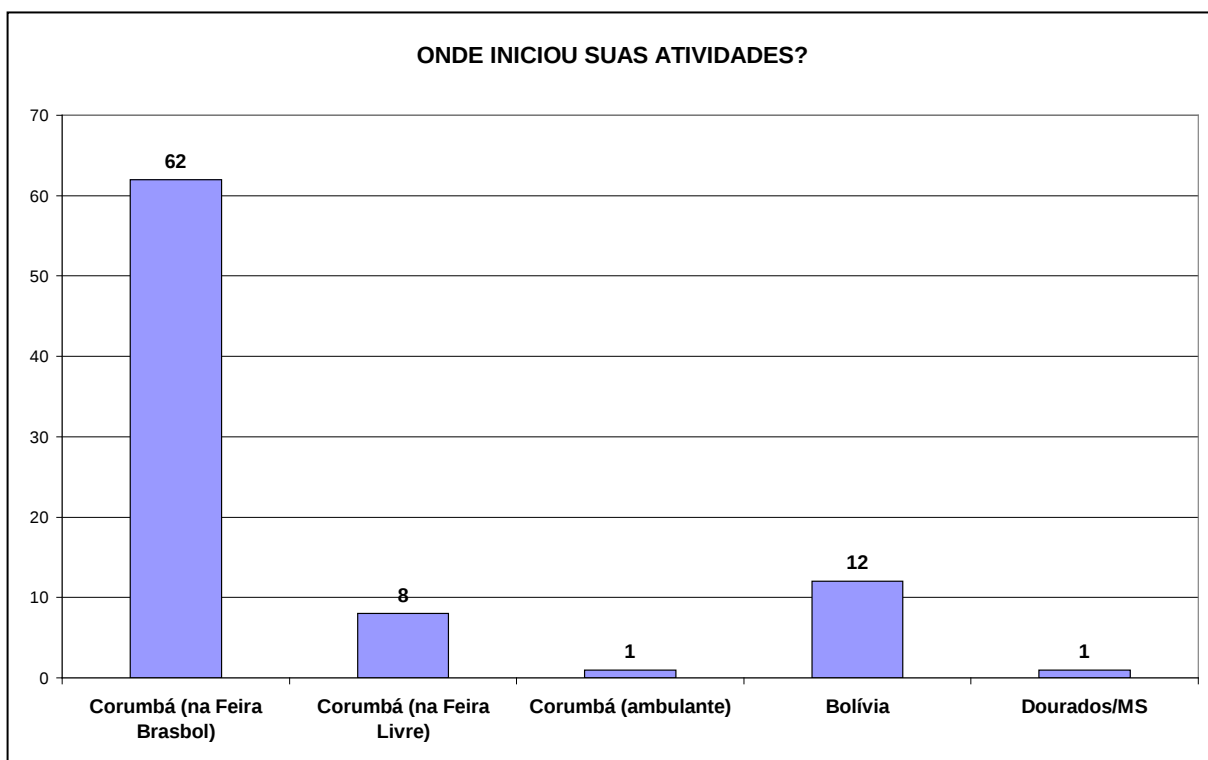


Gráfico 9 – Onde os comerciantes da Feira BrasBol iniciaram suas atividades comerciais.

Fonte: SILVA, L. H. A. Corumbá, 2009.

4.1.2 Comercialização, clientela, relações de trabalho e renda

Ao perguntar como era a estrutura do local quando iniciou suas atividades comerciais, a maioria dos comerciantes respondeu que era com cobertura de lona, quando chovia, os produtos molhavam e quando ventava forte os produtos caíam na lama:

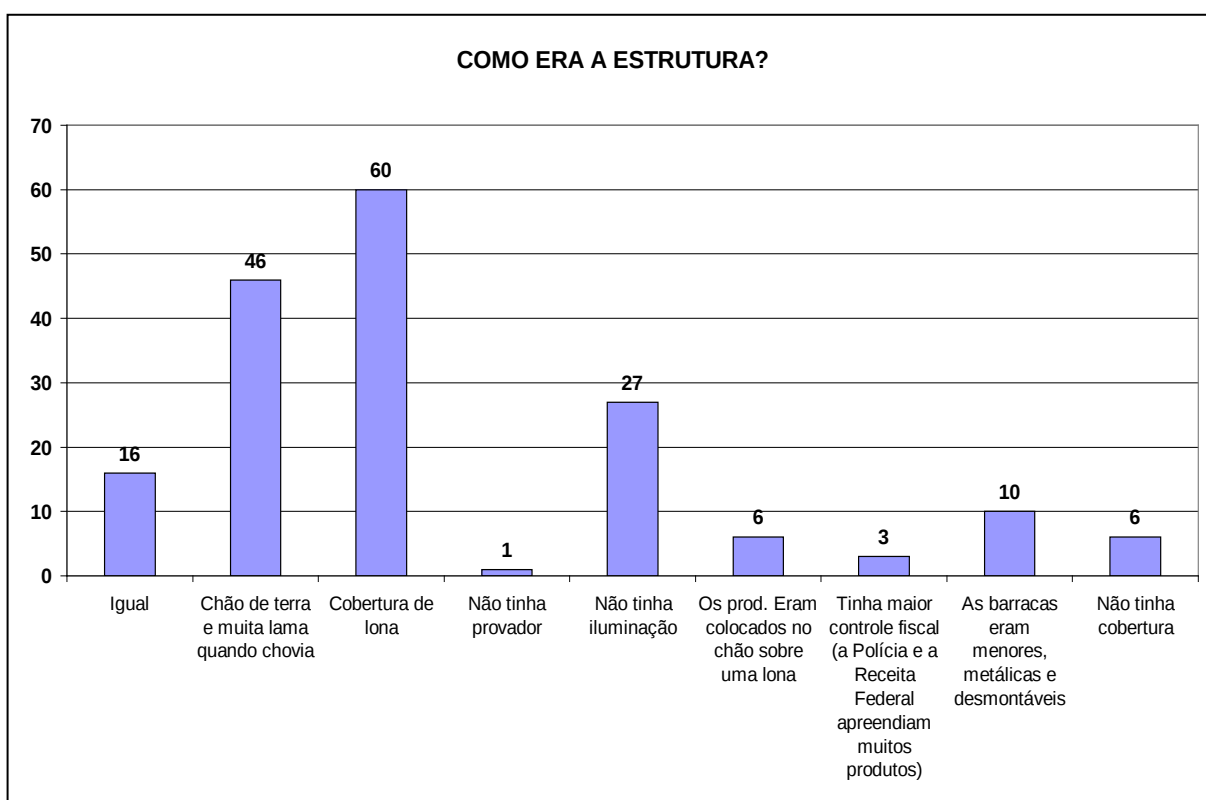


Gráfico 10 – Como era a estrutura do local quando iniciou suas atividades.

Fonte: SILVA, L. H. A. Corumbá, 2009.

A maioria dos comerciantes respondeu que a estrutura do local mudou desde que iniciou suas atividades até os dias atuais, veja no gráfico 11:

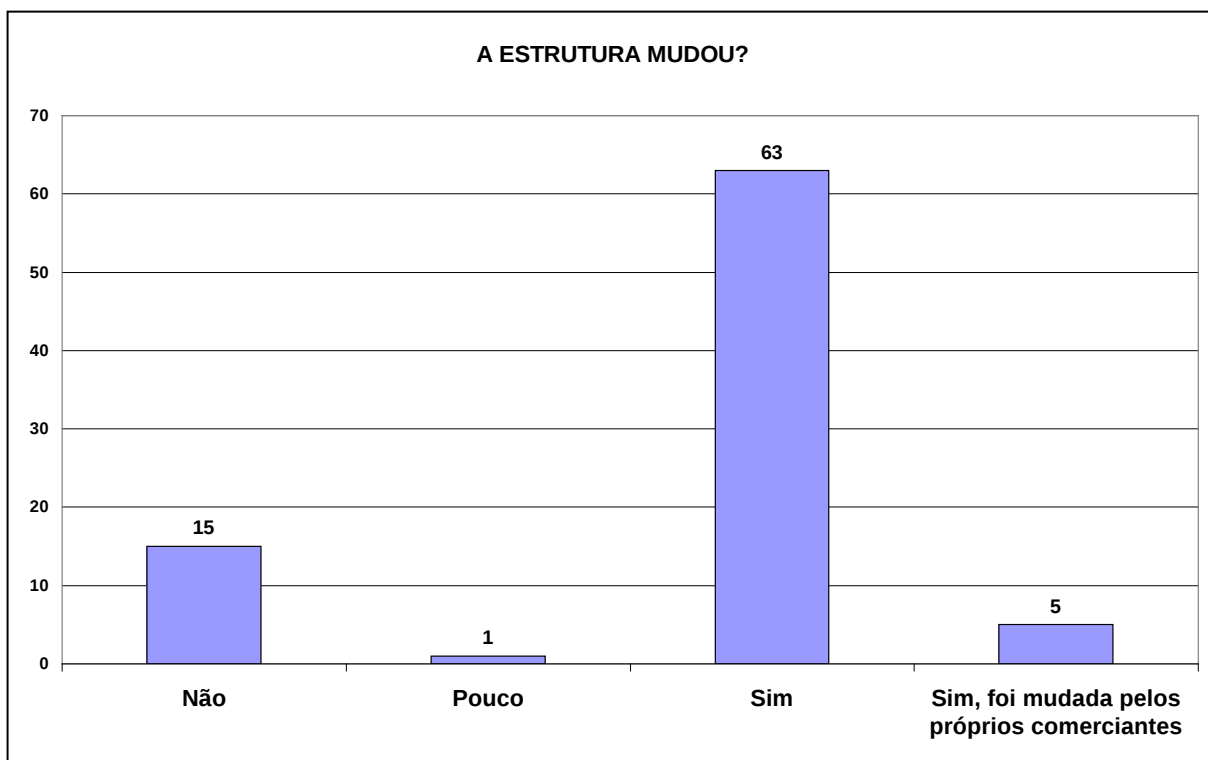


Gráfico 11 – Houve mudanças na estrutura do local desde que iniciou suas atividades.

Fonte: SILVA, L. H. A. Corumbá, 2009.

A maioria dos comerciantes respondeu que comercializa roupas e alguns tiveram mais de uma resposta:

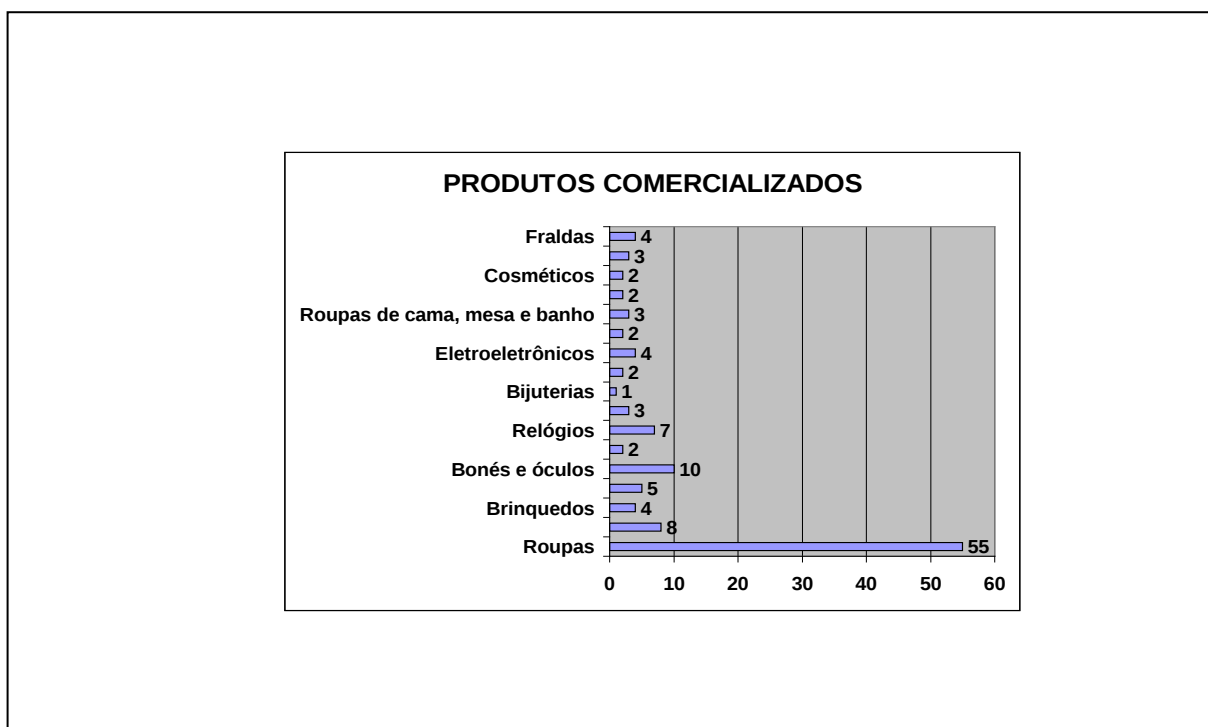


Gráfico 12 – Produtos comercializados pelos comerciantes da Feira BrasBol.

Fonte: SILVA, L. H. A. Corumbá, 2009.

A maioria dos comerciantes respondeu que os produtos comercializados são provenientes da Bolívia, porém, alguns tiveram mais de uma resposta:

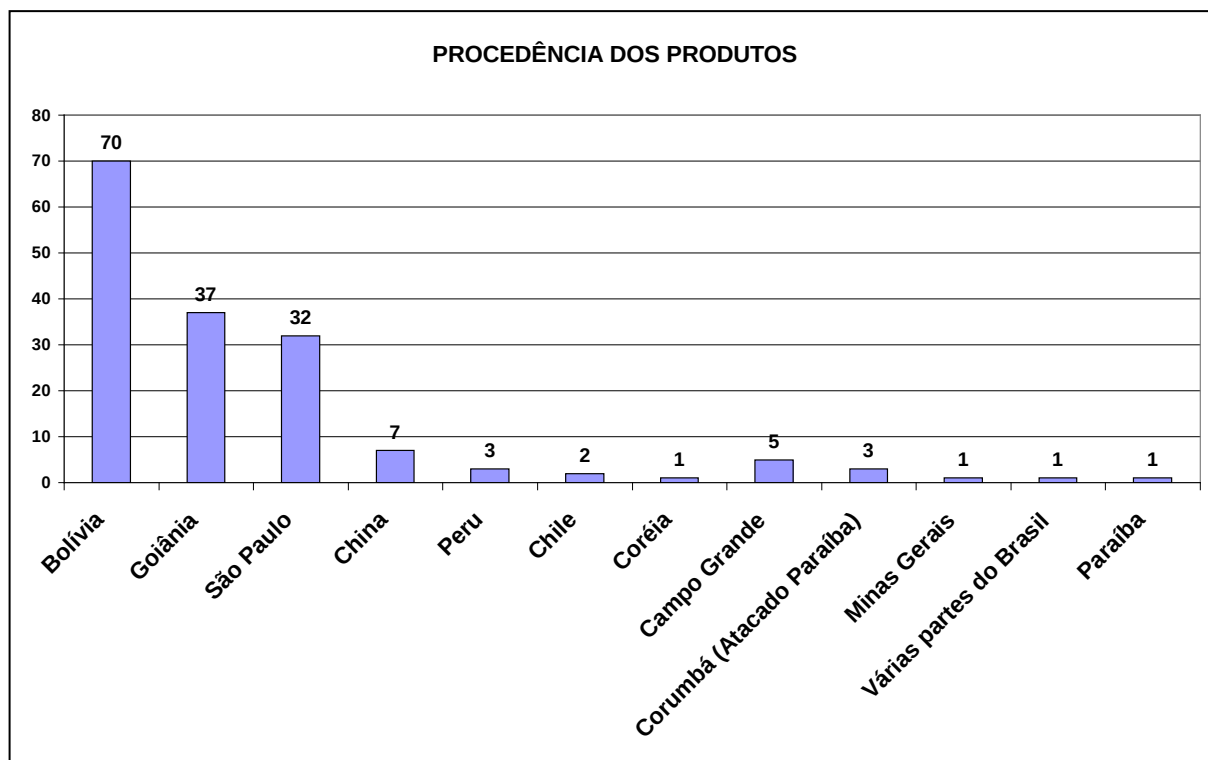


Gráfico 13 – Procedência dos produtos comercializados na Feira BrasBol.

Fonte: SILVA, L. H. A. Corumbá, 2009.

A maioria dos produtos comercializados vindos de outras regiões do Brasil é transportada através de ônibus, já os produtos provenientes da Bolívia, são transportados por trem:

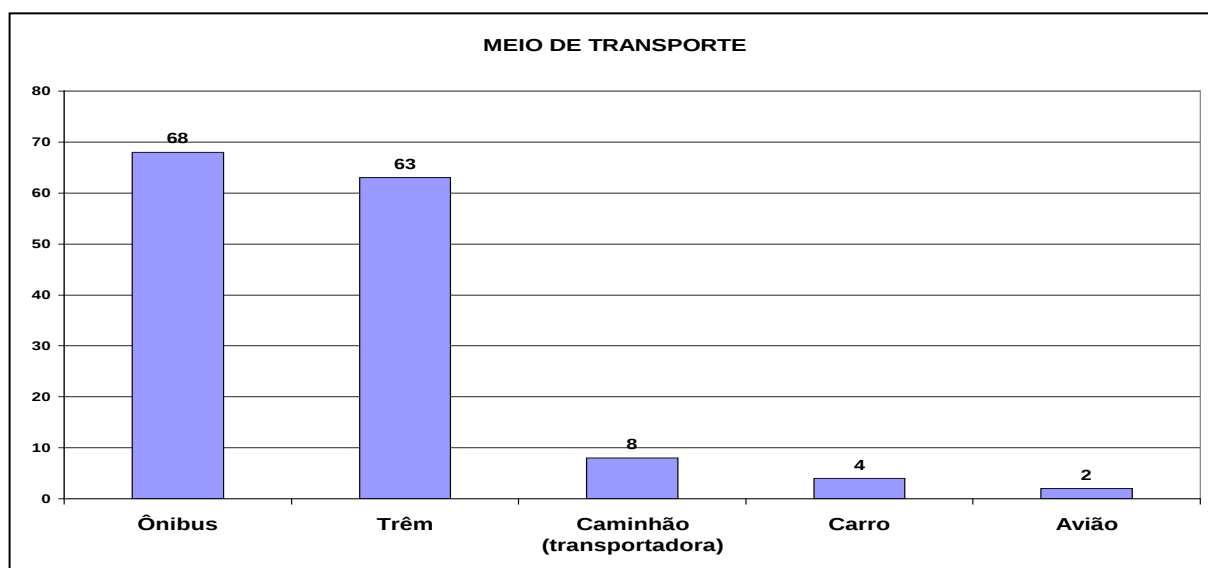


Gráfico 14 – Meio de transporte em que os produtos comercializados na BrasBol são transportados.

Fonte: SILVA, L. H. A. Corumbá, 2009.

A maioria (62%) respondeu que houve melhorias na qualidade dos produtos desde que iniciou suas atividades comerciais até os dias atuais.

Porém, a maioria dos comerciantes não soube responder qual o motivo pelo qual houve melhorias na qualidade dos produtos, mas entre os que responderam, a maioria disse que é porque as fábricas mudaram/melhoraram os produtos e porque melhorou sua situação financeira.

A maioria dos comerciantes não respondeu qual a sua renda semanal. Eles disseram que não sabem quanto ganham, pois não tem controle de entrada e saída mercadorias, diferentemente dos comerciantes do centro comercial, que não responderam porque não quiseram. Observe os dados no gráfico 15:

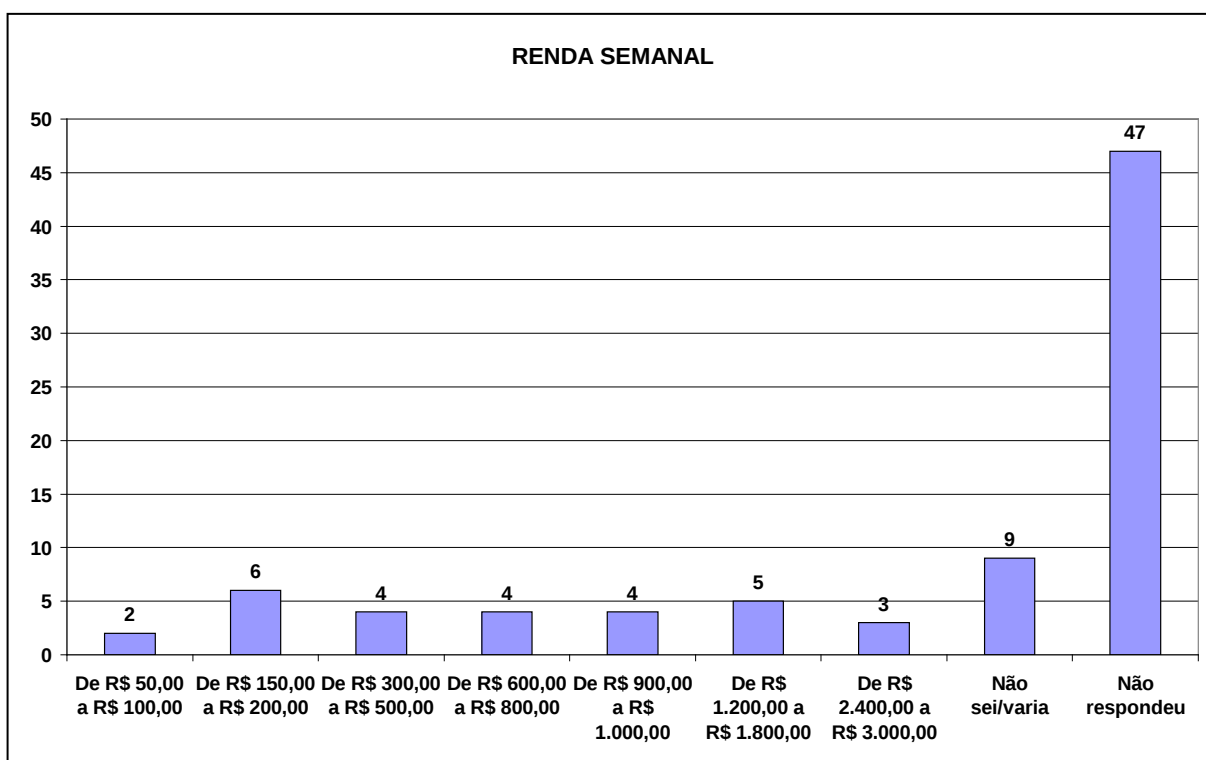


Gráfico 15 – Renda semanal dos comerciantes da Feira BrasBol.

Fonte: SILVA, L. H. A. Corumbá, 2009.

A maioria dos comerciantes também não soube responder qual sua renda mensal:

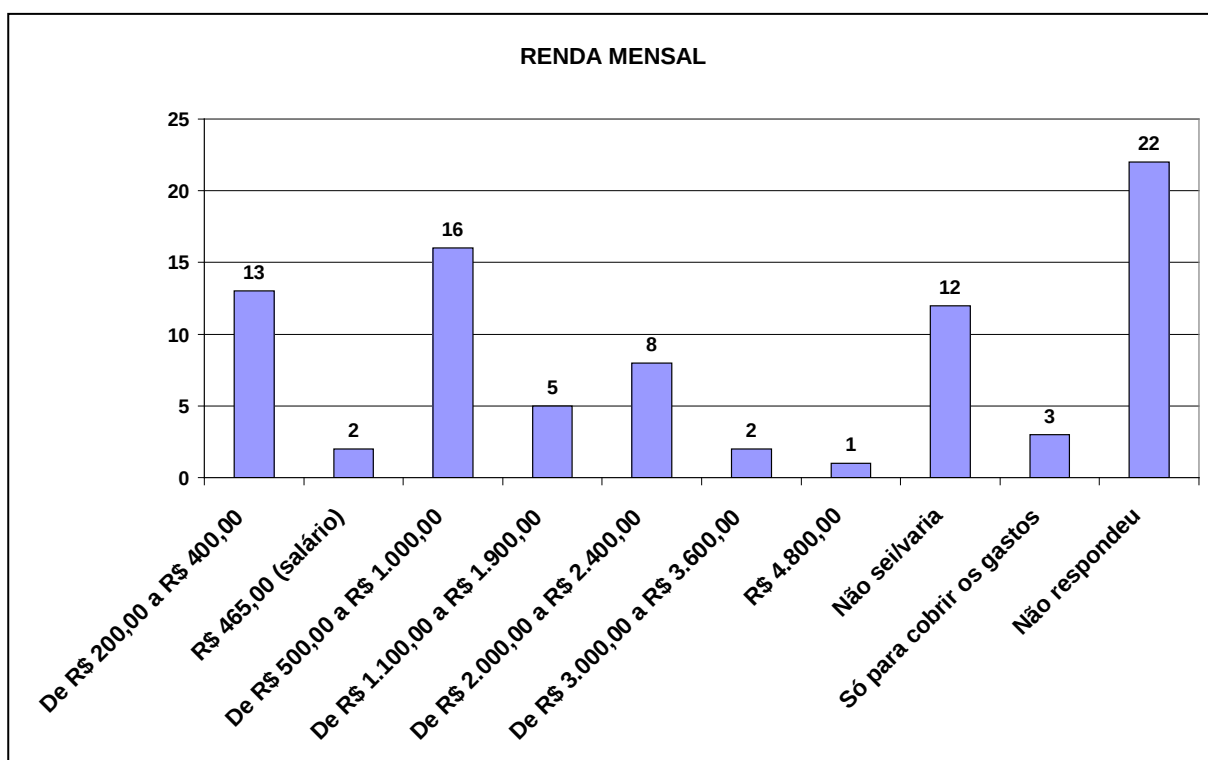


Gráfico 16 – Renda mensal dos comerciantes da Feira BrasBol.

Fonte: SILVA, L. H. A. Corumbá, 2009.

A maioria dos comerciantes (85%) respondeu que não tem outra atividade. Entre os comerciantes que responderam ter outra atividade, a maioria respondeu que também é comerciante na Bolívia:



Gráfico 17 – Outras atividades dos comerciantes da Feira BrasBol.

Fonte: SILVA, L. H. A. Corumbá, 2009.

A maioria dos comerciantes (77%) respondeu que não tem outra fonte de renda. Entre os que têm outra fonte de renda, a maioria dela provém do comércio na Bolívia:

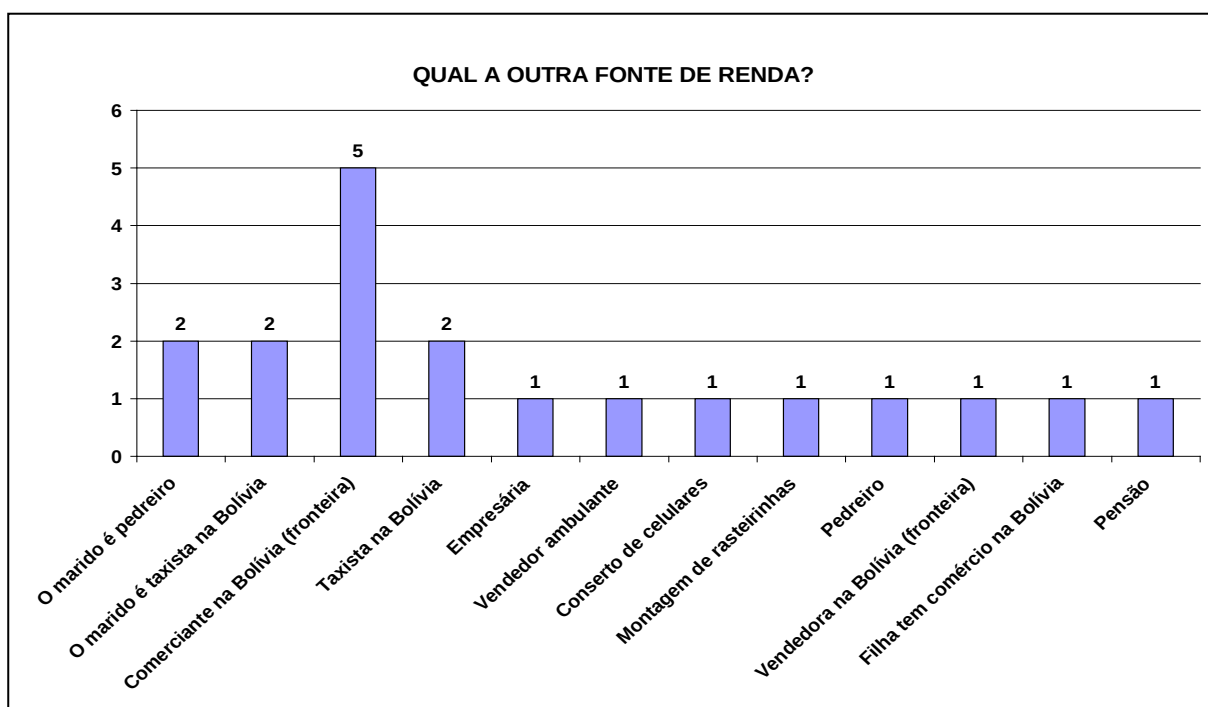


Gráfico 18 – Outra fonte de renda dos comerciantes da Feira BrasBol.

Fonte: SILVA, L. H. A. Corumbá, 2009.

Ao perguntar quanto ganha nessa outra atividade, a maioria respondeu que é de R\$ 120,00 a R\$ 380,00 por semana, equiparando-se a quem respondeu que não sabe/varia:

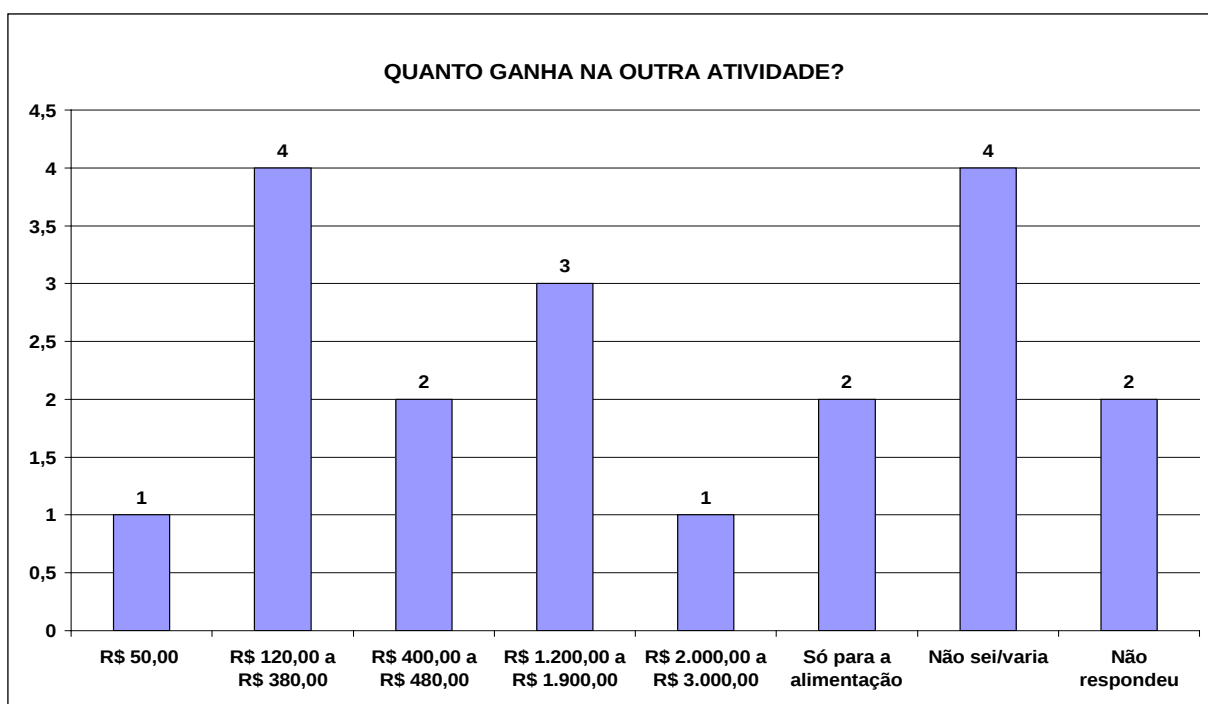


Gráfico 19 – Quanto ganham os comerciantes da Feira BrasBol que tem outra atividade.

Fonte: SILVA, L. H. A. Corumbá, 2009.

Ao perguntar sobre as despesas que os comerciantes têm mensalmente, além dos impostos, obtive as seguintes respostas:

Dos quarenta e oito comerciantes que responderam que pagam cota sindical (para pagamento de Secretária, Contadora e manutenção do escritório), a maioria paga mensalmente de R\$ R\$ 8,00 a R\$ 12,00, por barraca, à Associação:

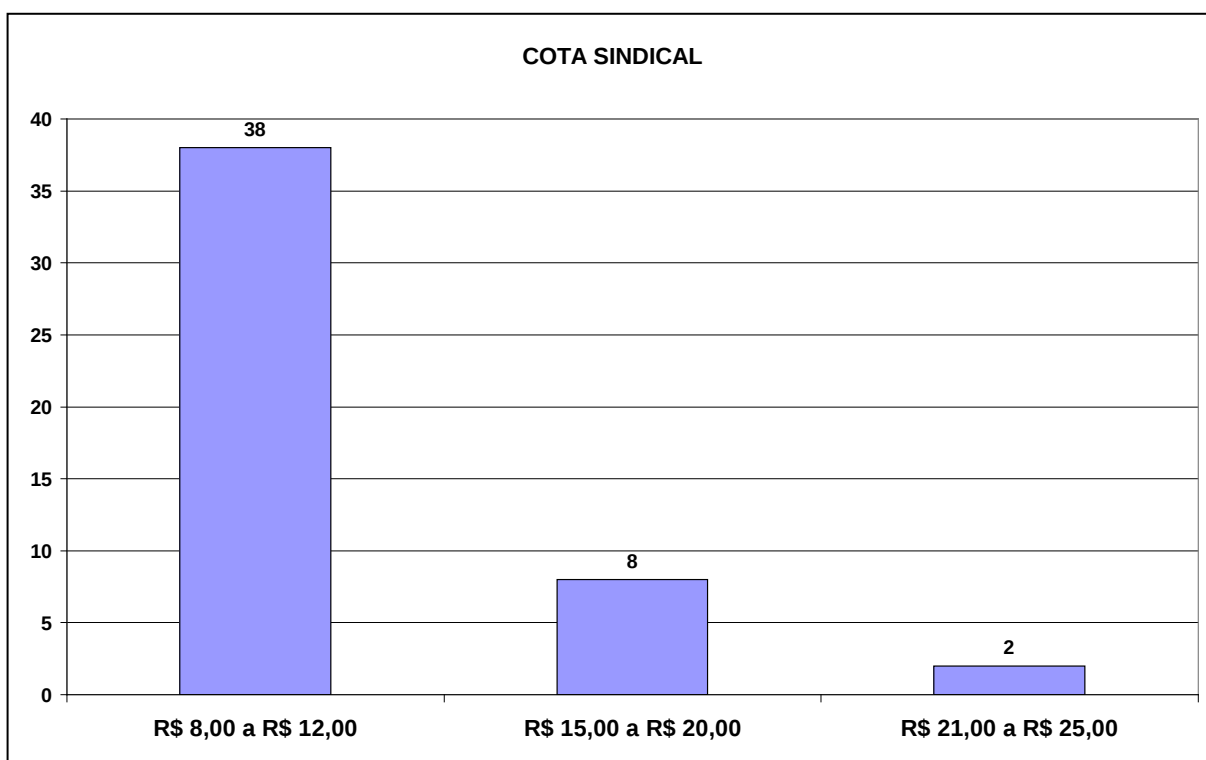


Gráfico 20 – Cota sindical paga pelos comerciantes da Feira BrasBol à Associação.

Fonte: SILVA, L. H. A. Corumbá, 2009.

Dos cinquenta comerciantes que responderam que pagam energia elétrica, a maioria paga de R\$ 10,00 a R\$ 20,00 (um padrão de energia é dividido entre seis barracas):

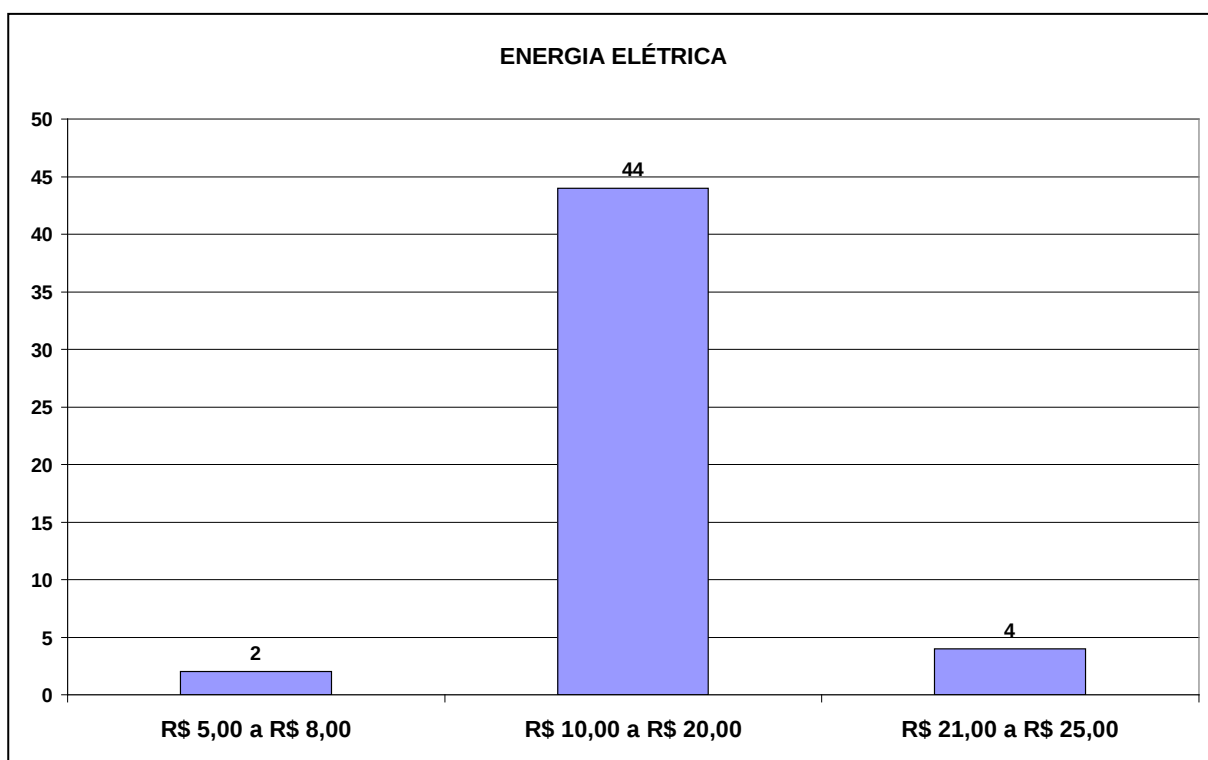


Gráfico 21 – Taxa de energia elétrica paga pelos comerciantes da Feira BrasBol.

Fonte: SILVA, L. H. A. Corumbá, 2009.

Dos vinte e três comerciantes que responderam que alugam depósitos para guardar os produtos, a maioria paga mensalmente de R\$ 60,00 a R\$ 80,00 de aluguel:

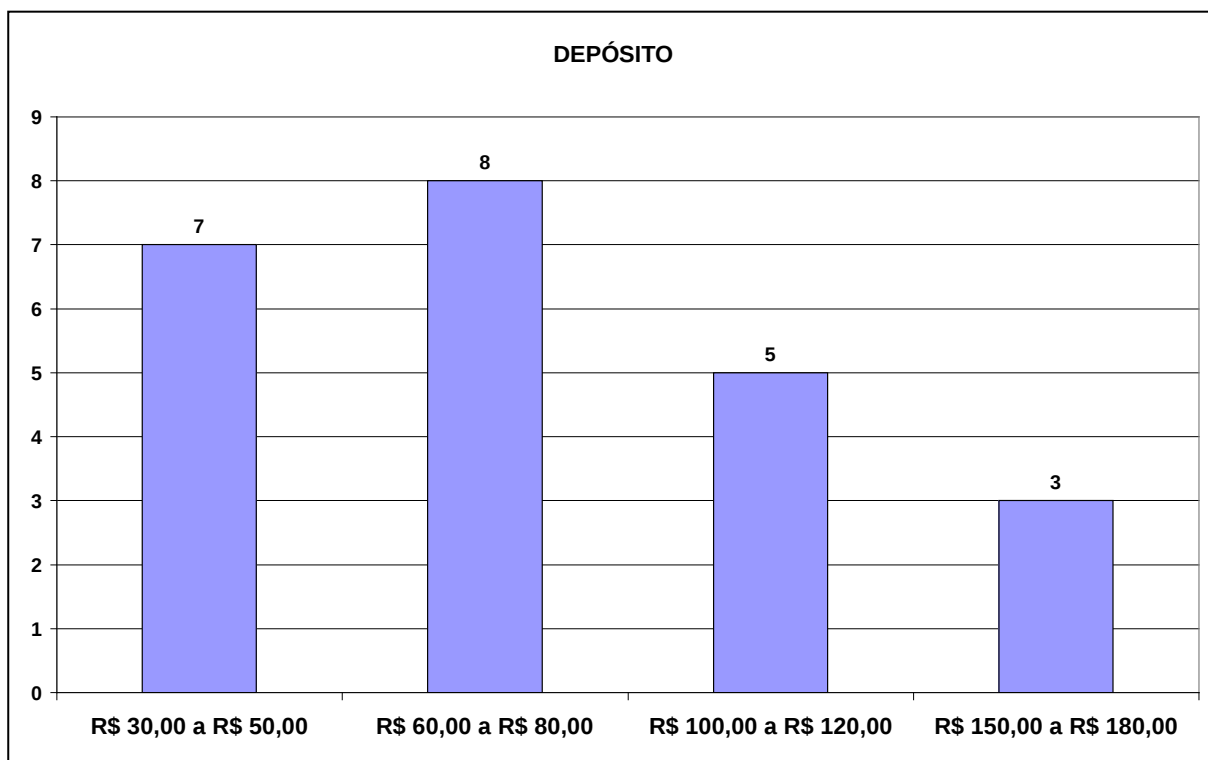


Gráfico 22 – Valor mensal pago pelos comerciantes da Feira BrasBol pelo aluguel de depósitos.

Fonte: SILVA, L. H. A. Corumbá, 2009.

A maioria dos cinquenta comerciantes que responderam que pagam Seguranças, paga mensalmente de R\$ 16,00 a R\$ 20,00:

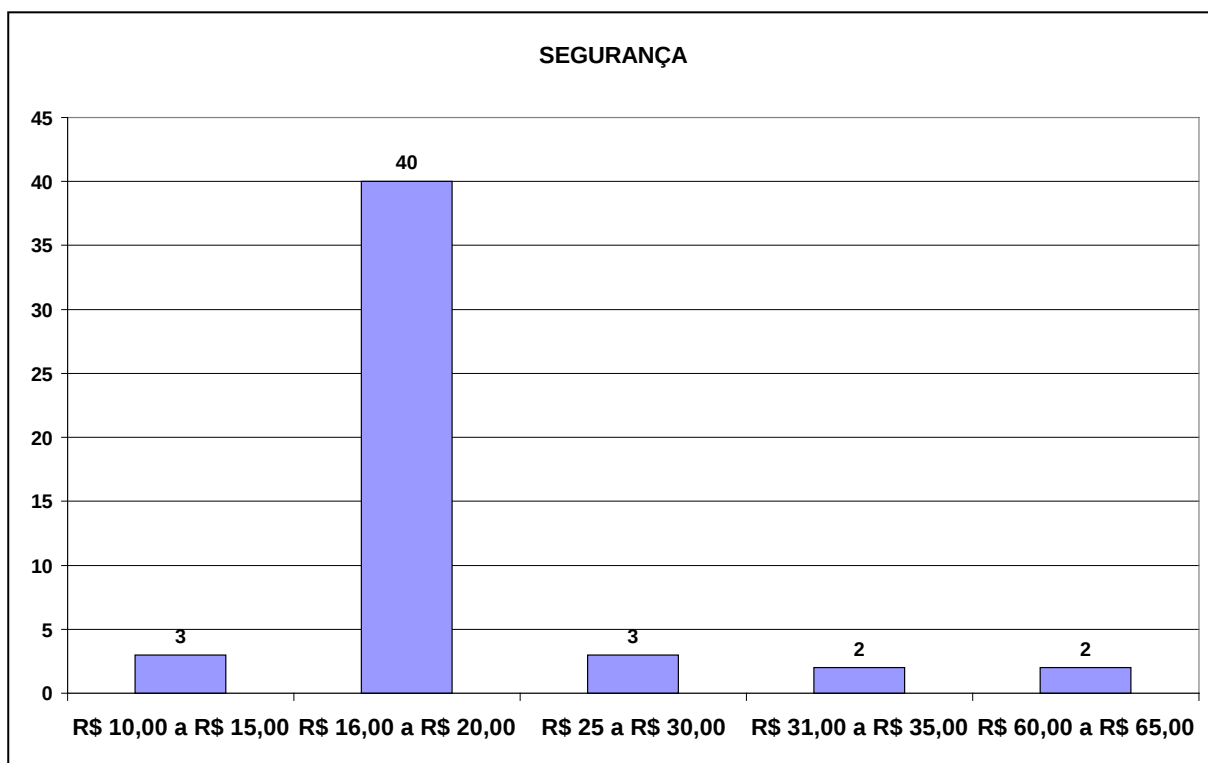


Gráfico 23 – Valor pago a Seguranças pelos comerciantes da Feira BrasBol.

Fonte: SILVA, L. H. A. Corumbá, 2009.

Entre os quatro comerciantes que disseram que pagam Carregador para levar e trazer os produtos dos depósitos, a maioria respondeu que paga mensalmente R\$ 100,00:

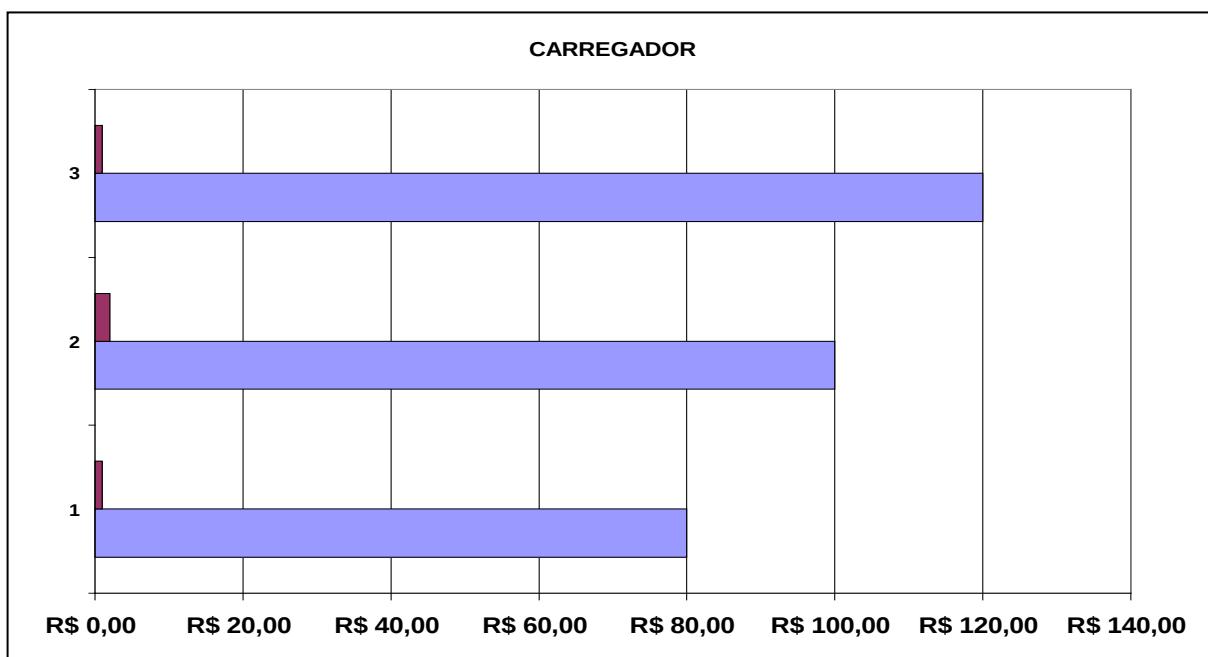


Gráfico 24 - Valor mensal pago a Carregadores pelos comerciantes da Feira BrasBol.

Fonte: SILVA, L. H. A. Corumbá, 2009.

Perguntado sobre qual o perfil dos clientes, a maioria dos comerciantes respondeu que é variado, de diversas classes sociais, e que a maioria é de Corumbá:

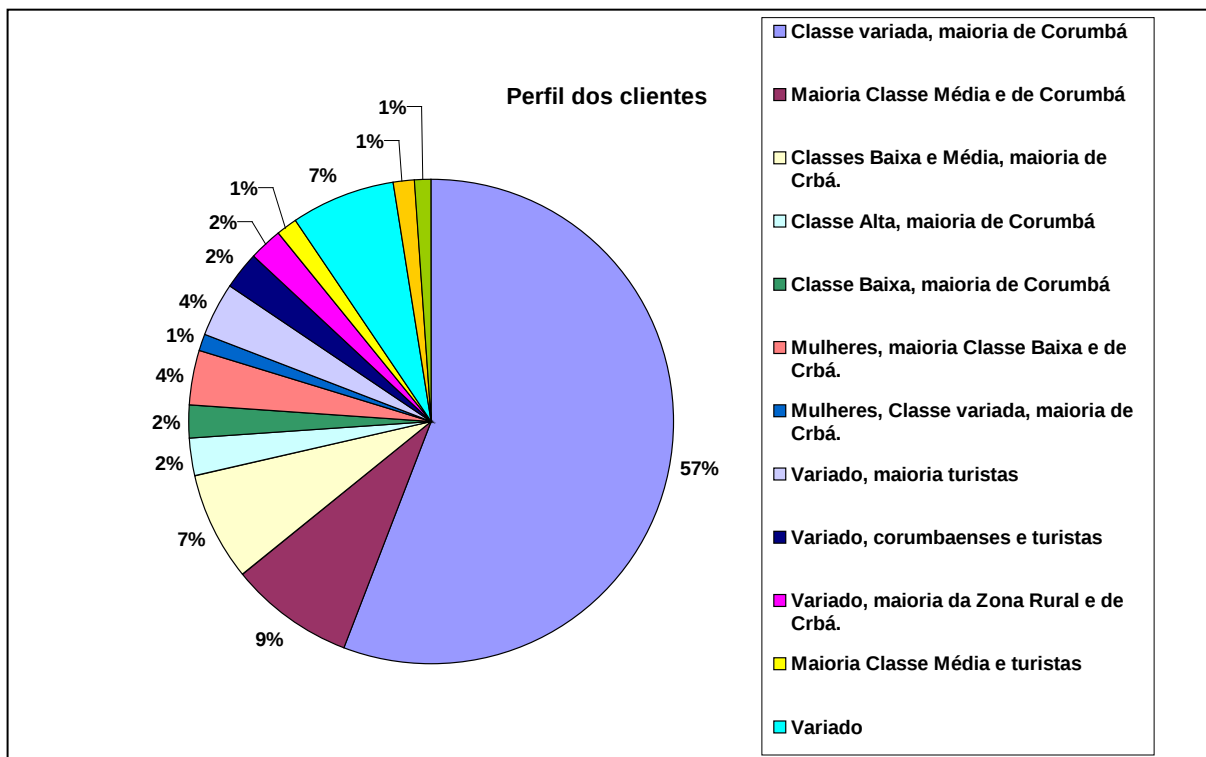


Gráfico 25 – Perfil dos clientes da Feira BrasBol.

Fonte: SILVA, L. H. A. Corumbá, 2009.

A maioria dos comerciantes respondeu que o dia de maior movimento na BrasBol é o Sábado:

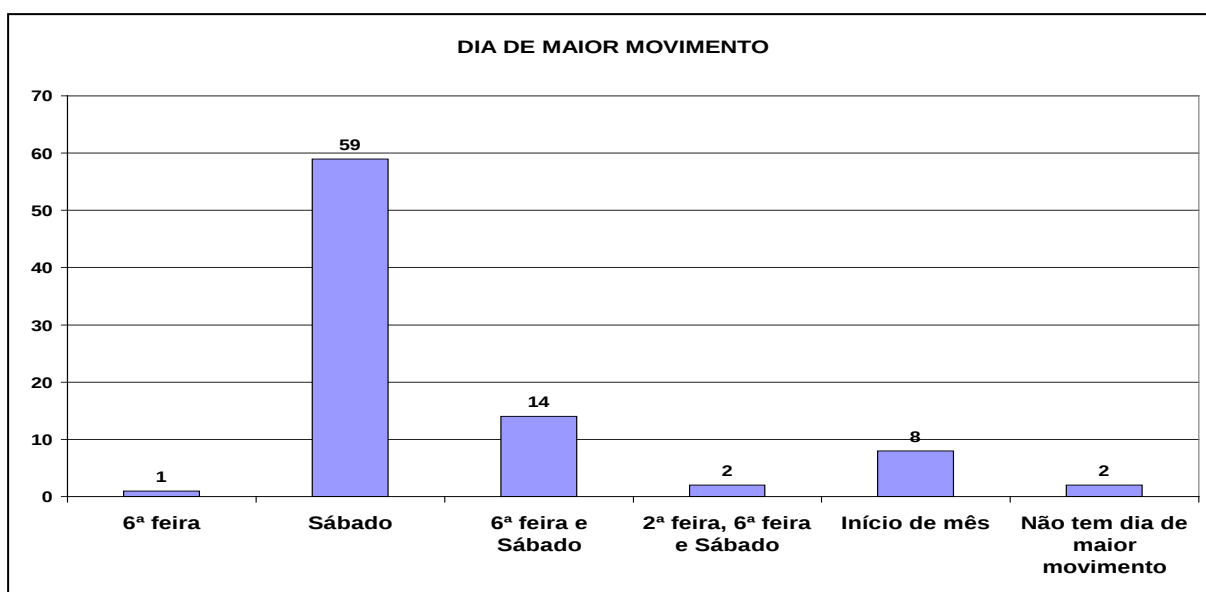


Gráfico 26 – Dia de maior movimento na Feira BrasBol.

Fonte: SILVA, L. H. A. Corumbá, 2009.

Todos os comerciantes responderam que tem água encanada e energia elétrica em suas casas. Porém, a maioria dos comerciantes respondeu que em suas casas não tem esgoto (54%) e a maioria desses reside na Bolívia.

A grande maioria dos comerciantes não possui registro de trabalho (84%). Os bolivianos têm somente o carnê fronteiriço.

Quanto às melhorias que deveriam ser realizadas na feira, a maioria dos comerciantes respondeu que deveria ser feita uma estrutura fechada para poder deixar os produtos e não precisar tirá-los diariamente para guardar nos depósitos, evitando-se, assim, despesas extras com pagamento de depósitos e carregadores, além do desgaste no esforço físico e da perda de tempo. A maioria também respondeu que deveriam colocar piso na Feira BrasBol, pois o chão de cimento é todo irregular. Alguns comerciantes responderam que acham que não tem necessidade de mudar nada, que está bom como está. Creio que esses devem ter um padrão de vida tão precário, sem um mínimo de conforto, que para eles está bom como está:

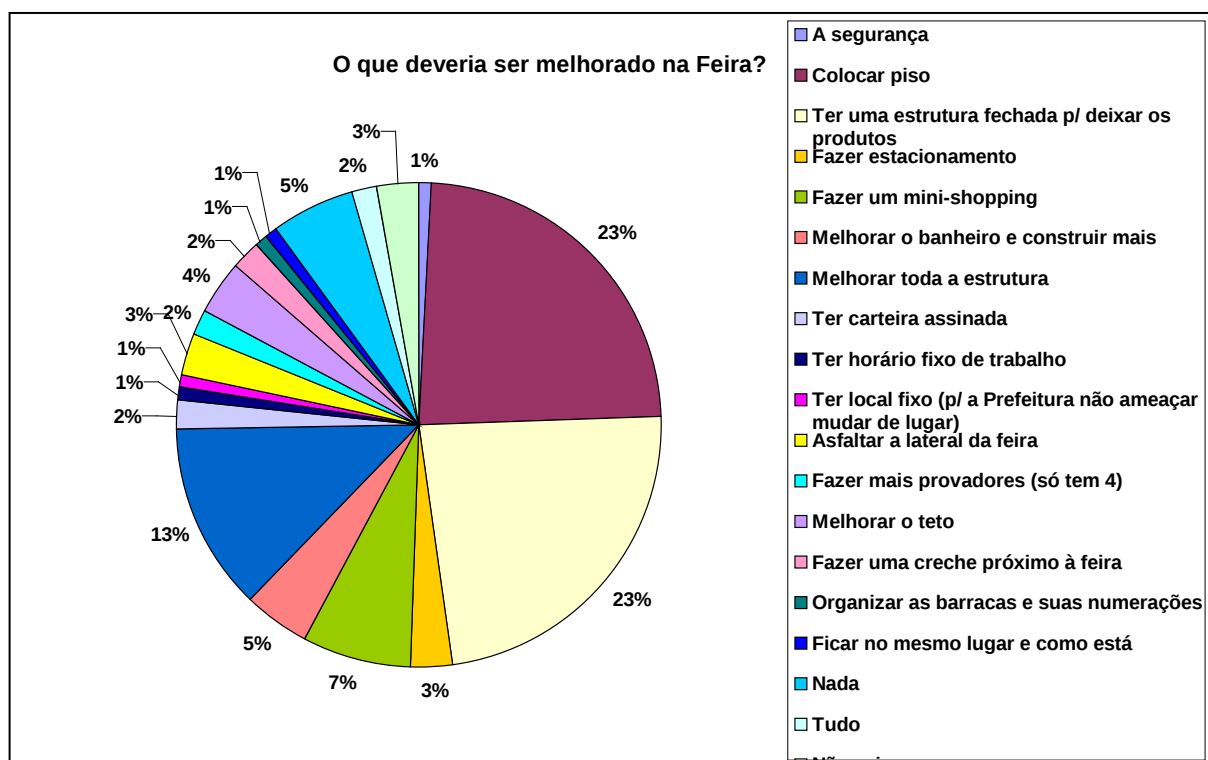


Gráfico 27 – O que deve ser melhorado na Feira BrasBol.

Fonte: SILVA, L. H. A. Corumbá, 2009.

4.2 O centro comercial de Corumbá

No período de 19 a 22 de maio de 2009, apliquei questionários nos comerciantes proprietários de lojas no Centro Comercial de Corumbá que vendem os mesmos tipos de produtos comercializados na Feira BrasBol. Entre os comerciantes das, aproximadamente, 60 lojas existentes na cidade, que se enquadram no perfil acima citado, apenas 36 se dispuseram a respondê-los.

4.2.1 Seus comerciantes

Após levantamento dos questionários respondidos, obtive os seguintes resultados:

A quantidade de comerciantes do sexo feminino supera os do sexo masculino, sendo 53% do sexo feminino e 47% do sexo masculino. A maior parte dos comerciantes está na faixa etária entre 30 a 39 anos:

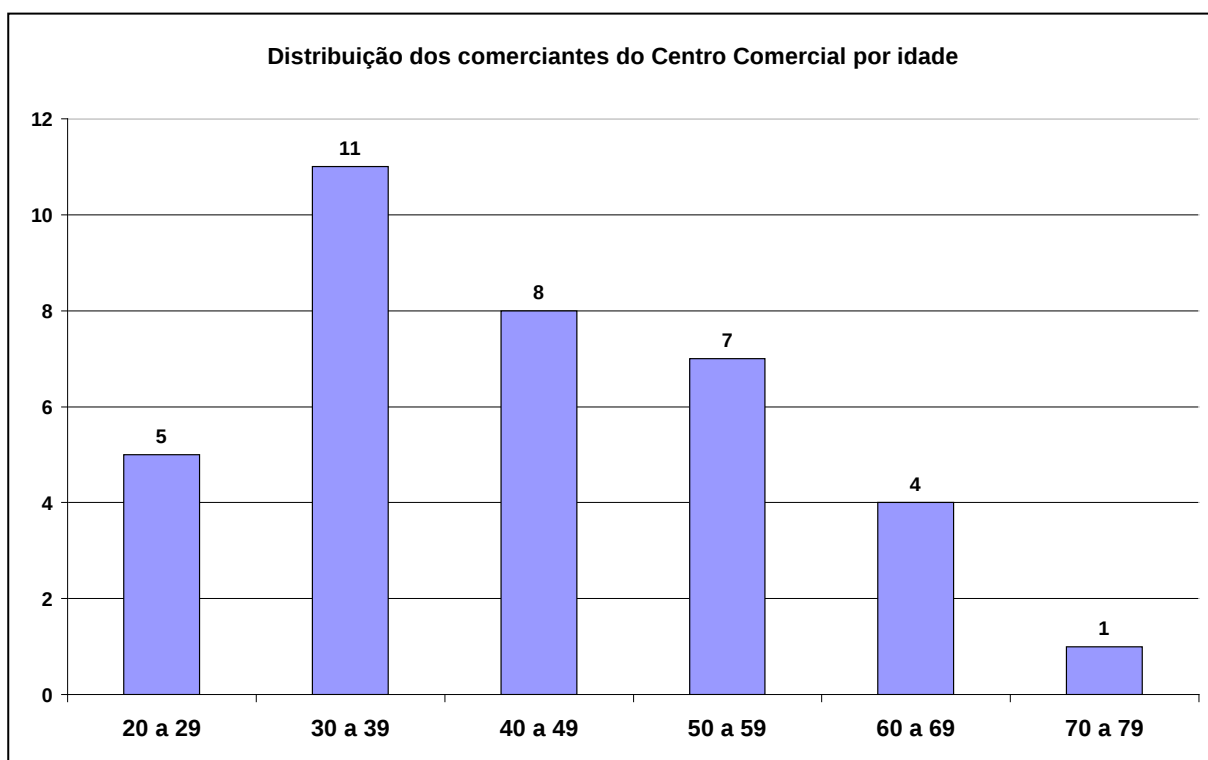


Gráfico 28 – Faixa etária dos comerciantes do Centro Comercial de Corumbá.

Fonte: SILVA, L. H. A. Corumbá, 2009.

A maioria dos comerciantes entrevistados nasceu em Corumbá. Porém, os pais de muitos deles, que iniciaram a atividade comercial e ainda trabalham junto com os filhos, nasceu na Palestina. A maioria dos comerciantes do centro comercial e os da Feira BrasBol são imigrantes ou descendentes deles, portanto, todos devem ter o mesmo direito de trabalhar na cidade de Corumbá. Veja os dados nos gráficos 29 e 30:

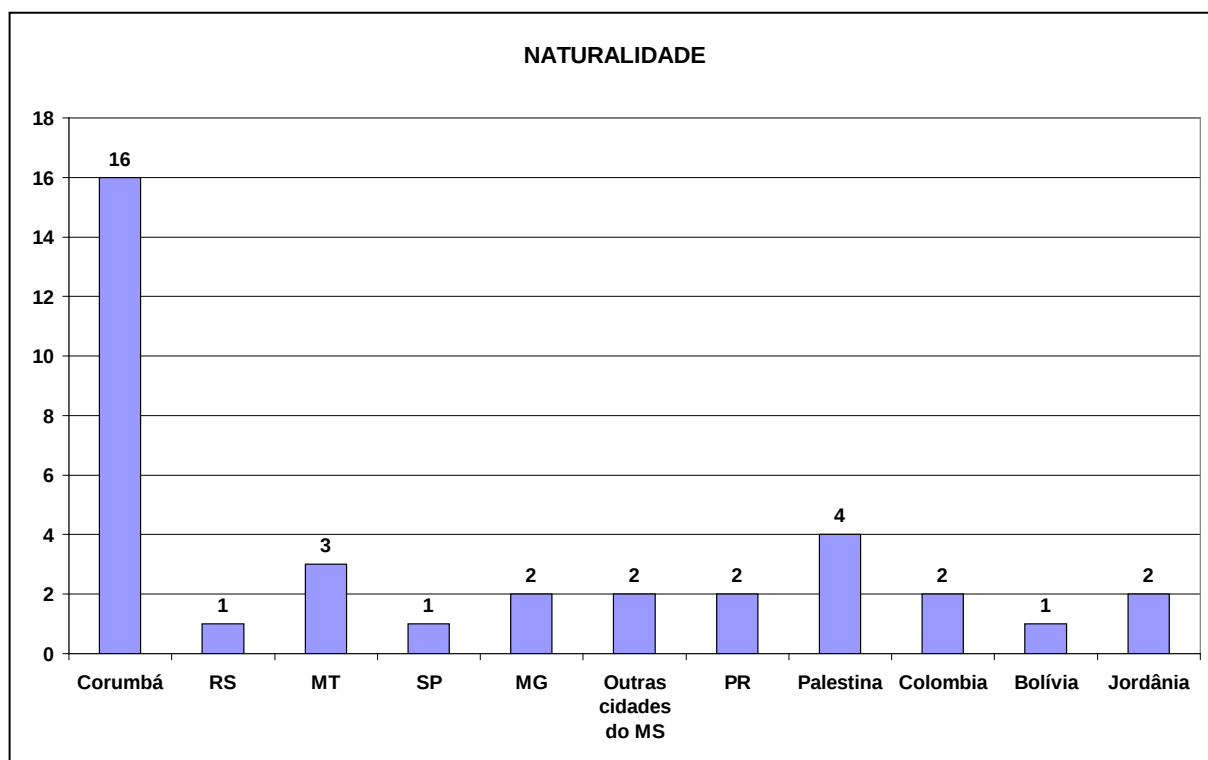


Gráfico 29 - Naturalidade dos comerciantes do Centro Comercial de Corumbá.

Fonte: SILVA, L. H. A. Corumbá, 2009.

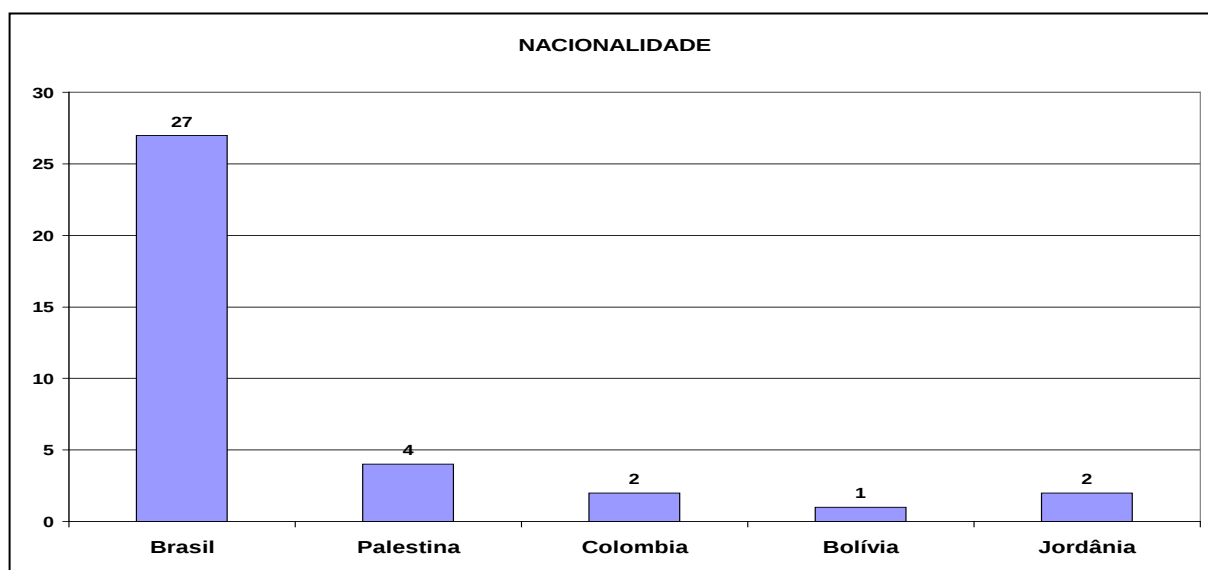


Gráfico 30 – Nacionalidade dos Comerciantes do Centro Comercial de Corumbá.

Fonte: SILVA, L. H. A. Corumbá, 2009.

A maioria dos comerciantes entrevistados é casada:

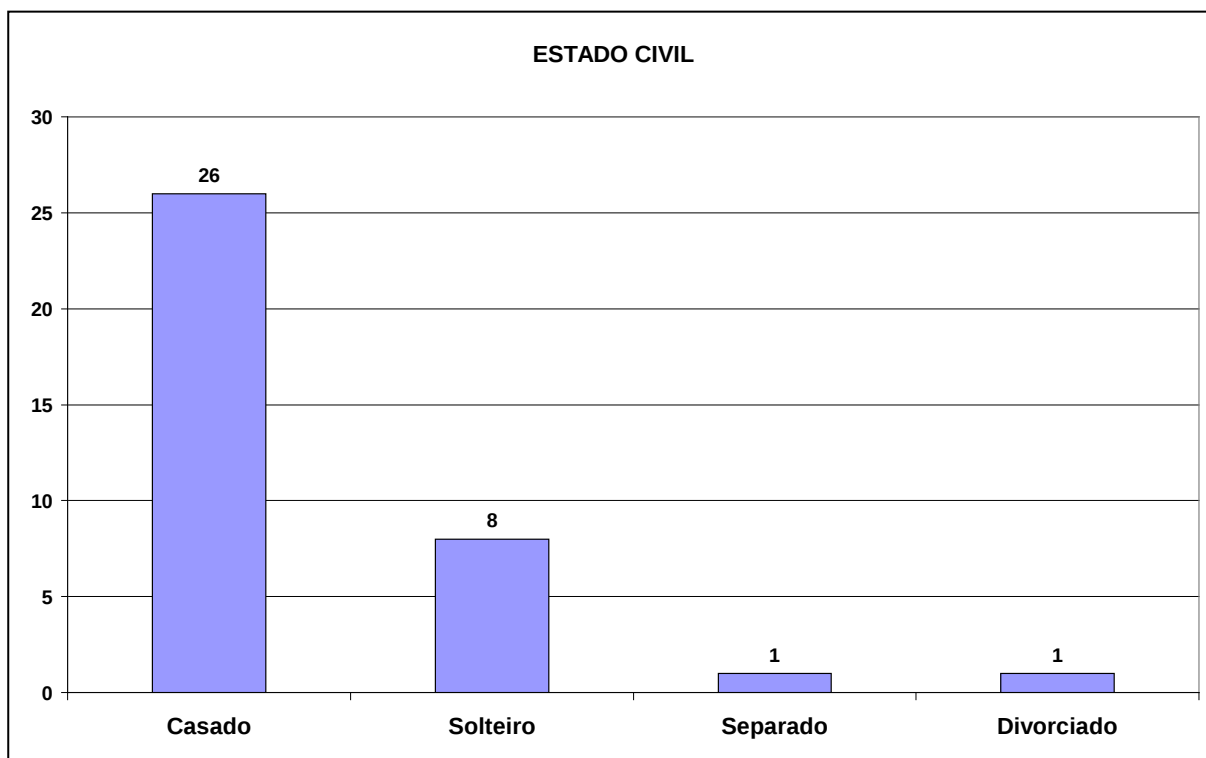


Gráfico 31 – Estado civil dos Comerciantes do Centro Comercial de Corumbá.

Fonte: SILVA, L. H. A. Corumbá, 2009.

A grande maioria dos comerciantes entrevistados (75%) tem filhos. Desses, a maioria tem 2 e 3 filhos:

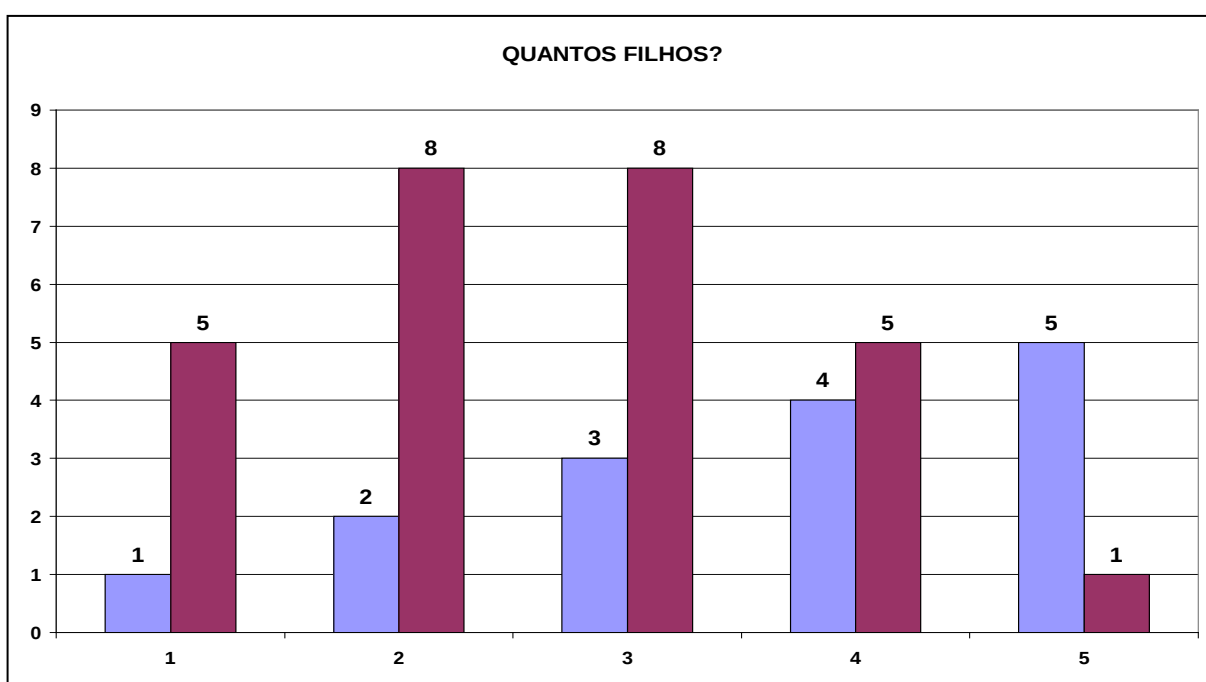


Gráfico 32 – Número de filhos dos Comerciantes do Centro Comercial de Corumbá.

Fonte: SILVA, L. H. A. Corumbá, 2009.

A maioria dos filhos dos comerciantes tem entre 21 a 30 anos de idade:

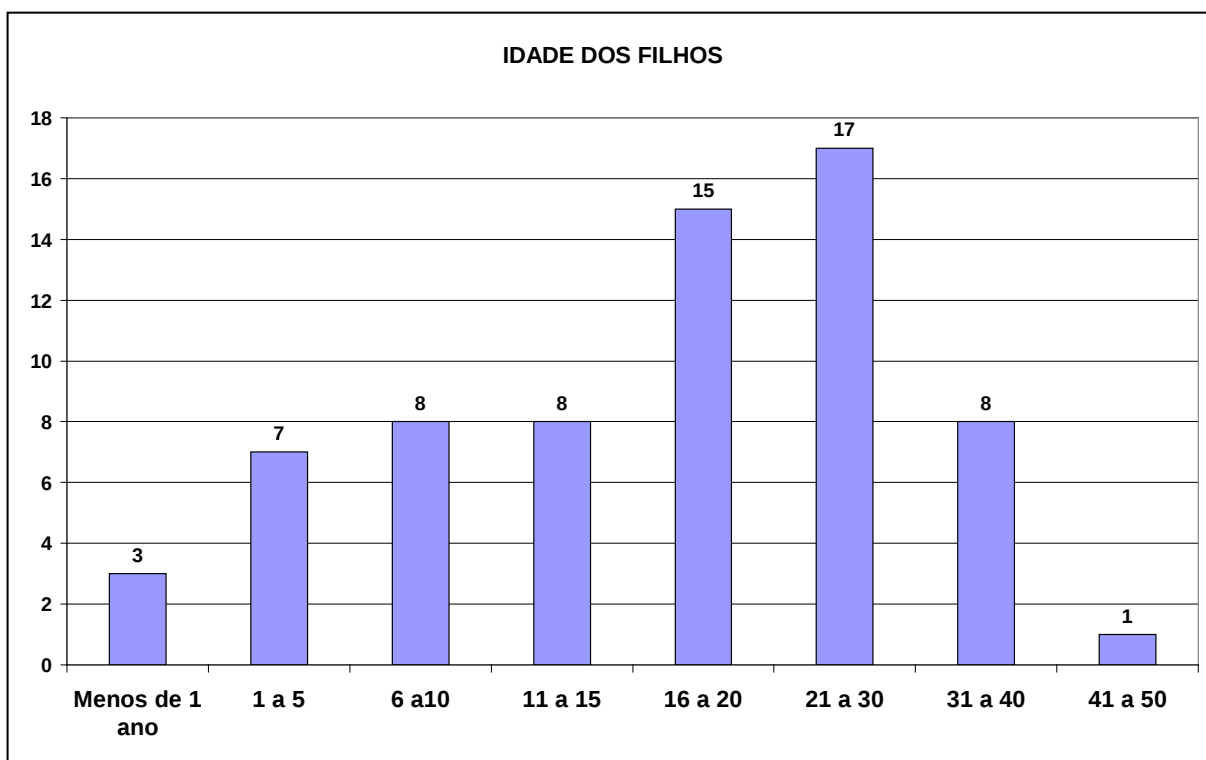


Gráfico 33 - Idade dos filhos dos Comerciantes do Centro Comercial de Corumbá.

Fonte: SILVA, L. H. A. Corumbá, 2009.

A maioria dos filhos fica com Babá ou Empregada Doméstica enquanto os pais trabalham:

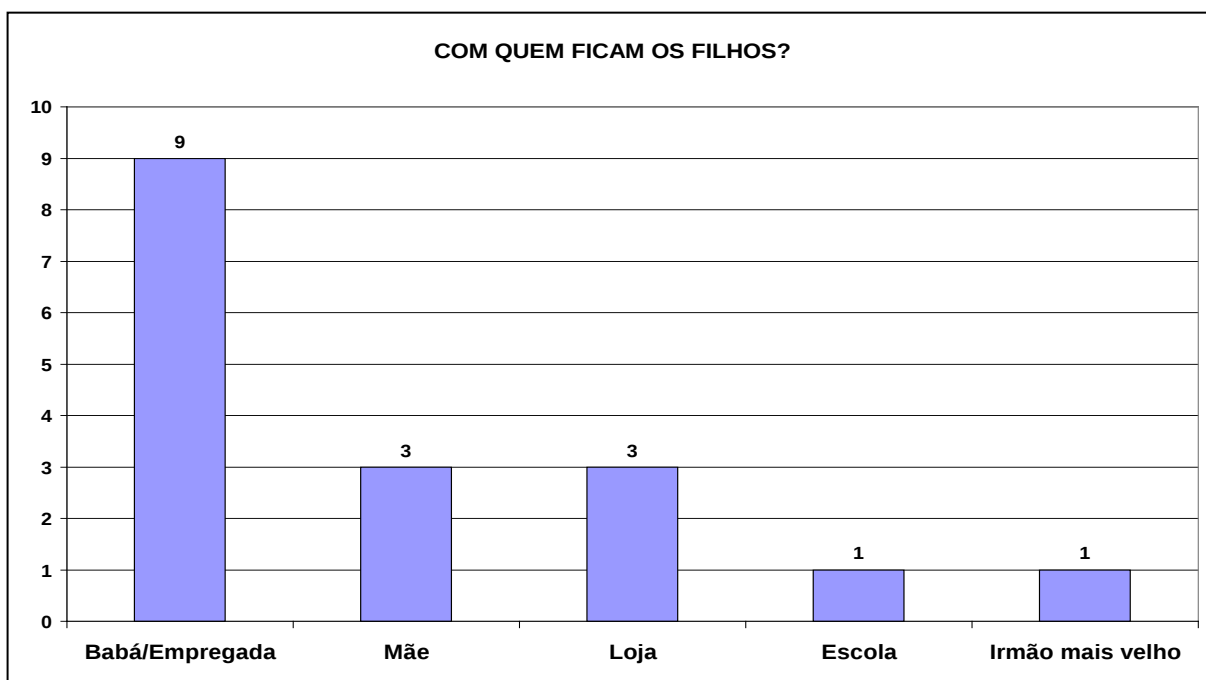


Gráfico 34 – Com quem ficam os filhos dos Comerciantes do Centro Comercial de Corumbá.

Fonte: SILVA, L. H. A. Corumbá, 2009.

Dos comerciantes que vieram de fora da cidade, a maioria veio no período de 1970 a 1979:

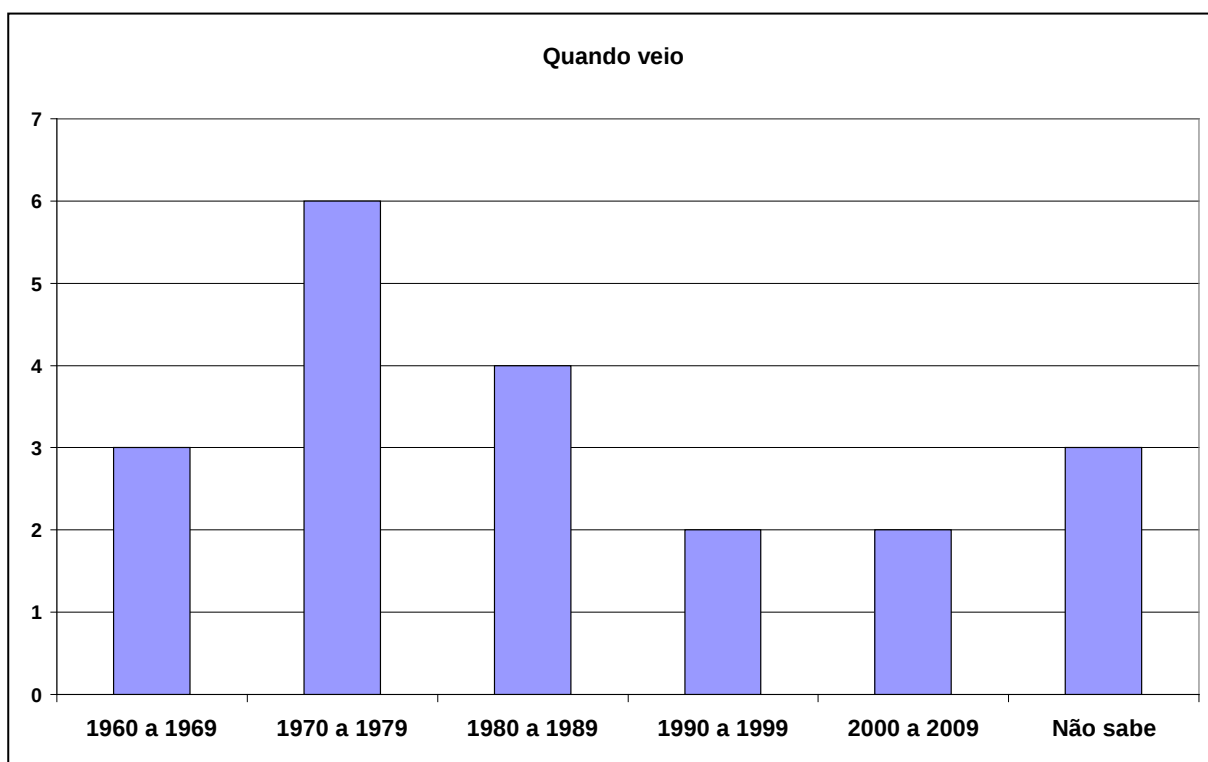


Gráfico 35 – Período em que vieram para Corumbá os Comerciantes do Centro Comercial vindos de fora.

Fonte: SILVA, L. H. A. Corumbá, 2009.

A maioria dos comerciantes que veio de fora da cidade, veio para acompanhar a família, que veio para trabalhar (53%).

A maioria dos comerciantes (97%) trabalha com outro(s) ajudante(s), e geralmente um deles é da própria família.

A maioria dos comerciantes entrevistados iniciou sua atividade comercial nos períodos de 1970 a 1979 e 1990 a 1999:

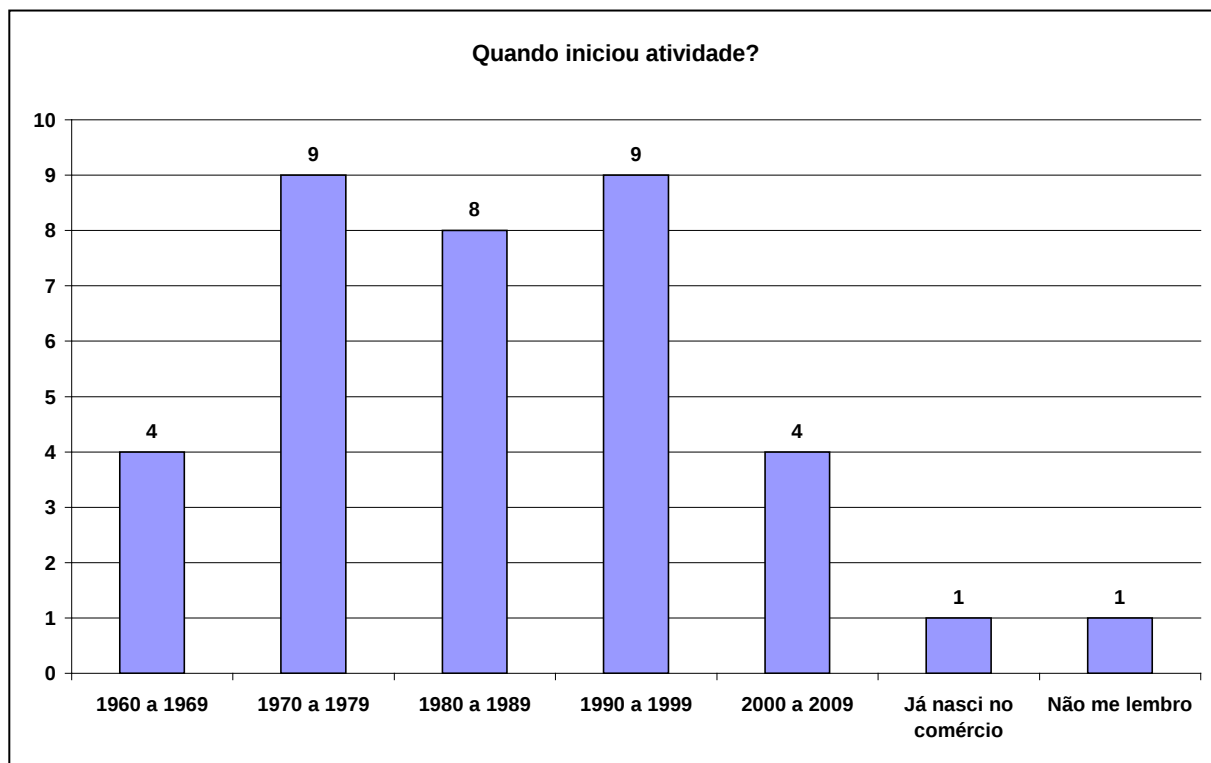


Gráfico 36 – Período em que os Comerciantes do Centro Comercial de Corumbá iniciaram suas atividades.

Fonte: SILVA, L. H. A. Corumbá, 2009.

A maior parte desses comerciantes (85%) começou a trabalhar no comércio em Corumbá.

4.2.2 Comercialização, clientela, relações de trabalho e renda

A maioria das lojas desses comerciantes era menor que a atual, quando iniciou suas atividades comerciais:

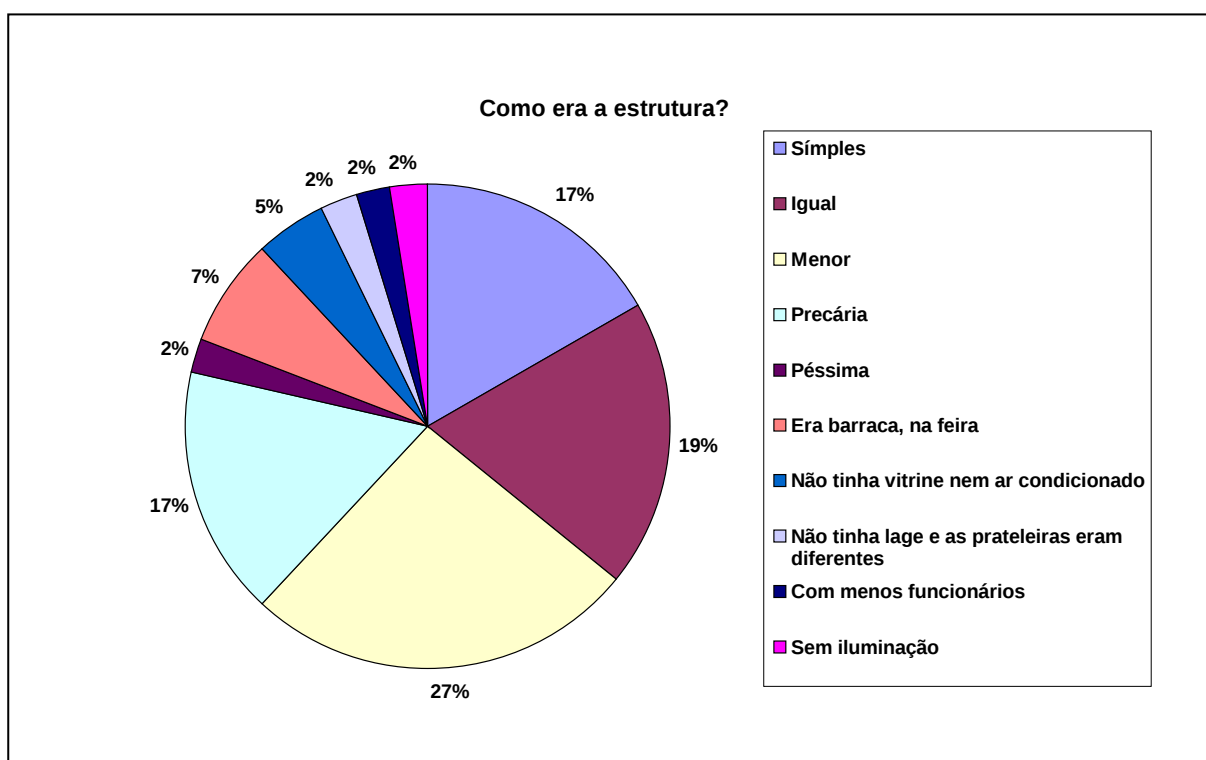


Gráfico 37 – Como era a estrutura das lojas do Centro Comercial de Corumbá quando iniciaram suas atividades.

Fonte: SILVA, L. H. A. Corumbá, 2009.

A maioria das lojas (78%) teve mudanças na sua estrutura no decorrer dos anos.

As roupas lideraram entre os produtos comercializados:

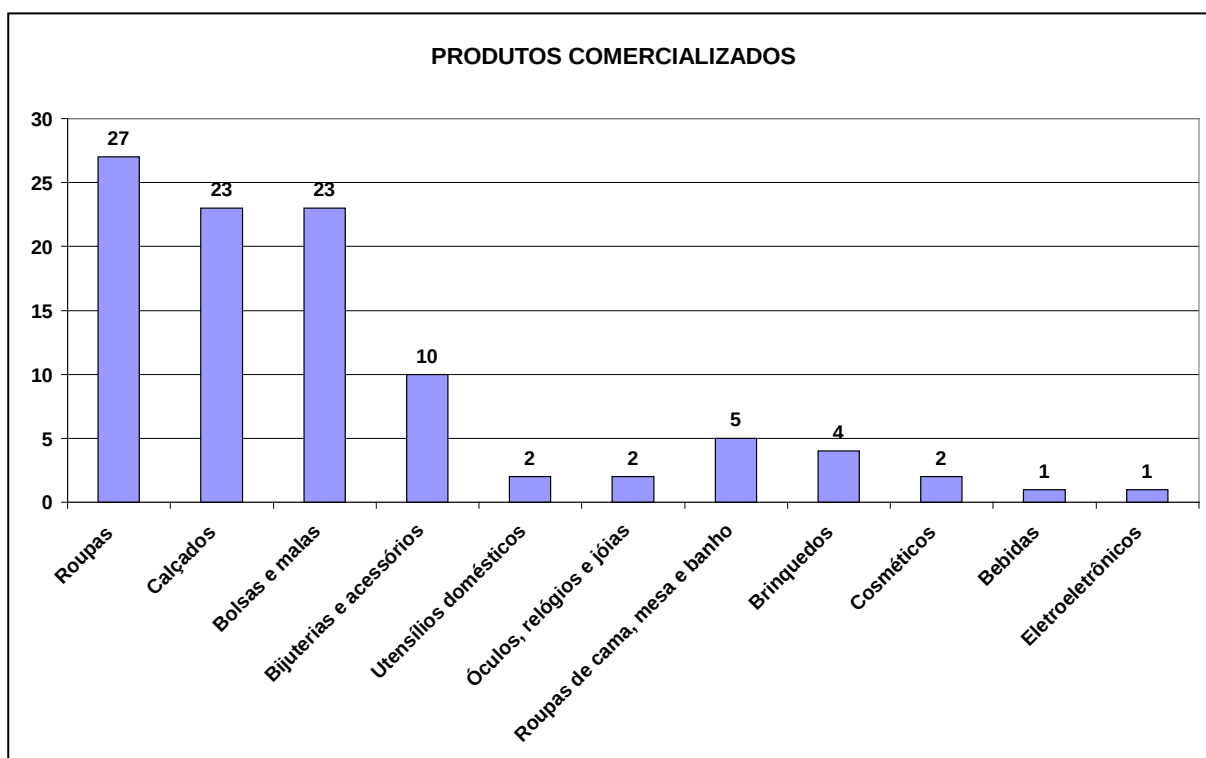


Gráfico 38 – Produtos comercializados pelos comerciantes do Centro Comercial de Corumbá.

Fonte: SILVA, L. H. A. Corumbá, 2009.

A procedência da maioria dos produtos comercializados é de São Paulo:

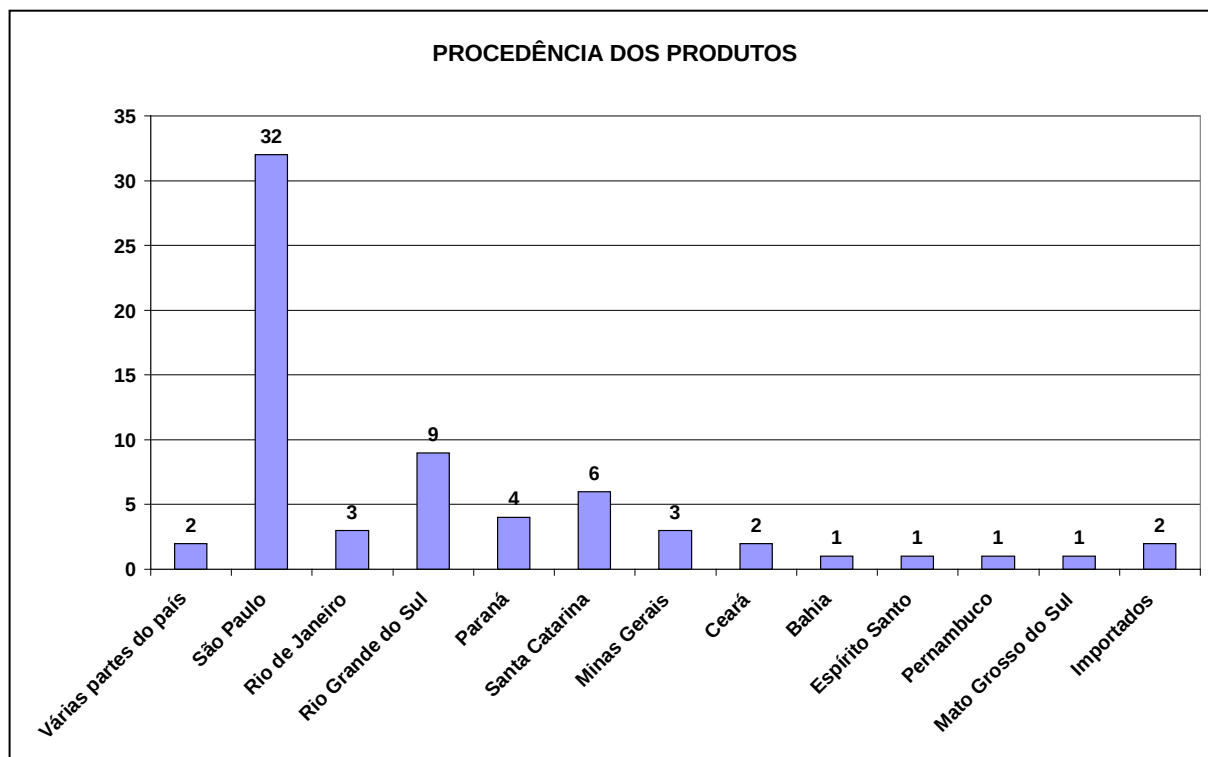


Gráfico 39 – Procedência dos produtos comercializados pelos Comerciantes do Centro Comercial de Corumbá.

Fonte: SILVA, L. H. A. Corumbá, 2009.

O meio de transporte em que a maioria dos produtos comercializados (88%) é transportada a Corumbá é o caminhão de transportadora.

Perguntados se houve mudanças e/ou melhorias na qualidade dos produtos comercializados desde que iniciou suas atividades comerciais, a maioria dos comerciantes (89%) respondeu que sim.

O motivo das mudanças/alterações na qualidade dos produtos, respondido pela maioria dos comerciantes, foi para atender às exigências dos clientes:

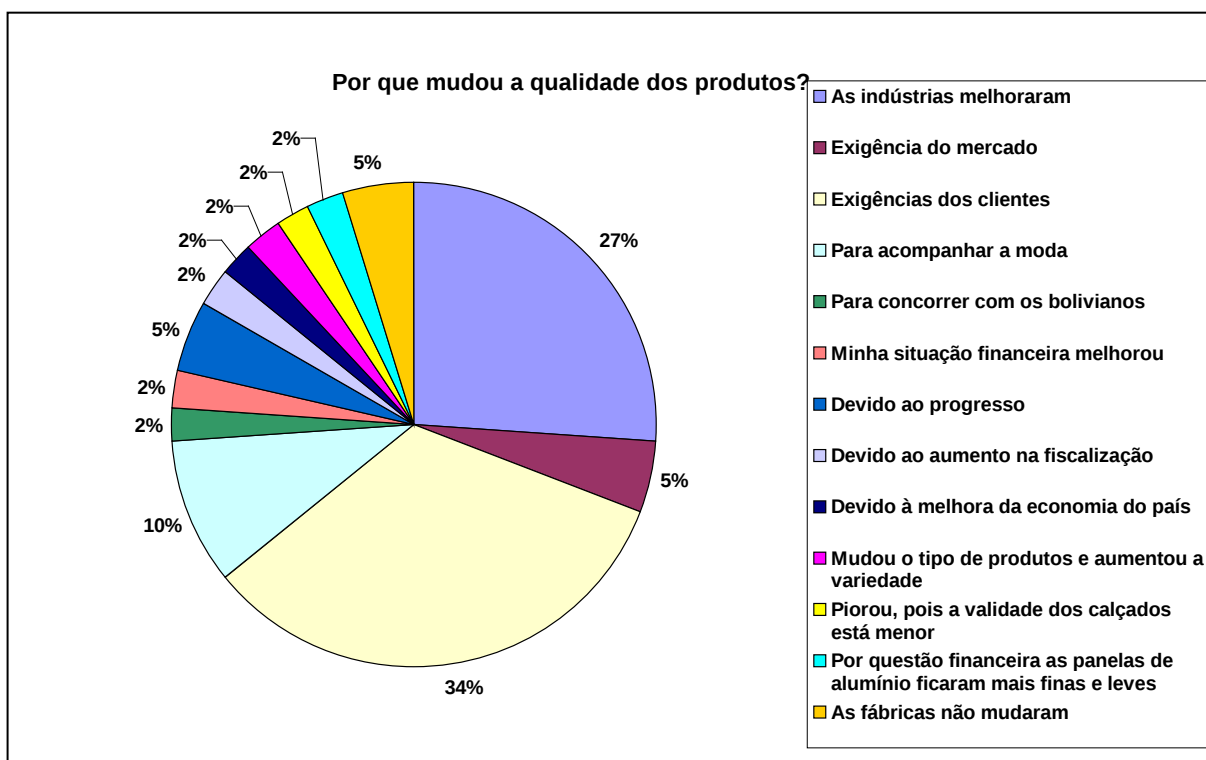


Gráfico 40 – Motivo das mudanças na qualidade dos produtos comercializados pelos Comerciantes do Centro Comercial de Corumbá.

Fonte: SILVA, L. H. A. Corumbá, 2009.

A maioria dos comerciantes não quis responder qual sua renda mensal:

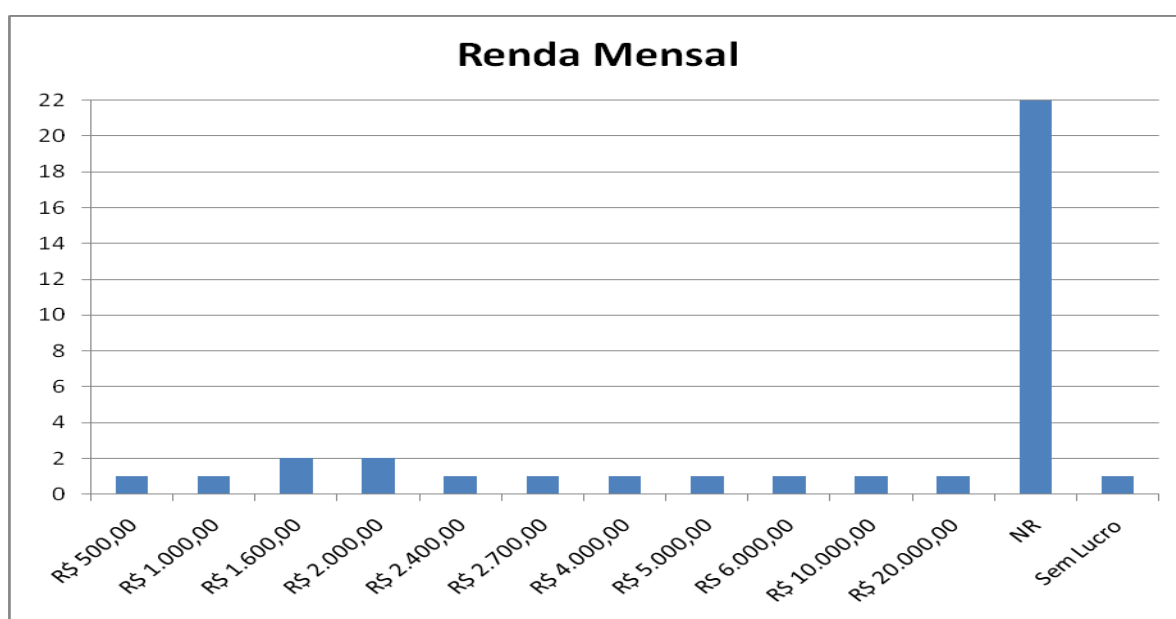


Gráfico 41 – Renda mensal dos Comerciantes do Centro Comercial de Corumbá.

Fonte: SILVA, L. H. A. Corumbá, 2009.

69% dos comerciantes entrevistados responderam que não tem outra atividade. Entre os que responderam ter outra atividade, a maioria delas é o aluguel de imóveis:

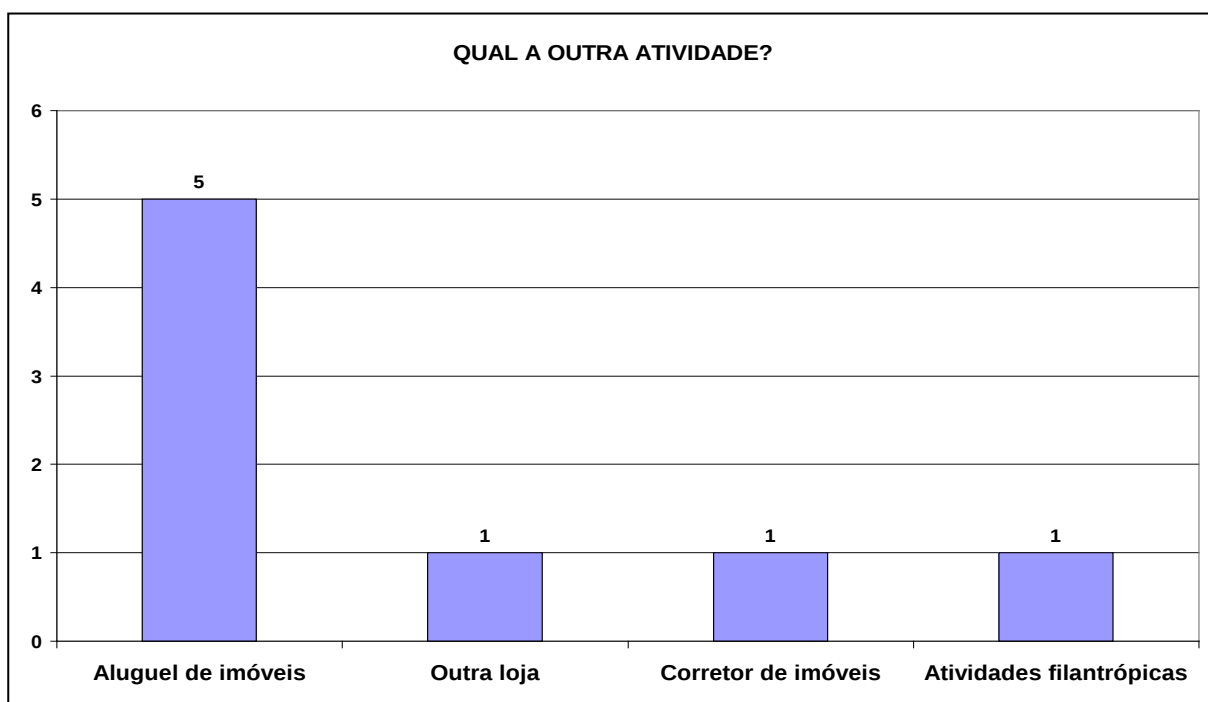


Gráfico 42 – Qual a outra atividade dos Comerciantes do Centro Comercial de Corumbá.

Fonte: SILVA, L. H. A. Corumbá, 2009.

A maioria dos comerciantes (66%) respondeu que não tem outra fonte de renda. Entre os que responderam ter outra fonte de renda, a maioria respondeu que ela é proveniente do aluguel de imóveis:

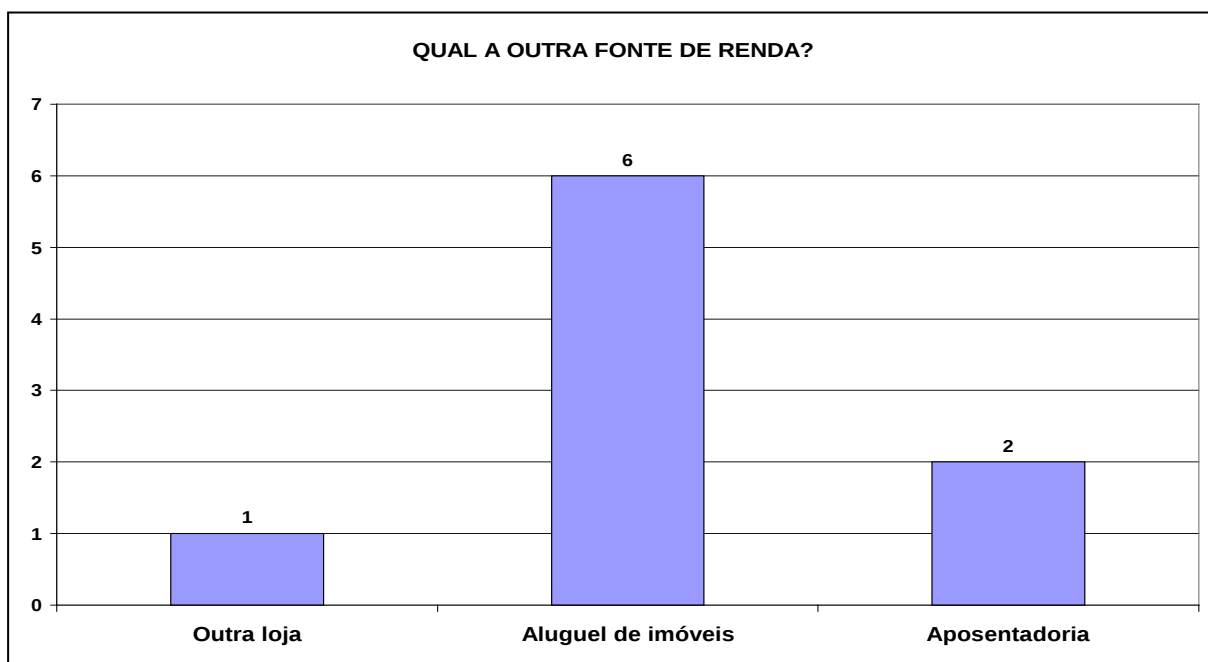


Gráfico 43 – Qual a outra fonte de renda dos comerciantes do Centro Comercial de Corumbá.

Fonte: SILVA, L. H. A. Corumbá, 2009.

Perguntado quanto recebe nessa outra fonte de renda, a maioria dos comerciantes não quis responder:

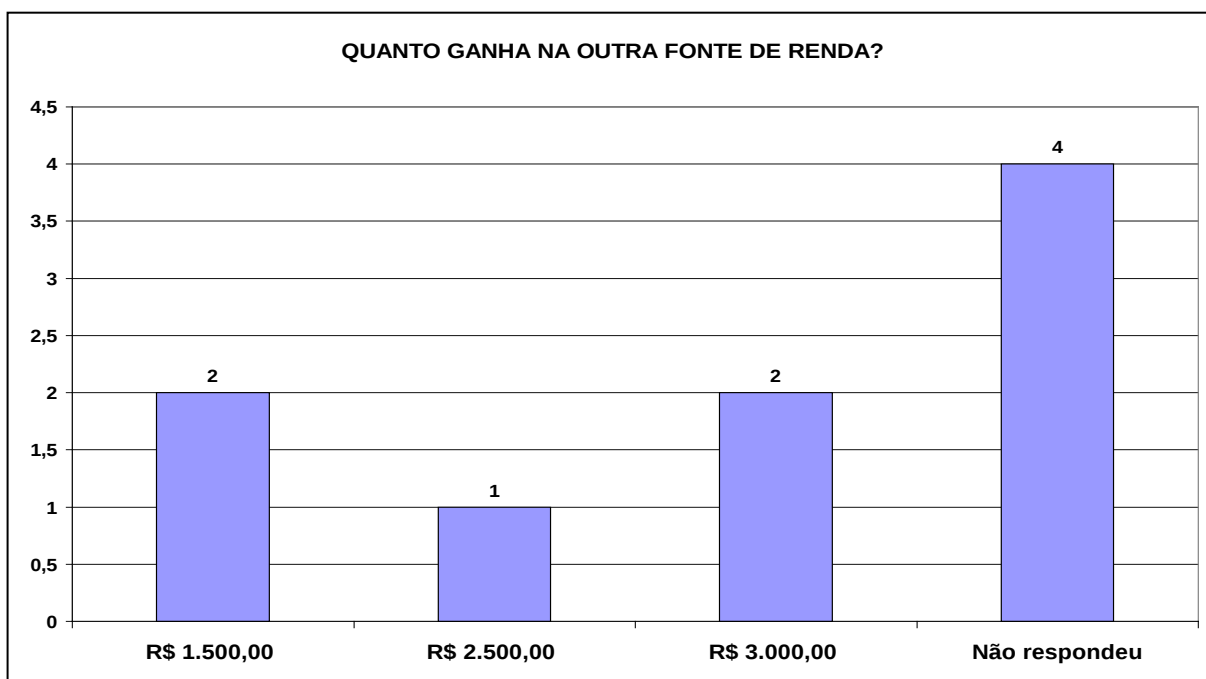


Gráfico 44 – Quanto os comerciantes do Centro Comercial de Corumbá ganham na outra fonte de renda.

Fonte: SILVA, L. H. A. Corumbá, 2009.

A respeito do pagamento de impostos, a maioria respondeu que paga 17% sobre o valor da mercadoria comprada:

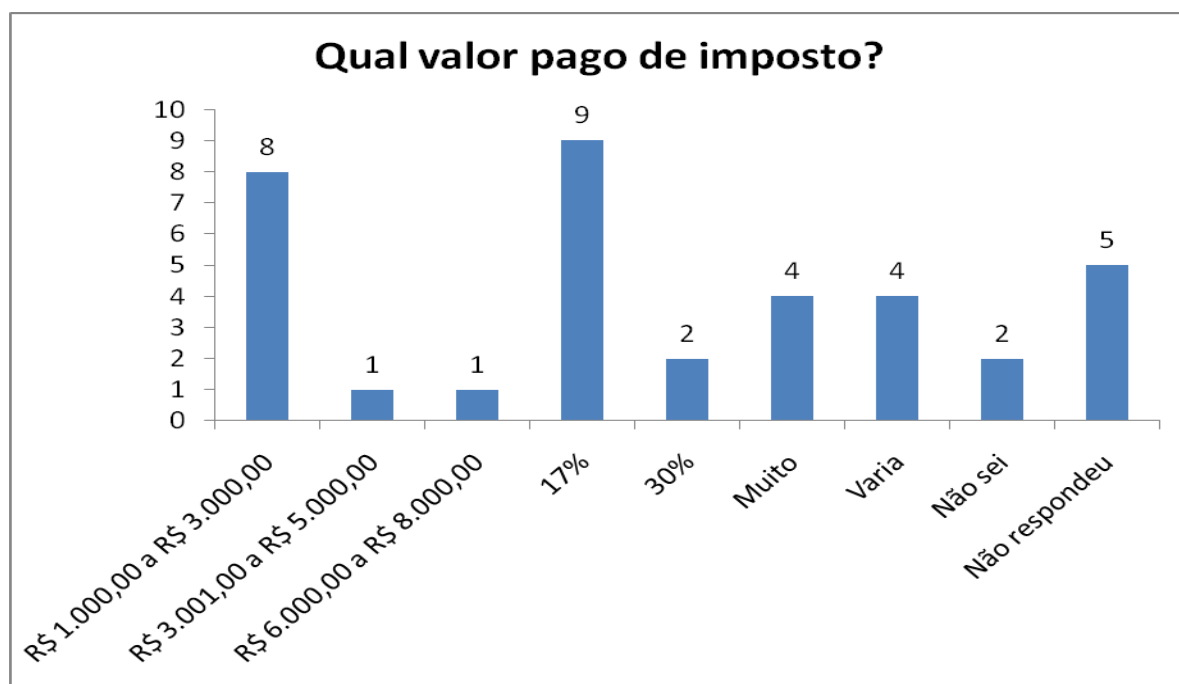


Gráfico 45 – Valor do Imposto pago pelos comerciantes do Centro Comercial de Corumbá.

Fonte: SILVA, L. H. A. Corumbá, 2009.

Sobre o perfil dos clientes, a maioria dos comerciantes respondeu que são de Classe Média:

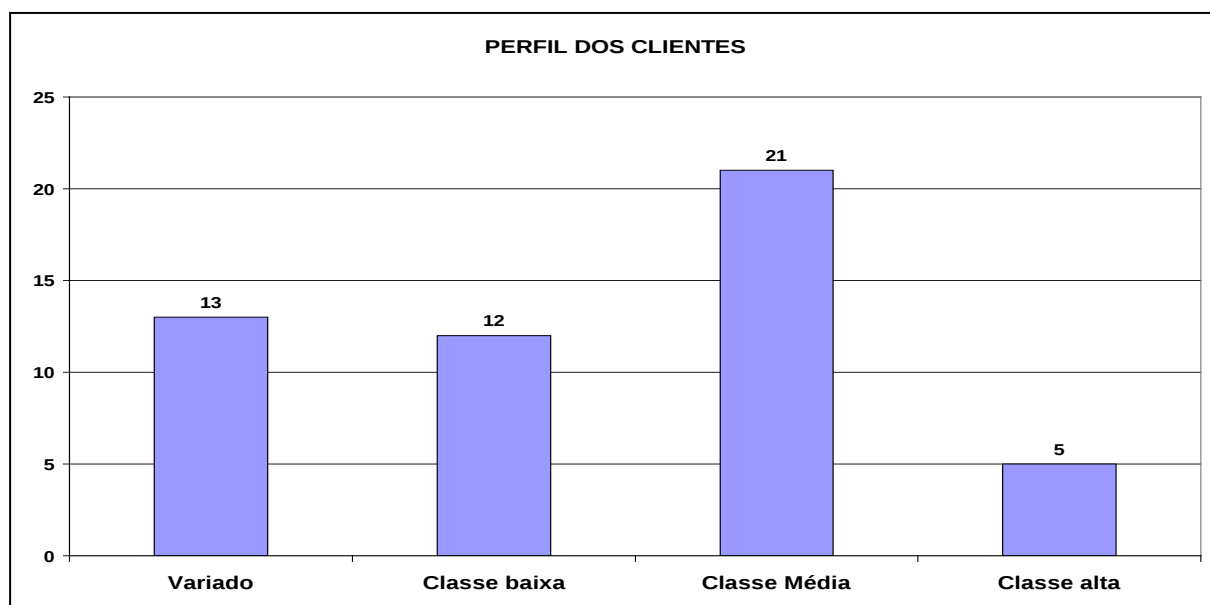


Gráfico 46 – Perfil dos clientes do Centro Comercial de Corumbá.

Fonte: SILVA, L. H. A. Corumbá, 2009.

4.2.3 A percepção sobre a BrasBol e do comércio de Corumbá

Perguntado aos comerciantes sobre o que acham da qualidade dos produtos da Feira BrasBol, a maioria respondeu que é ruim:

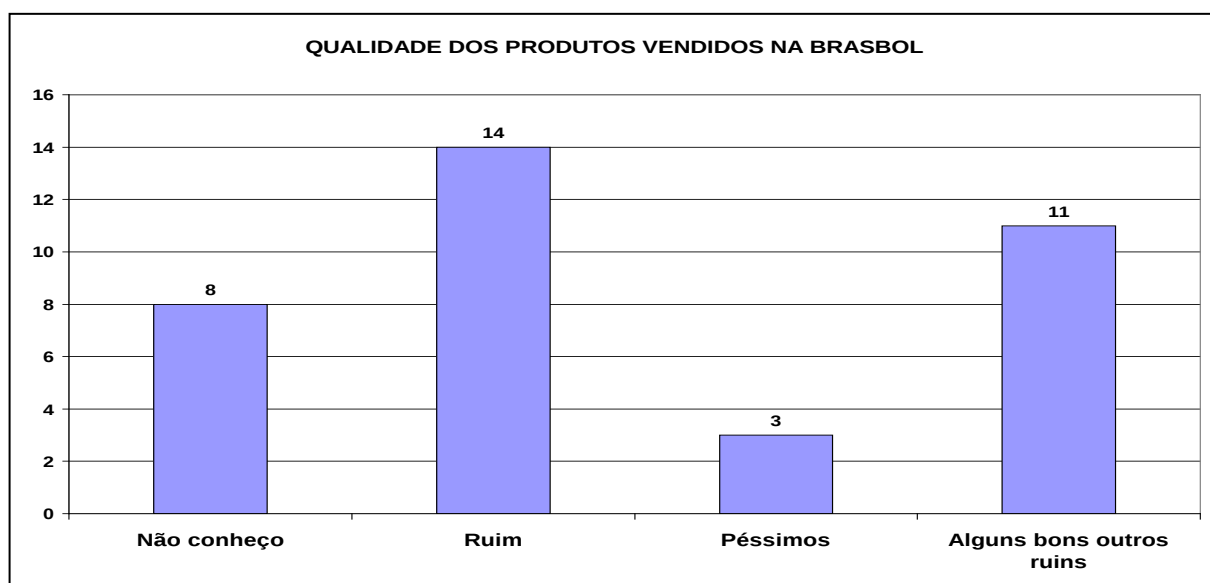


Gráfico 47 – Percepção dos comerciantes do Centro Comercial de Corumbá sobre a qualidade dos produtos vendidos na Feira BrasBol.

Fonte: SILVA, L. H. A. Corumbá, 2009.

Sobre o preço dos produtos comercializados na Feira BrasBol, a maioria dos comerciantes respondeu que é baixo e muitos enfatizaram que é baixo porque é uma concorrência desleal, pois os comerciantes da BrasBol não pagam impostos e os produtos são de má qualidade:

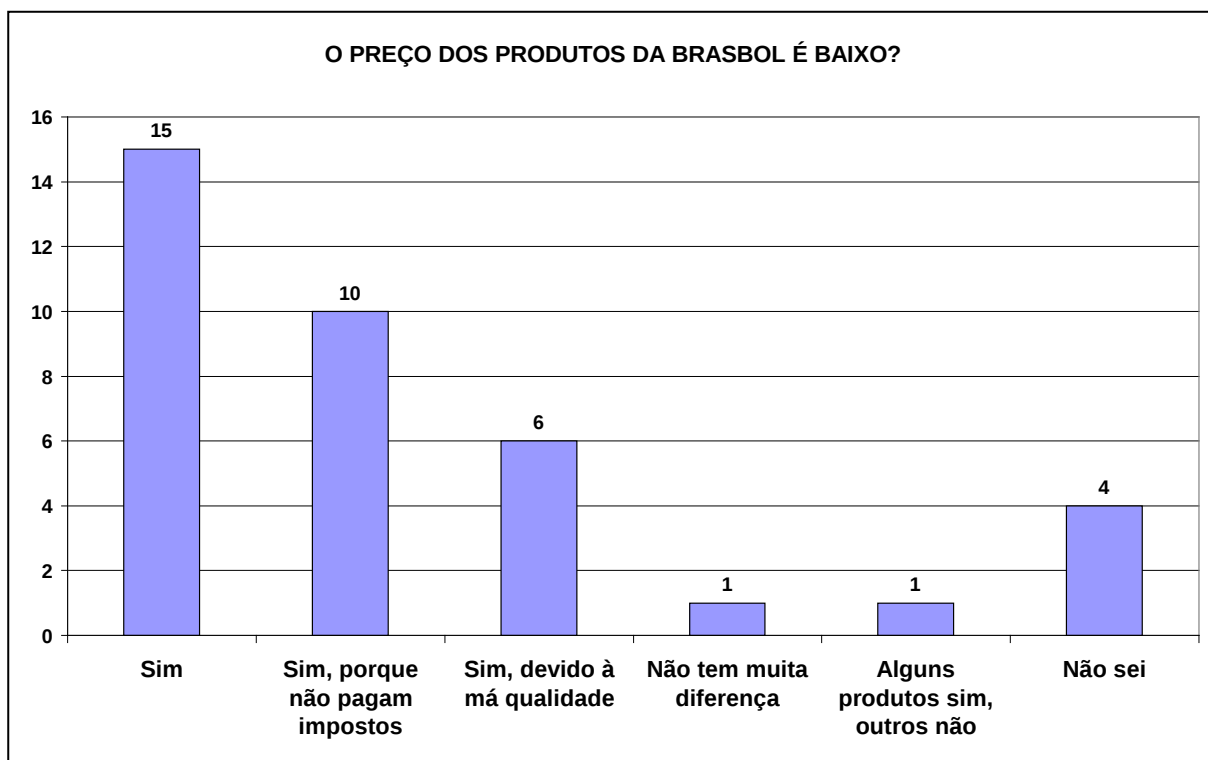


Gráfico 48 - Percepção dos comerciantes do Centro Comercial de Corumbá sobre o preço dos produtos vendidos na Feira BrasBol.

Fonte: SILVA, L. H. A. Corumbá, 2009.

A maioria dos comerciantes entrevistados (81%) respondeu que as feiras (BrasBol e Feirinha Boliviana) atrapalham o seu comércio. Para 65% deles as feiras atrapalham devido ao preço mais baixo, por não pagarem impostos. Alguns disseram que as feiras não atrapalham porque os produtos são outros, porque os clientes são outros, e também responderam que só atrapalham quando o dólar está baixo.

Das 156 barracas existentes na Feira BrasBol, apenas 3 delas aceitam cartão de crédito, as demais só vendem no dinheiro. Portanto, isso faz com que a maioria das pessoas só compre lá quando tem dinheiro. Já as lojas do centro comercial, além de aceitar cartão de crédito e cheque, algumas ainda vendem na nota promissória.

Ao perguntar aos comerciantes se acham que o aumento do movimento de mercadorias e pessoas em Corumbá, devido ao comércio boliviano, vem se materializando em investimentos para o município, a maioria (81%) respondeu que não.

Perguntando o porquê, a maioria respondeu que é porque o dinheiro vai para a Bolívia e não retorna para Corumbá. Muitos também responderam que bolivianos e turistas não consomem ou consomem pouco na cidade:

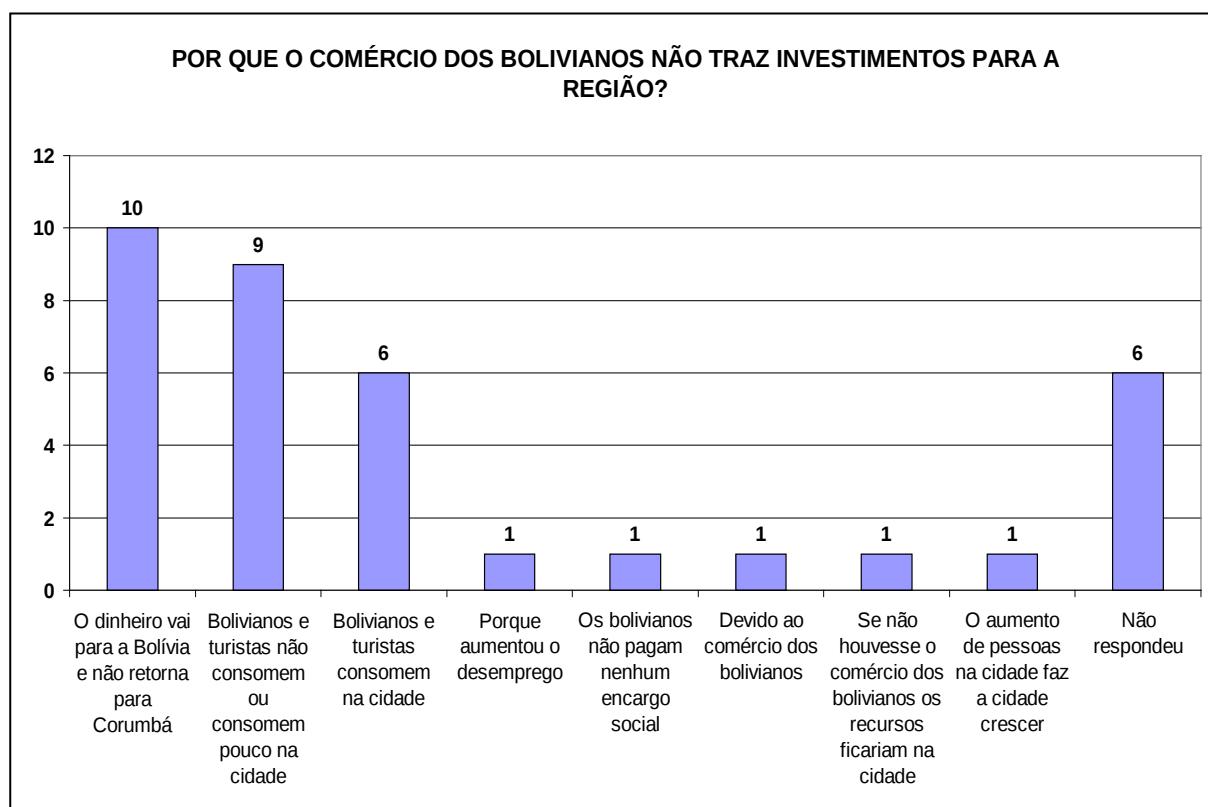


Gráfico 49 – Por que o comércio dos bolivianos não traz investimentos para a região.

Fonte: SILVA, L. H. A. Corumbá, 2009.

Por mais que haja algum tipo de resistência por parte da maioria dos comerciantes de Corumbá com relação aos vizinhos bolivianos, eles acabam sendo benquistos pela população, pois oferecem oportunidade para as pessoas comprarem mercadorias a preços mais baixos.

A maioria dos comerciantes respondeu que o dia da semana de maior movimento no comércio é 6ª feira, mas boa parte respondeu que no início e no final do mês tem mais movimento:

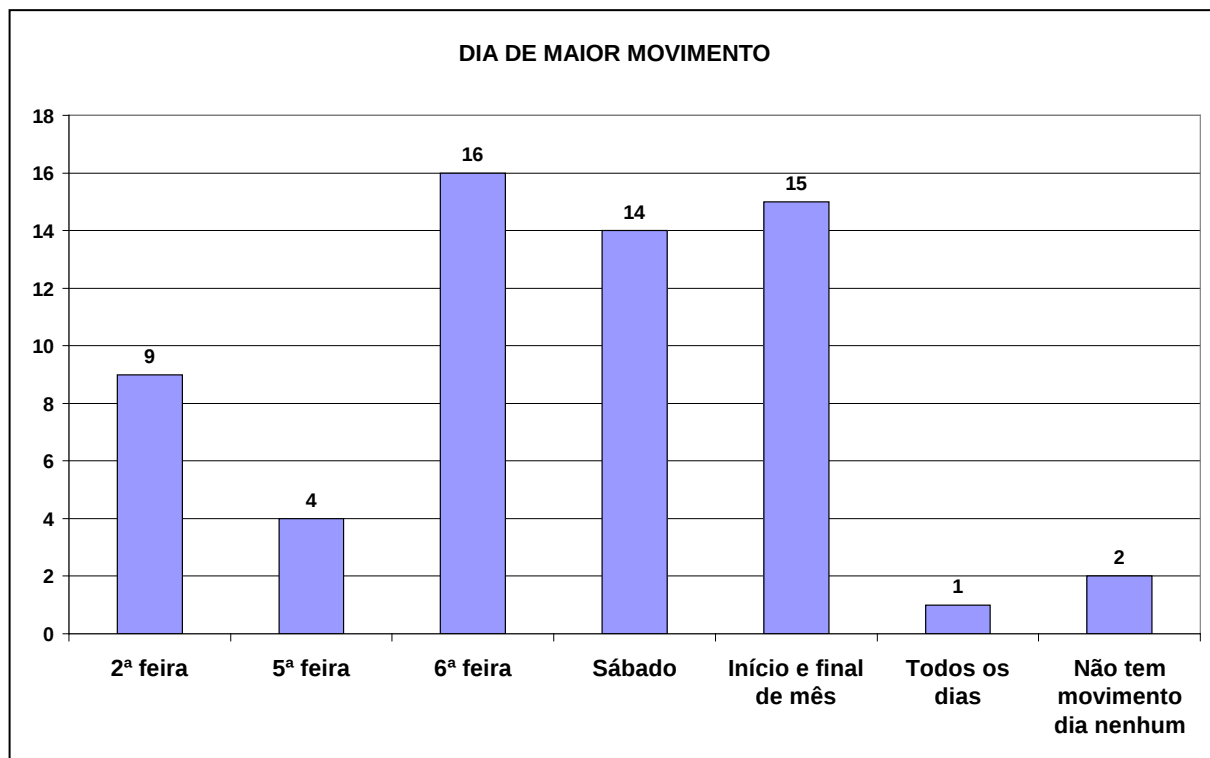


Gráfico 50 – Dia de maior movimento no comércio do Centro Comercial de Corumbá.

Fonte: SILVA, L. H. A. Corumbá, 2009.

A maioria dos comerciantes entrevistados respondeu que às vezes tem clientes bolivianos, contradizendo a afirmação de que os bolivianos não consomem ou consomem pouco em Corumbá:

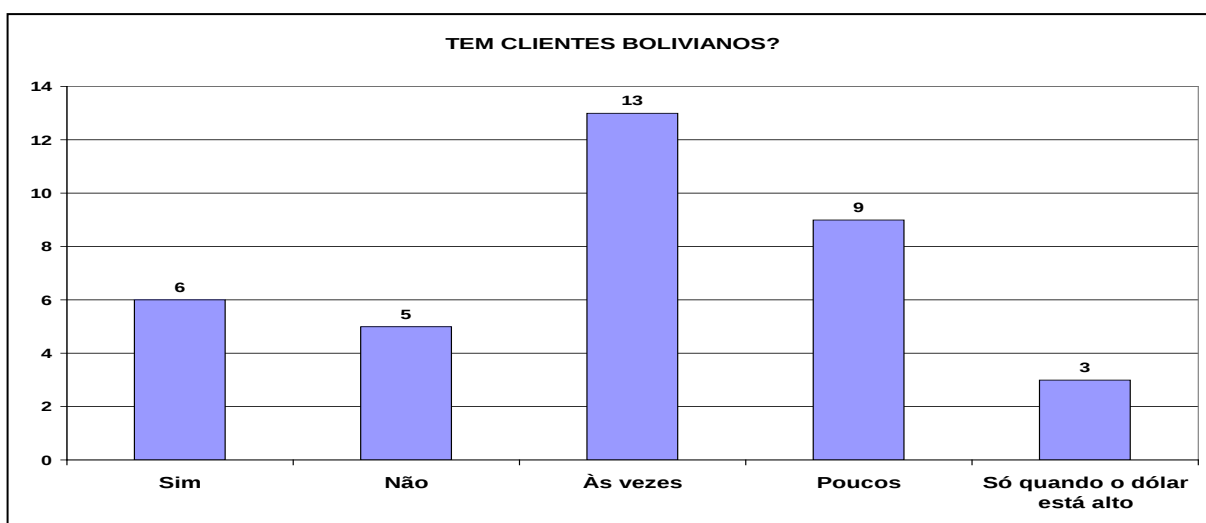


Gráfico 51 - Os comerciantes do Centro Comercial de Corumbá tem clientes bolivianos.

Fonte: SILVA, L. H. A. Corumbá, 2009.

4.3 Os usuários da Feira BrasBol

Nos dias 17, 18 e 20 de junho de 2009, fiz aplicação de questionários em trinta usuários da Feira BrasBol, aleatoriamente, e obtive os resultados que serão apresentados a seguir.

4.3.1 Perfil

A porcentagem de usuários do sexo feminino (53%) está mais ou menos equilibrada à de usuários do sexo masculino (47%).

Através do gráfico abaixo, podemos perceber que a maioria da clientela da BrasBol está na faixa etária entre 30 a 49 anos. Porque será que os produtos oferecidos ali não atraem jovens e idosos?

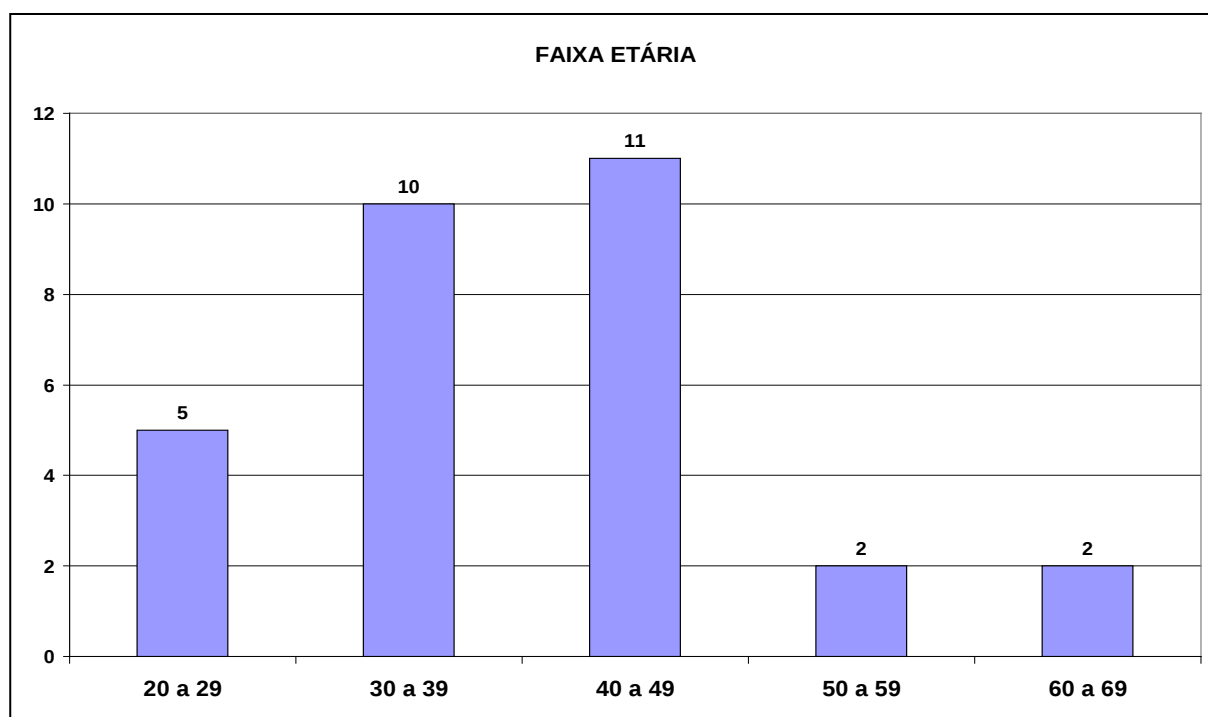


Gráfico 52 – Faixa etária dos clientes da Feira BrasBol.

Fonte: SILVA, L. H. A. Corumbá, 2009.

De acordo com os gráficos 53 e 54, a maioria dos usuários da Feira BrasBol nasceu e reside em Corumbá e Ladário, portanto, podemos concluir que a BrasBol atende mais o mercado local do que a turistas, pois não é um local turístico. Conforme os comerciantes da

BrasBol, os turistas preferem comprar na Feirinha Boliviana, em Arroyo Concepción, pois lá paga-se menos impostos e, conseqüentemente, os produtos são mais baratos.

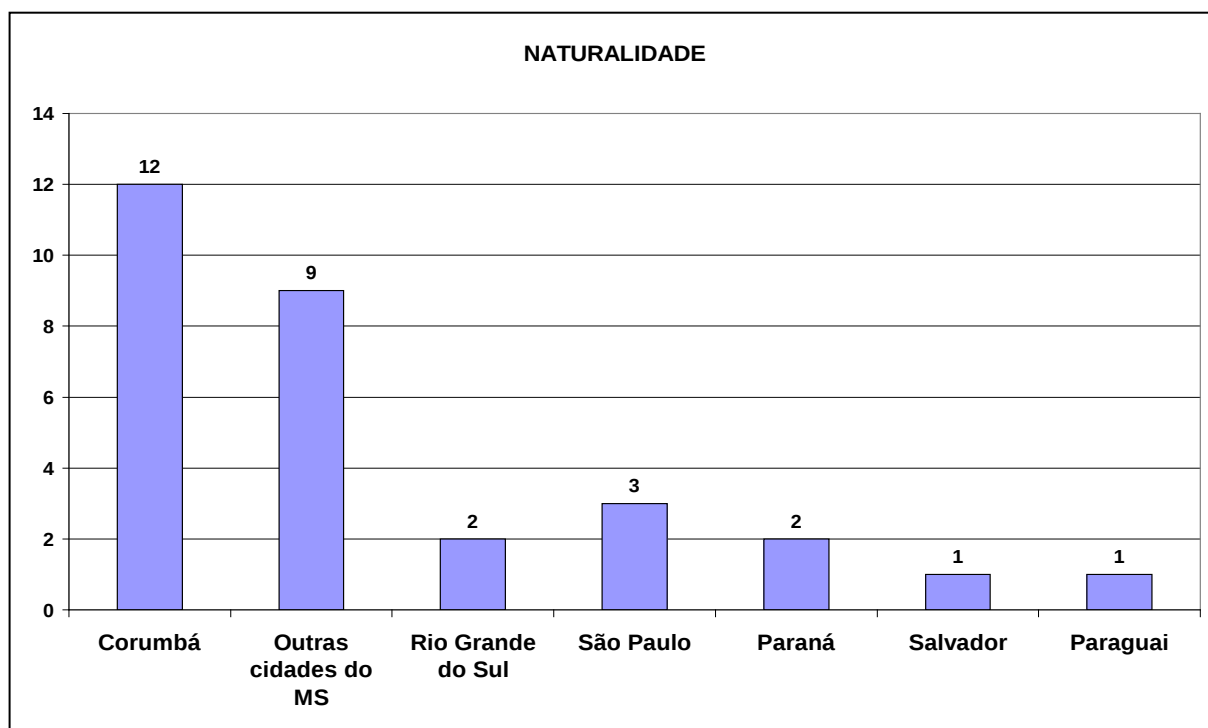


Gráfico 53 - Naturalidade dos clientes da Feira BrasBol.

Fonte: SILVA, L. H. A. Corumbá, 2009.

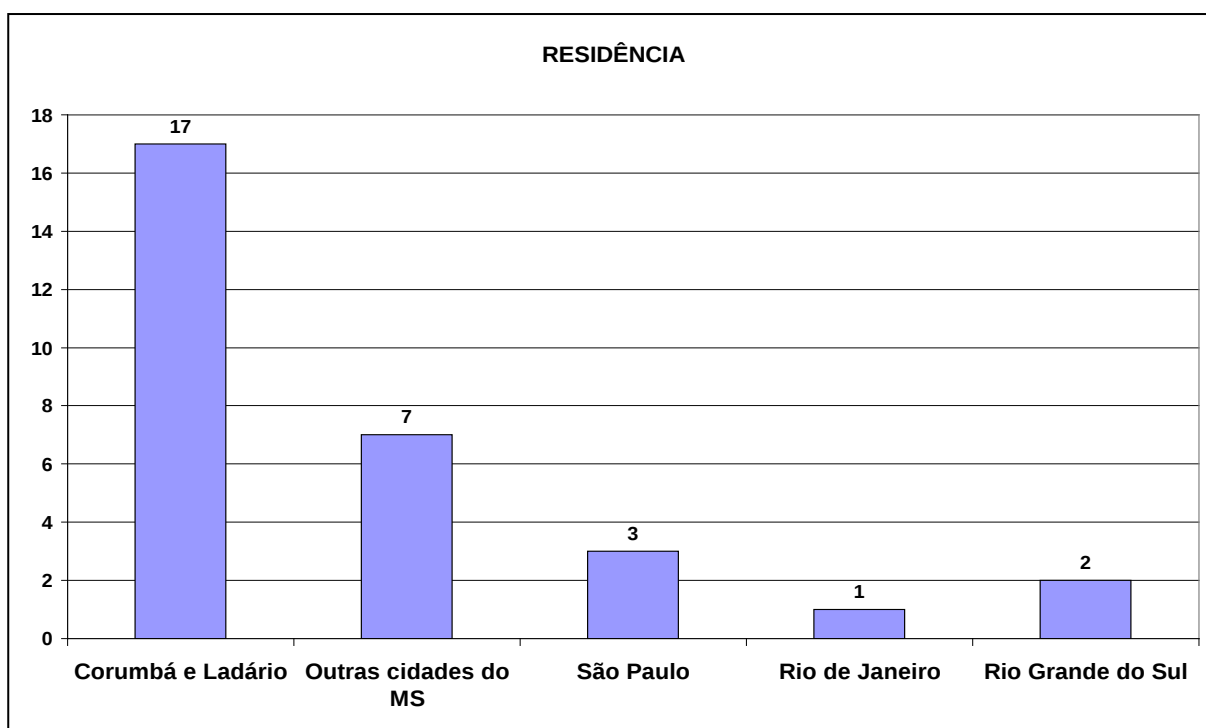


Gráfico 54 - Residência dos clientes da Feira BrasBol.

Fonte: SILVA, L. H. A. Corumbá, 2009.

A maioria dos usuários da BrasBol é composta por Donas de Casa, porém, há uma variedade de profissionais que visitam a Feira:

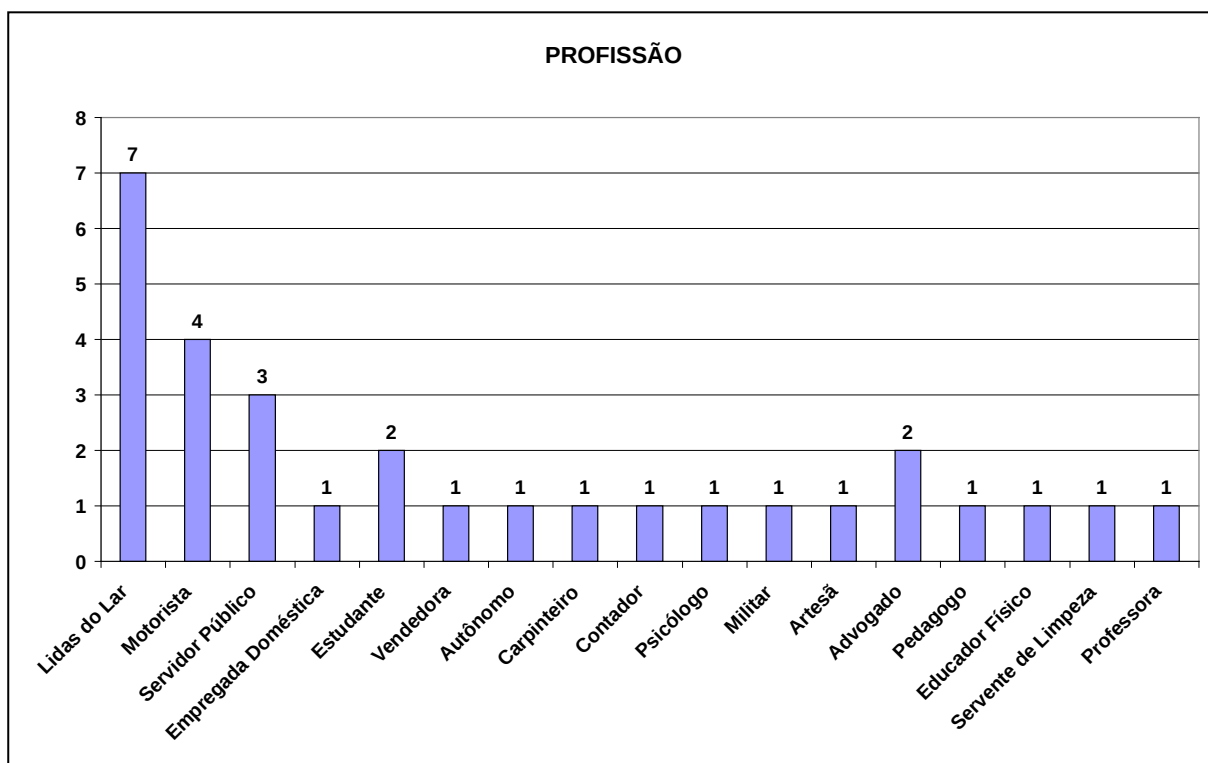


Gráfico 55 - Profissão dos clientes da Feira BrasBol.

Fonte: SILVA, L. H. A. Corumbá, 2009.

A maior parte dos usuários da BrasBol tem uma renda mensal entre R\$ 1.000,00 a R\$ 3.000,00, observe o gráfico 56:

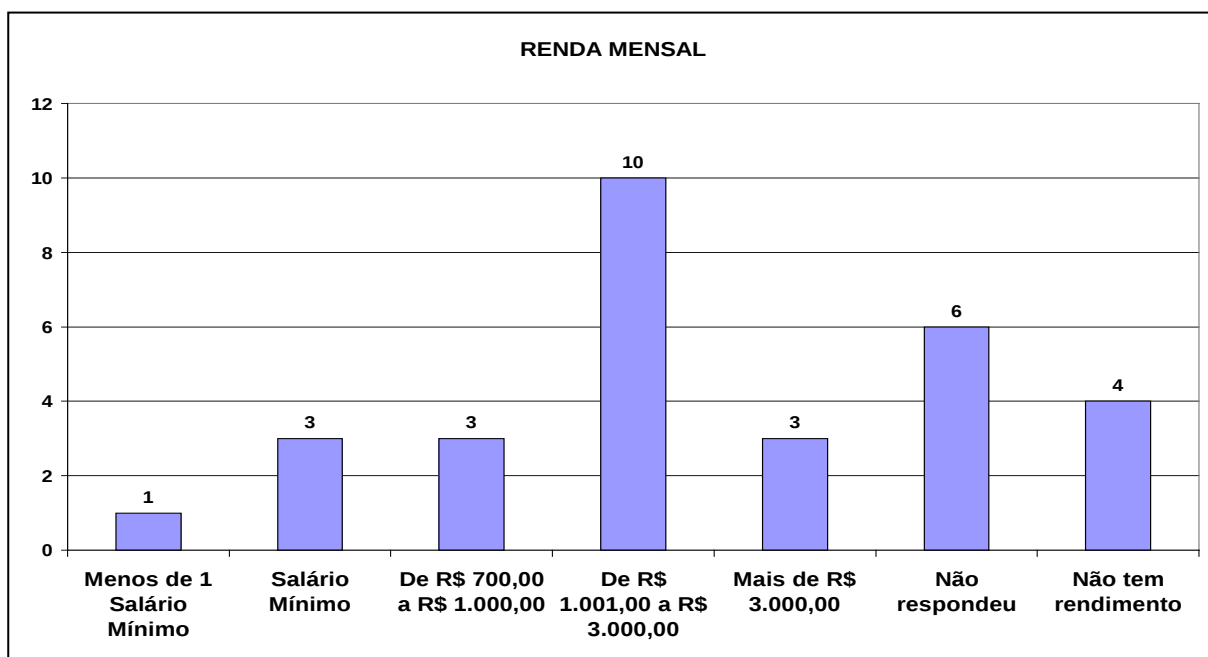


Gráfico 56 – Renda mensal dos clientes da Feira BrasBol.

Fonte: SILVA, L. H. A. Corumbá, 2009.

Os casados são maioria entre os usuários da BrasBol:

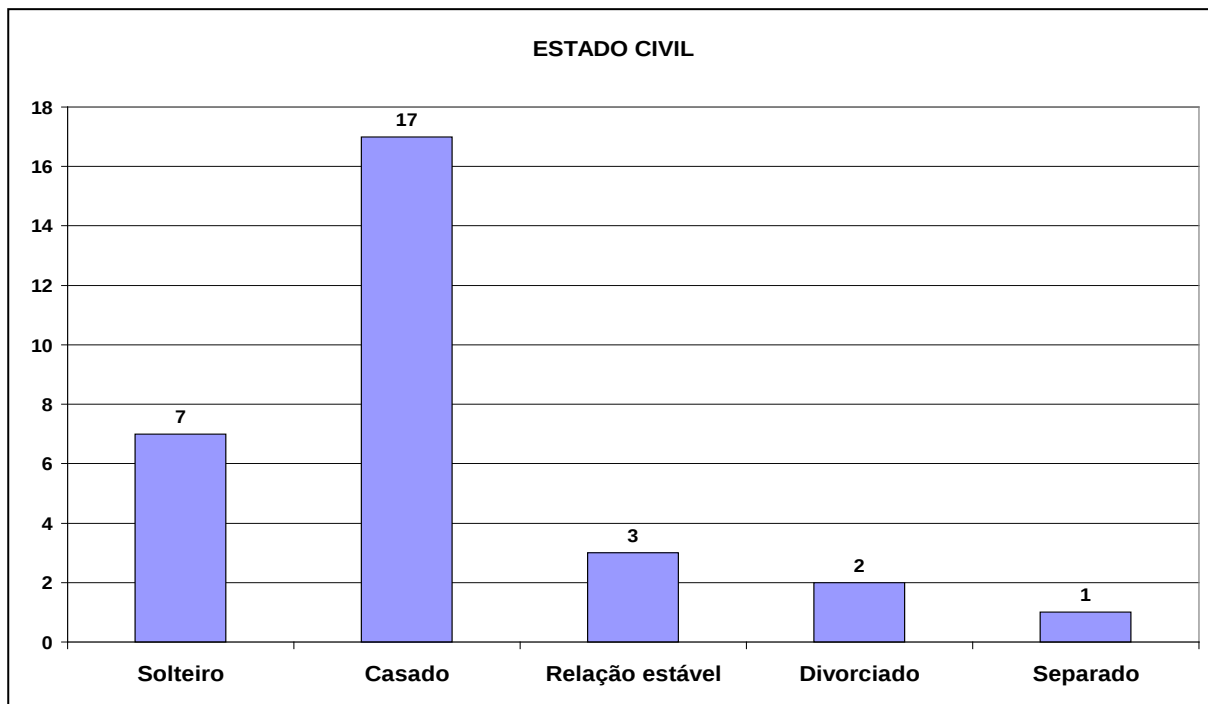


Gráfico 57 – Estado civil dos clientes da Feira BrasBol.

Fonte: SILVA, L. H. A. Corumbá, 2009.

A maioria dos usuários da BrasBol (77%) tem filhos. Desses, a grande maioria tem apenas um filho:

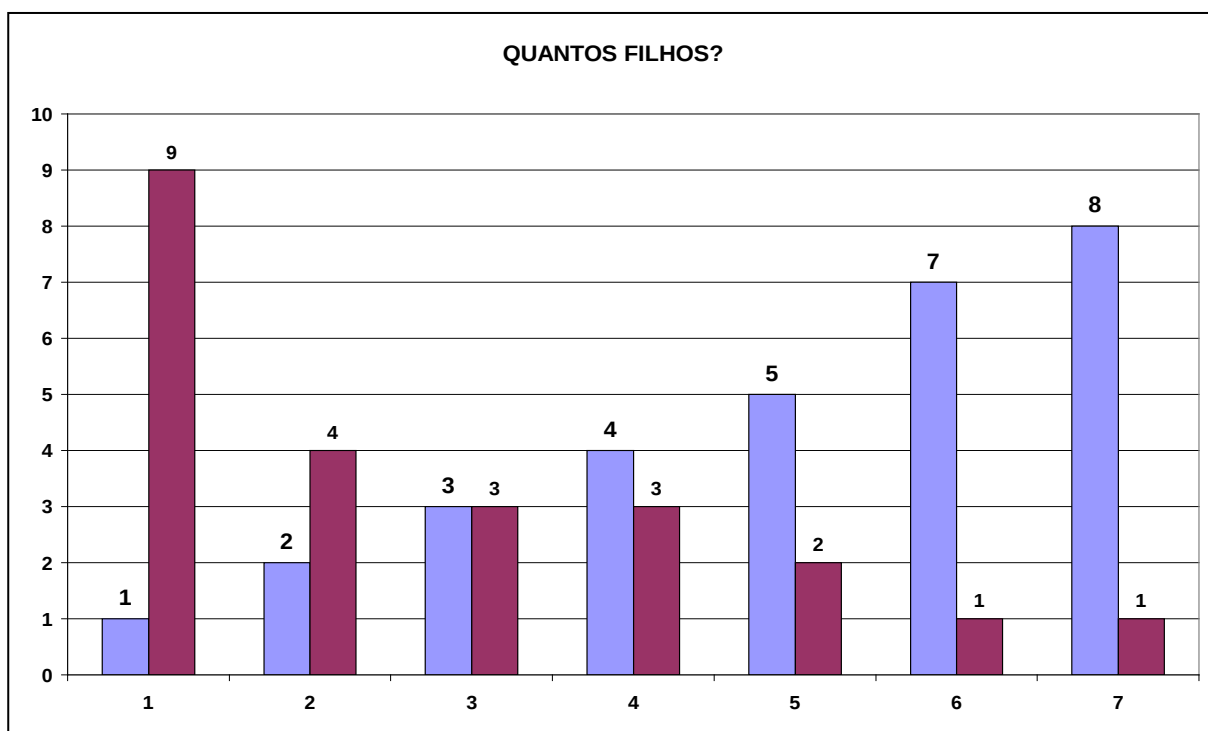


Gráfico 58 – Quantidade de filhos dos clientes da Feira BrasBol.

Fonte: SILVA, L. H. A. Corumbá, 2009.

A maior parte dos usuários compra mensalmente na BrasBol:

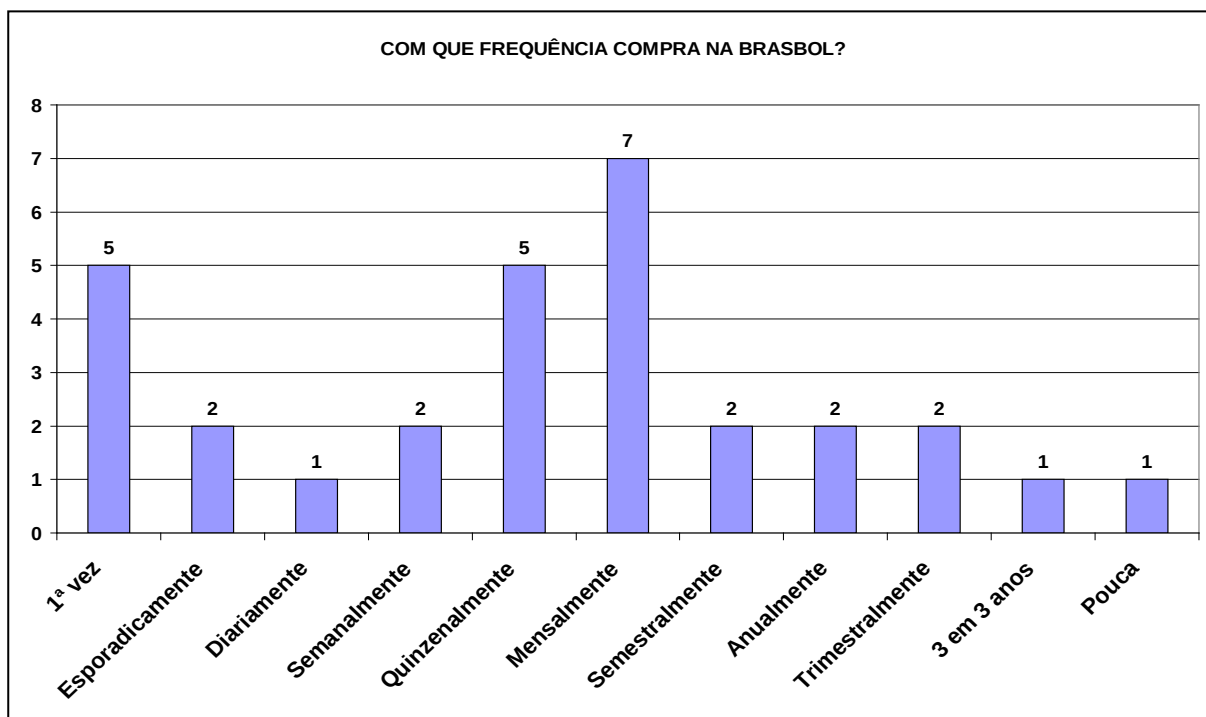


Gráfico 59 - Frequência em que os clientes compram na Feira BrasBol.

Fonte: SILVA, L. H. A. Corumbá, 2009.

A grande maioria dos usuários adquire roupas em suas compras na BrasBol e isso só tem uma variação maior às vésperas do Natal, em que a porcentagem de compras de brinquedo aumenta:

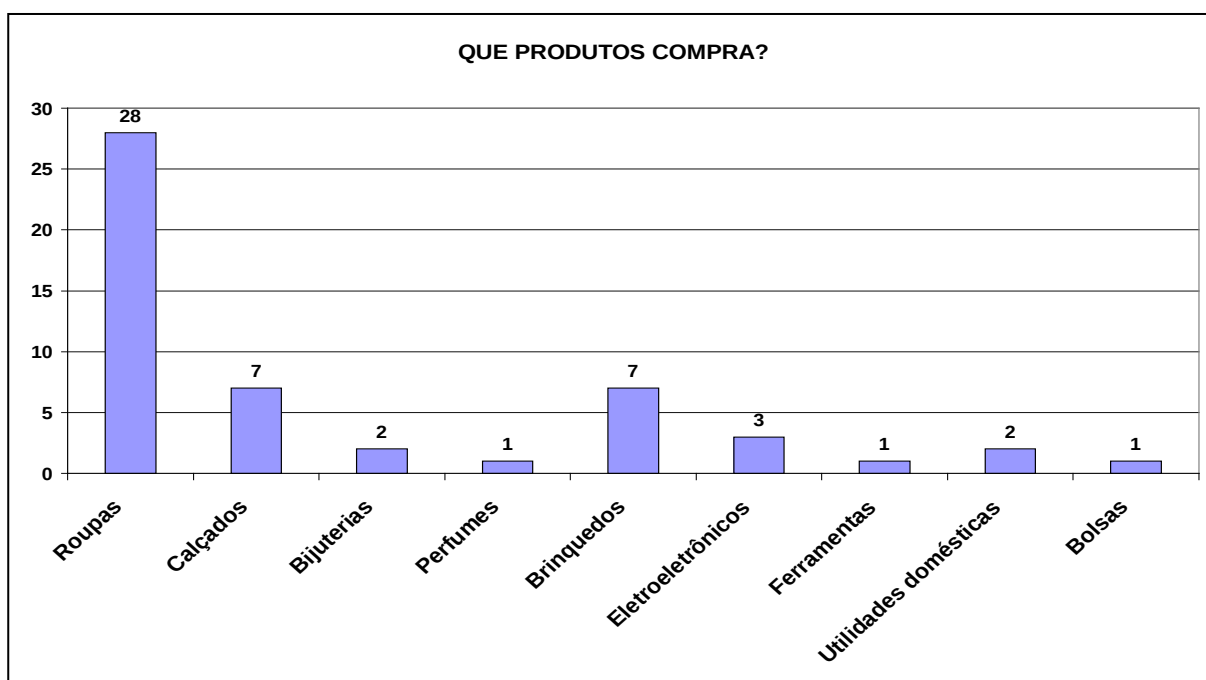


Gráfico 60 - Que produtos os clientes compram na Feira BrasBol.

Fonte: SILVA, L. H. A. Corumbá, 2009.

Entre os usuários da BrasBol que residem fora da cidade, a porcentagem dos que adquirem produtos no centro comercial de Corumbá é parecida à dos que não adquirem (39% adquire e 38% não adquire). 23% responderam que ainda não adquiriram porque não tiveram a oportunidade de conhecê-los, mas talvez possa adquirir.

A maioria dos turistas que visitam a BrasBol se hospeda em hotel:

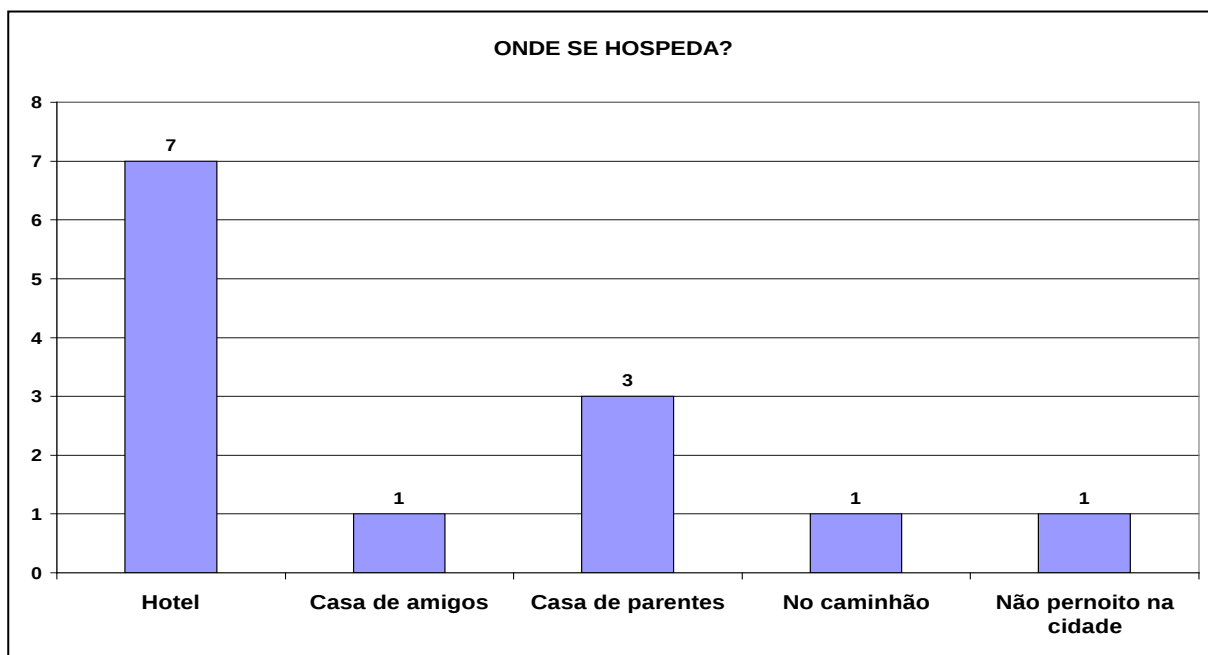


Gráfico 61 – Onde se hospedam os turistas que visitam a Feira BrasBol.

Fonte: SILVA, L. H. A. Corumbá, 2009.

Desses turistas, a maioria vem a trabalho, aproveitando o tempo livre para ir às compras na BrasBol:

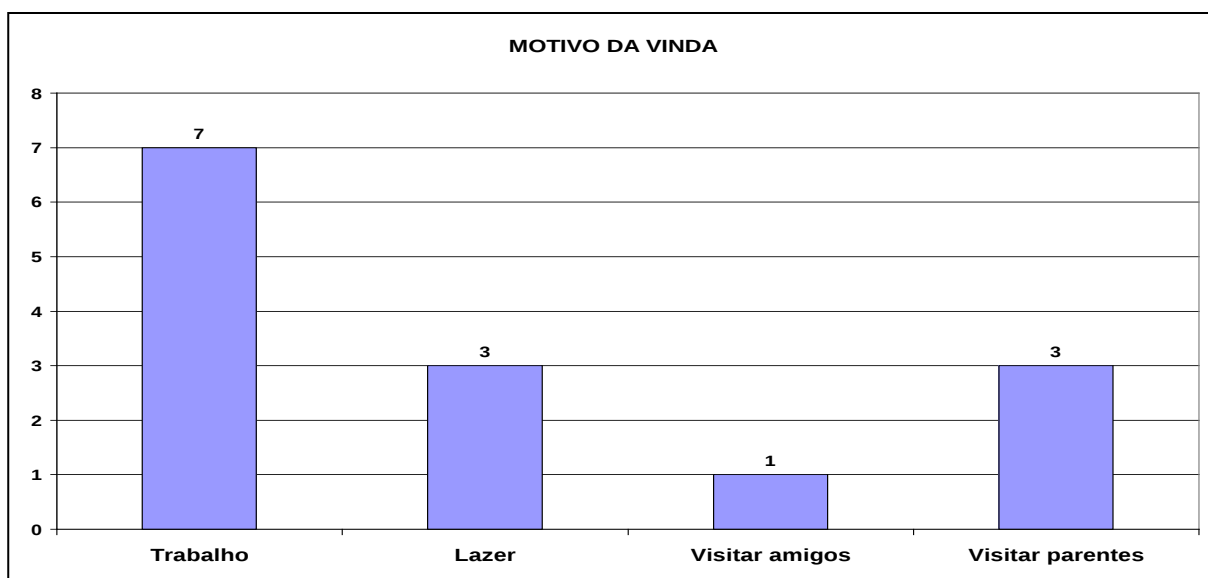


Gráfico 62 – Motivo da vinda dos turistas que visitam a Feira BrasBol.

Fonte: SILVA, L. H. A. Corumbá, 2009.

A frequência das vindas à cidade é mais ou menos equilibrada entre os turistas que vem pela 1ª vez, esporadicamente, semestralmente e anualmente:

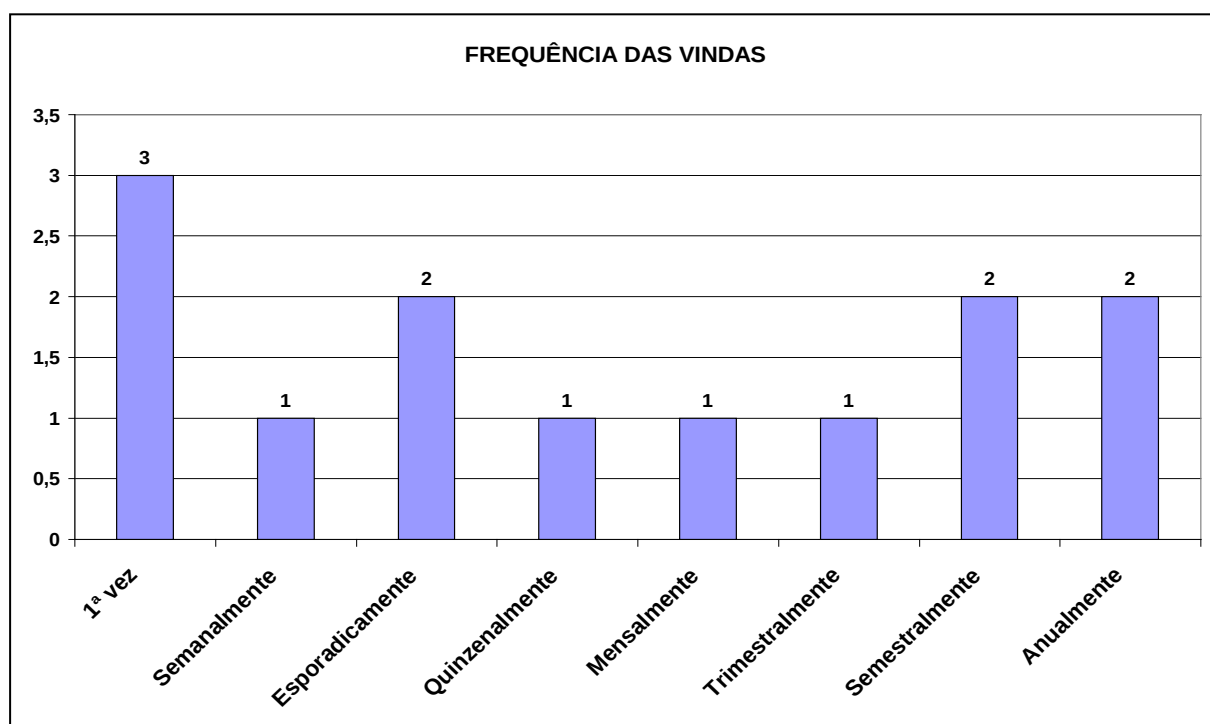


Gráfico 63 – Frequência das vindas dos turistas que visitam a Feira BrasBol.

Fonte: SILVA, L. H. A. Corumbá, 2009.

O tempo de permanência na cidade, da maioria dos turistas que freqüentam a BrasBol é de menos de uma semana:

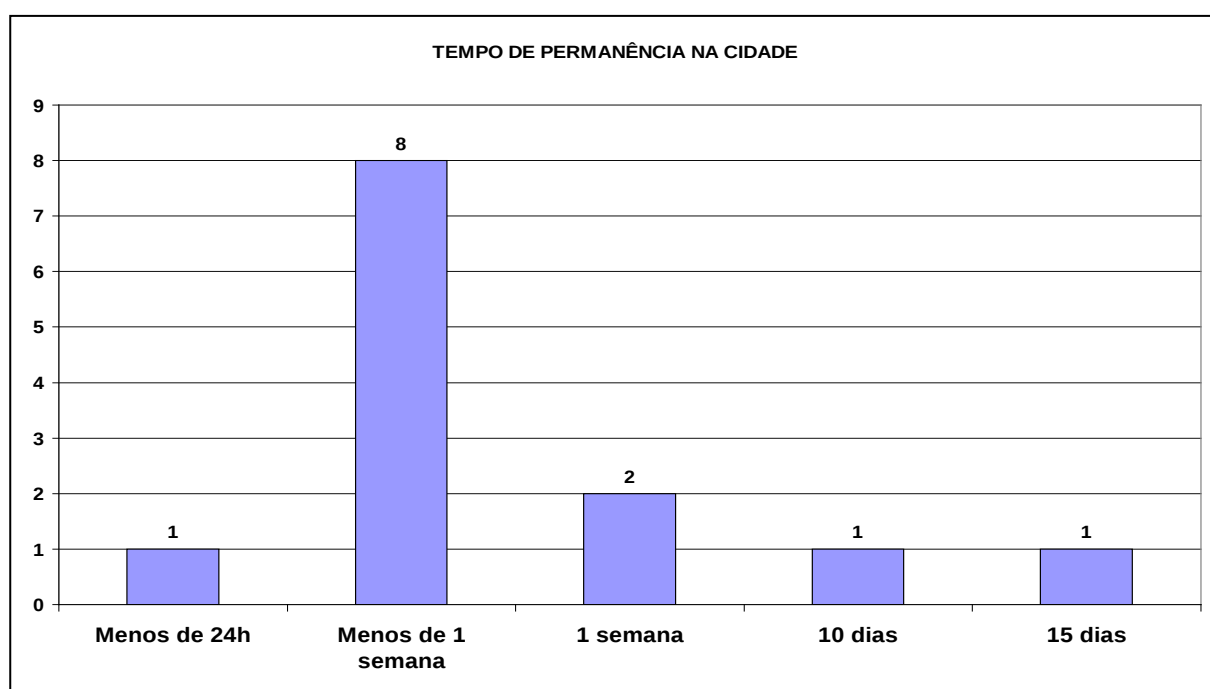


Gráfico 64 – Tempo de permanência na cidade dos turistas que visitam a Feira BrasBol.

Fonte: SILVA, L. H. A. Corumbá, 2009.

A maioria dos turistas entrevistados estava conhecendo a BrasBol naquele dia:

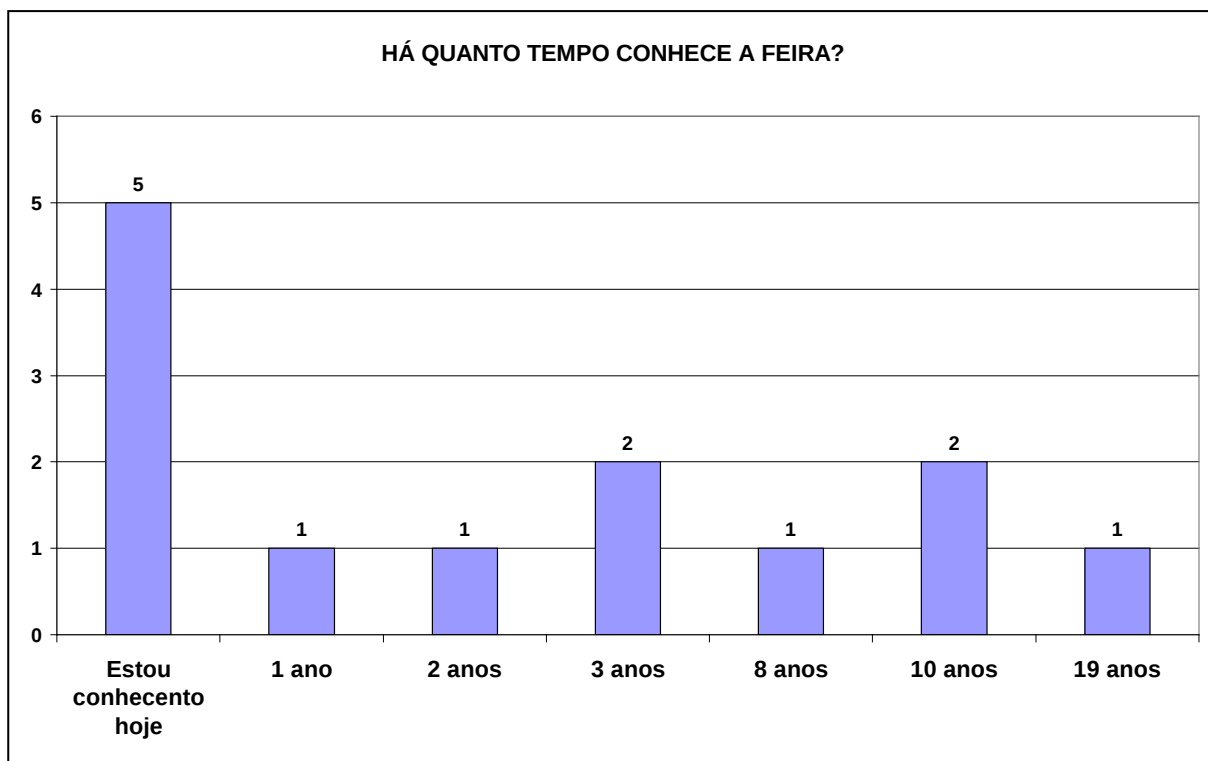


Gráfico 65 – Há quanto tempo os turistas conhecem a Feira BrasBol.

Fonte: SILVA, L. H. A. Corumbá, 2009.

A porcentagem dos turistas que visitam a BrasBol sempre e a dos que estavam visitando pela 1ª vez está mais ou menos equilibrada (sempre: 46% e 1ª vez: 38%).

A maioria dos turistas que visitam a BrasBol (57%) objetiva principalmente o consumo, já que a Feira não oferece conforto e nem opções de lazer.

Entre os usuários entrevistados, a maioria (27%) prefere fazer compras na BrasBol aos sábados, já que é seu dia de folga do trabalho, seguido dos que independe do dia da semana, pois não trabalha (25%).

4.3.2 Percepção sobre a BrasBol

Quando perguntei aos usuários sobre a qualidade dos produtos vendidos na BrasBol, a maioria (64%) respondeu que é boa, porém, vários disseram que apesar de haver produtos de qualidade boa, existem também produtos de qualidade regular e ruim, que tem que saber escolher.

Sobre o preço dos produtos, a maioria dos usuários entrevistados respondeu que é bom:

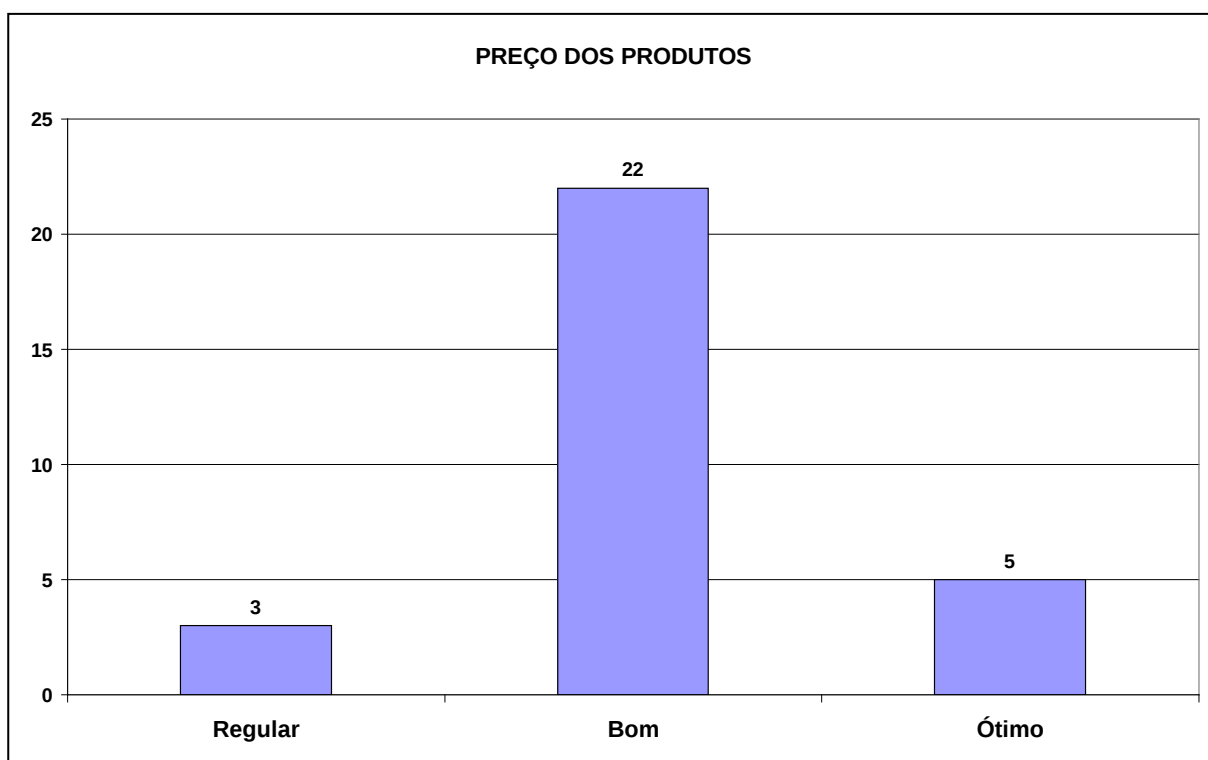


Gráfico 66 – O que os usuários da Feira BrasBol acham do preço dos produtos.

Fonte: SILVA, L. H. A. Corumbá, 2009.

A respeito das melhorias necessárias na BrasBol, a maioria os usuários respondeu que a infra-estrutura toda deveria ser melhorada, para dar mais conforto tanto aos usuários como aos comerciantes, porém, alguns tiveram mais de uma resposta:

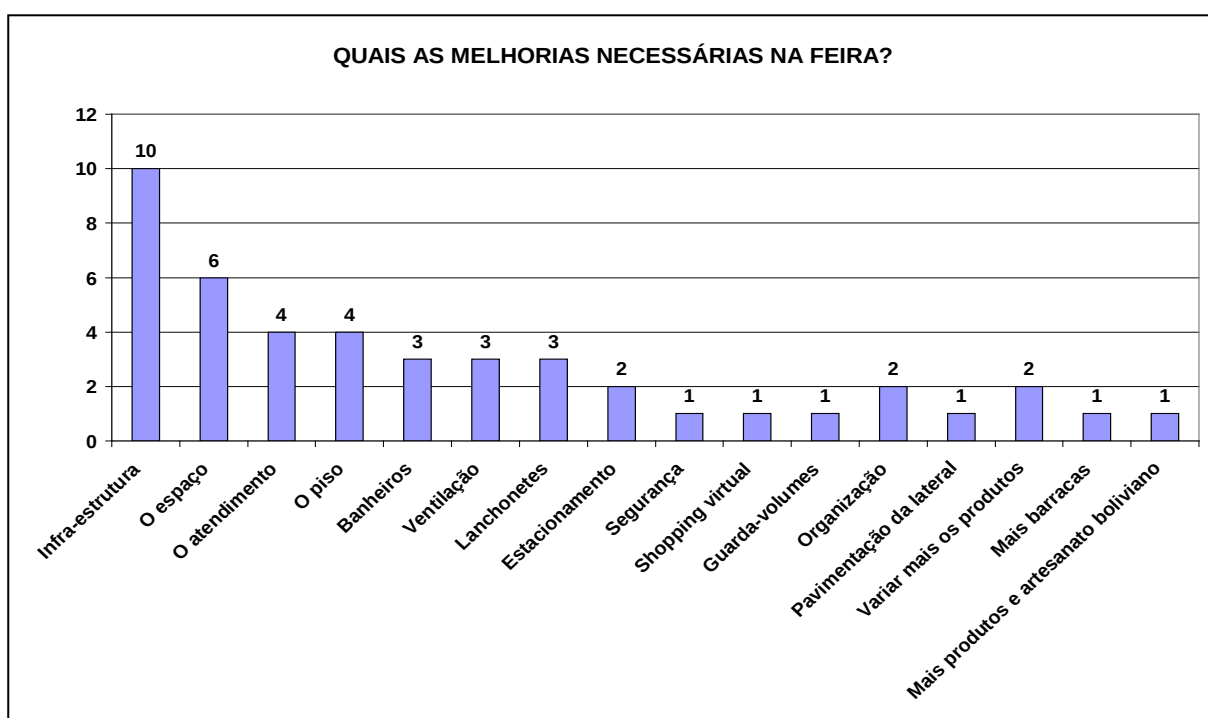


Gráfico 67 – O que os usuários da Feira BrasBol acham que deveria ser melhorado na Feira

Fonte: SILVA, L. H. A. Corumbá, 2009.

Perguntado aos usuários da Feira se existem produtos na BrasBol que não são vendidos no Centro Comercial, a maioria (70%) respondeu que sim. Sobre quais os produtos não encontrados, a maioria respondeu que alguns tipos de roupas vendidas na BrasBol não são encontradas no Centro Comercial de Corumbá, seguido dos que responderam produtos importados:



Gráfico 68 – Produtos vendidos na Feira BrasBol que não são encontrados no Centro Comercial.

Fonte: SILVA, L. H. A. Corumbá, 2009.

4.4 Resultados

Através dos dados coletados, pode-se perceber que a maioria dos Comerciantes do Centro Comercial de Corumbá tem o seguinte perfil: conduzido basicamente por mulheres, tem faixa etária entre 30 e 39 anos; são nascidos em Corumbá (a maioria é da 2ª ou 3ª geração dos Palestinos vindos a Corumbá para comercializar), porém, seus pais (na maioria Palestinos) trabalham junto; são casados; tem de 2 a 3 filhos, com idade entre 21 e 30 anos; os menores ficam com babá ou empregada doméstica enquanto os pais trabalham, o que os define por um padrão de vida melhor; dos comerciantes que vieram de fora, a maioria veio no período de 1970 a 1979; vieram para acompanhar a família, que veio para trabalhar; trabalham geralmente com outro ajudante da própria família; iniciou sua atividade comercial

no período de 1970 a 1979 e 1990 a 1999; começou a trabalhar no comércio de Corumbá; as lojas eram menores e com estruturas diferentes da atual quando iniciaram suas atividades; os produtos mais comercializados são as roupas; a procedência dos produtos é de São Paulo; o meio de transporte utilizado é o caminhão de transportadora; houve mudanças na qualidade dos produtos comercializados, desde que começou suas atividades, devido às exigências dos clientes; a maioria dos comerciantes não quis responder qual sua renda mensal; a maioria não tem outra atividade; entre os que tem outra atividade, o aluguel de imóveis é a outra atividade da maioria; a maioria não tem outra fonte de renda; pagam 17% sobre o valor da mercadoria comprada; a maioria dos clientes é da classe média; acham ruim a qualidade dos produtos da Feira BrasBol, o que deixa claro que os produtos da Feira BrasBol são diferentes dos seus, portanto, o comércio da Feira BrasBol não atrapalha o comércio do Centro Comercial; acham que o preço dos produtos da Feira BrasBol é baixo porque há uma concorrência desleal, por não pagarem impostos, o que veremos mais adiante que isso não é verdade; acham que as Feiras Bolivianas atrapalham, devido ao preço mais baixo; acham que o comércio boliviano não traz investimentos para a região, porque o dinheiro vai todo para a Bolívia e não retorna para Corumbá; porém, a maioria respondeu que às vezes tem clientes bolivianos, o que contradiz a afirmação anterior; o dia de maior movimento é a 6ª feira.

Já o perfil da maioria dos comerciantes da Feira BrasBol é o seguinte: conduzido basicamente por mulheres, assim como o comércio do Centro Comercial; faixa etária entre 30 e 49 anos de idade; casados; tem nacionalidade boliviana; residem em Corumbá; vieram da Bolívia, no período de 1990 a 1999, para trabalhar; tem dois ou três filhos (como no Centro Comercial), com idade entre sete e doze anos, que ficam junto com eles na Feira. Será que as crianças vão junto para o local de trabalho por questão cultural ou devido à baixa renda? Ou ambos? É uma questão interessante a ser trabalhada posteriormente. Muitos trabalham sozinhos e muitos trabalham com outra pessoa da família; iniciaram a atividade comercial no período de 1990 a 1999, na Feira BrasBol (muitos comerciantes do Centro Comercial também iniciaram suas atividades nesse período); a estrutura do local era precária no início, mas já mudou bastante; o produto que mais comercializado é roupa (assim como no Centro Comercial); a maioria dos produtos é proveniente da Bolívia; os produtos oriundos da Bolívia são transportados por trem, e os vindos de outras regiões do Brasil são transportados por ônibus; houve melhorias na qualidade dos produtos desde que iniciaram suas atividades até os dias atuais, porque as fábricas melhoraram os produtos; a maioria não sabe qual sua renda semanal ou mensal, pois não tem um controle de entrada e saída de

mercadorias; a maioria não tem outra atividade e nem outra fonte de renda; entre os que tem outra atividade, esta é de comerciante na Bolívia; entre os que tem outra fonte de renda, ela varia entre R\$ 120,00 e R\$ 380,00 por semana; pagam 17% de ICMS sobre o valor da compra, quando trazem mercadorias de outras cidades do Brasil (igual aos comerciantes do Centro Comercial) e, quando não trazem, pagam entre R\$ 70,00 e R\$ 79,00 de ICMS (estimativa); o perfil dos clientes é variado, com classes sociais distintas, mas a maioria é de Corumbá; o dia de maior movimento é o Sábado; todos os comerciantes tem água encanada e energia elétrica em casa, porém, na residência da maioria não tem rede de esgoto; não tem registro de trabalho; acham que a Feira deve ter uma estrutura fechada para deixar os produtos.

O perfil da maioria dos clientes da Feira BrasBol é este: o sexo feminino lidera com pouca diferença do sexo masculino, a faixa etária está entre 30 a 49 anos de idade; a maioria reside em Corumbá e Ladário; a maioria é “Dona de Casa”; tem uma renda mensal entre R\$ 1.000,00 a R\$ 3.000,00; casados; tem um filho; compra na BrasBol mensalmente; o produto que mais compra é roupa; entre os clientes residentes fora de Corumbá, metade adquire produtos no centro comercial e metade não adquire; a maioria dos turistas que visitam a BrasBol se hospeda em hotel ; a maioria dos clientes de fora vem a trabalho, com frequência variada, com tempo de permanência na cidade de menos de uma semana, visitam a Feira objetivando principalmente o consumo; a maioria dos clientes prefere fazer suas compras aos sábados; acham a qualidade e o preço dos produtos bons; acham que a toda a infra-estrutura da Feira deveria ser melhorada; acham que existem produtos na BrasBol que não são vendidos no centro comercial, tais como certos tipos de roupas e importados.

Pude constatar, através das entrevistas realizadas, que o padrão de vida dos comerciantes do Centro Comercial de Corumbá é completamente diferente ao dos comerciantes da Feira Brasbol. Os primeiros têm um padrão de vida melhor que os segundos, principalmente os que moram no lado boliviano, apesar do custo de vida de lá ser mais baixo. Os bolivianos se contentam em obter um lucro pequeno em suas mercadorias, pois o real vale três vezes mais que o peso boliviano. As condições de trabalho dos comerciantes do centro comercial também são bem melhores que as dos comerciantes da Feira BrasBol.

Porque os comerciantes do centro comercial da cidade dizem que os bolivianos não pagam impostos? Esta pesquisa mostra que eles pagam impostos sim. Será que isso é uma questão de preconceito, devido aos bolivianos serem, em geral, de baixa renda e sobreviverem de um outro tipo de estrutura? Precisamos romper esse preconceito, pois as

fronteiras se aproximam cada vez mais e são os elos mais firmes de aproximação entre os povos.

A Feira BrasBol não prejudica o comércio do centro comercial de Corumbá. Apesar de ser concorrente das lojas do Centro Comercial, os produtos são diferentes, portanto, ela cumpre um papel auxiliar no comércio, atendendo, principalmente, a população de baixa renda, que não tem condições de comprar no comércio local. Devemos revitalizá-la, e não apregoar o seu fim.

Para um melhor funcionamento da Feira BrasBol, sugere-se aqui que o Poder Público Municipal viabilize a construção de um pavilhão de dois andares, com barracas, banheiros, praça da alimentação, estacionamento e um espaço para abrigar as crianças filhas das comerciantes da Feira, pois, a maioria dos comerciantes é do sexo feminino e tem baixa renda, o que as obriga a levar as crianças junto para o trabalho, por não ter condições de pagar babá.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Corumbá viveu um período áureo em seu comércio portuário, desde meados do século XIX até início do século XX, em que se tornou o núcleo mercantil mais dinâmico do Estado de Mato Grosso. Durante as décadas de 1950 e 1960, a cidade atingiu um grande desenvolvimento industrial, se destacando entre as demais cidades do Estado. Há anos que se ouve em Corumbá as seguintes afirmações: “Corumbá entrou em “decadência” desde o início do século XX”; “Corumbá é a cidade do já era, do já foi”. Não concordo com nenhuma das afirmações, pois, após 1914 Corumbá sofreu uma crise em seu comércio portuário, porém, encontrou outras saídas para que continuasse a se desenvolver. Quanto à segunda afirmação, Corumbá nunca deixou de ser uma cidade de destaque, tanto no Estado como no país. Teve seu período de maior e menor expressão, como qualquer outra cidade, contudo, nunca deixou de ficar entre as principais cidades do Estado. Corumbá não deixou de existir, pelo contrário, continua sendo um importante núcleo de irradiação de desenvolvimento, com todas as condições naturais para ser uma cidade industrializada, pois constitui a faixa mais rica em minério de todo o Centro Oeste do Brasil, com fabulosa reserva de manganês, ferro e calcário, tanto carbonato (para cimento e cal) como diamante, que sob a forma de mármore, pode ser explorada como imensa “*carrara brasileira*”.

Os comerciantes da Feira BrasBol sofrem diariamente devido às péssimas condições de trabalho, seja pelo desgaste físico por transportar as mercadorias duas vezes ao dia, do depósito até a Feira, pelo forte calor, falta de ventilação, carga horária excessiva de trabalho (geralmente 12h diárias) e pela falta de um mínimo de conforto no local.

Contrariamente ao que dizem os comerciantes do centro comercial de Corumbá, o comércio da Feira Brasbol contribui consideravelmente para o desenvolvimento da cidade, seja através do pagamento de impostos à Secretaria Estadual de Fazenda e à Prefeitura Municipal, seja alugando imóveis nas imediações da Feira para servir de depósito, bem como contratando brasileiros para trabalhar como comerciantes, carregadores, faxineiros e vigilantes. Porém, a Feira não recebe uma contrapartida do Poder Público Municipal, tais como: melhora na estrutura da Feira, pavimentação de uma de suas ruas laterais e providenciar a segurança e a limpeza do local.

Sabemos que a maioria dos turistas de compras passa direto por Corumbá com destino à cidade boliviana de Arroyo Concepción. Se a Feira BrasBol fosse melhor estruturada, com a construção de um pavilhão de dois andares, com barracas, banheiros,

estacionamento, um espaço para abrigar as crianças filhas das comerciantes da Feira e praça da alimentação, e o Município oferecesse incentivos aos comerciantes, como, por exemplo, a isenção na cobrança anual do alvará, a mesma atrairia mais turistas, além dos próprios corumbaenses, o que geraria mais lucro para o Município sob a forma de aumento da arrecadação fiscal e do movimento nos hotéis, bares, restaurantes, supermercados, etc.

As cidades precisam participar da corrida mundial em busca de recursos, e a construção de obras e monumentos que atraiam o turismo vem fazendo inúmeras cidades florescerem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALFÂNDEGA DE CORUMBÁ – UFMT, Coordenação de Cultura, Núcleo de Documentação e Informação História Regional, Brasília: Ministério da Fazenda, 1988.

ALVES, Gilberto Luiz. *Mato Grosso e a História: 1870-1929*. In: Boletim Paulista de Geografia. São Paulo, 1984.

BENEVIDES, César; LEONZO, Nancy. *Miranda Estância*. Rio de Janeiro: F. G. V., 1999.

BRASIL. Ministério da Fazenda. *A Conferência Nacional de Economia e Administração*, Rio de Janeiro, 1940.

CORRÊA, Lúcia Salsa. *Corumbá – um núcleo comercial na fronteira de Mato Grosso: 1870-1920*. São Paulo: F. F. L. C. H. – USP. Dissertação de Mestrado, 1980.

_____. *A fronteira na história regional: o sul de Mato Grosso (1870-1920)*. São Paulo: F. F. L. C. H. – USP. Tese de Doutorado, 1997.

CORRÊA FILHO, Virgílio. *História de Mato Grosso*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

DIAS, Leila Christina. Os sentidos da rede: notas para discussão. DIAS, L. C.; SILVEIRA, R. L. L. (Org.). *Redes, sociedades e territórios*. 2.ed. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2007.

GANSTER, P. et alli. (Eds). *Border and Border Regions in Europe and North América*. San Diego, IRSC/SDSU Press, 1997.

HAESBAERT, Rogério. Da desterritorialização à multiterritorialidade. *Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina*. Universidade de São Paulo, 2005.

IBGE. (2000) Censo demográfico 2000. Disponível em:
<<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000>>. Acesso em: 12 jul. 2009.

JORNAL FOLHA DA TARDE – Corumbá/MS, 1958; 1961; 1962; 1963; 1971.

JORNAL O MOMENTO – Corumbá/MS, 1952; 1953; 1955; 1957; 1959; 1960.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. 14 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

LEITE, W. C. A. E KRAWIEC, E. H. Atendimento pelo SUS à população boliviana no município de Corumbá: um estudo dos gastos, in: MARQUES, A. M. . Movimentos Migratórios Fronteiriços: Bolivianos e Paraguaioes em Mato Grosso do Sul - Brasil. XXVII Annual ILASSA Student Conference, Austin Texas EUA, 2007. Disponível em: www.utexas.edu/cola/insts/llilas/conferences/ilassa_07. Acesso em: 14 jun. 2008.

LIMA, Heitor Ferreira. *História político-econômica e industrial do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

MAX, Cláudio Zárate. Desenvolvimento das economias locais de fronteira: as dissimetrias, as possibilidades de cooperação econômica e o papel das proximidades organizacionais. *Revista OIDLES* (Málaga) – vol. 2, nº. 5, dezembro de 2008. Disponível em: <http://www.eumed.net/rev/oidles/05/czm.htm>. Acesso em: 04 fev. 2010.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Sistema Integrado de Saúde. Programa SISFRONTEIRAS. Disponível em <http://portal.saude.gov.br/saude/>. Acesso em: 20 out. 2008.

NERY, Luiz Márcio. *Indústrias em Corumbá (1950-2002) - uma leitura*. Monografia de Especialização, UFMS-CPCO, 2002.

NOGUEIRA, Ricardo José Batista. Fronteira: espaço de referência Identitária? *Revista Ateliê Geográfico*, v. 1, n. 2, dez/2007, p.27-41. Goiânia: UFG, 2007.

OLIVEIRA, Marco Aurélio Machado De. *O mais importante era a raça: Sírios e libaneses na política em Campo Grande, MS*. São Paulo: F. F. L. C. H. – USP. Tese de doutorado, 2001.

OLIVEIRA, Tito Carlos Machado De. *Uma fronteira para o pôr-do-sol: um estudo geoeconômico sobre uma região de fronteira*, Campo Grande: Ed. UFMS, 1998.

_____. *Agroindústria e reprodução do espaço*. São Paulo: F. F. L. C. H. – USP. Tese de doutorado, 1994.

_____. *Território sem Limites - Estudos sobre fronteiras*. 1. ed. Campo Grande: Editora da UFMS, 2004.

_____. Os elos da integração. In: OLIVEIRA, M. A. M. e COSTA, E. A. (Org.). *Seminário de Estudos Fronteiriços*. Campo Grande: Editora da UFMS, 2009.

OLIVEIRA NETO, Antonio Firmino. *A rua e a cidade: Campo Grande e a 14 de julho*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2005.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Além das fronteiras. In: MARTINS, M. H. (org). *Fronteiras Culturais*. São Paulo: Ateliê, 2002.

POZENATO, José Clemente. *Processos culturais: reflexões sobre a dinâmica cultural*. Caxias do Sul: Educs, 2003.

QUEIROZ, Paulo Roberto Cimó. *Uma ferrovia entre dois mundos: a E. F. Noroeste do Brasil na primeira metade do século 20*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2004.

RAFFESTIN, Claude. A ordem e a desordem ou os paradoxos da fronteira. In: OLIVEIRA, T. C. M. (org.) *Território sem limites - Estudos sobre Fronteiras*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2004.

_____. *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1981.

_____. _____. São Paulo: Ática, 1993.

RIBENBOIM, Ricardo. Instituições Culturais e o Mercosul. In: MARTINS, M. H. (org.) *Fronteiras Culturais*. São Paulo: Ateliê, 2002.

SAQUET, Marcos Aurélio. *Abordagens e concepções do território*. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SIMONSEN, Roberto Cochrane. *1989-1948 – Evolução Industrial do Brasil e outros estudos*. São Paulo: Editora Nacional e Editora da ESP, 1973.

SOUZA, Lécio Gomes De. *História de Corumbá*. [S.1: s.n.t.: s/d].

SOUZA, Lindinalva Lucimar De. *Comércio alfandegário nas duas primeiras décadas do século XX*. UFMS - CPCO. Monografia de Especialização, 2002.

STEIMAN, Rebeca; MACHADO, Lia Osório. *Limites e fronteiras internacionais – Uma discussão histórico-geográfica*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

XAVIER, Beatriz Rosália Gomes. As transformações no mundo do trabalho em Corumbá, no Pantanal da Nhecolândia e na fronteira Brasil-Bolívia: considerações teóricas em psicologia sócio-histórica. In: NAVARRO, E. M. M. [et al.], organizadores. *40 anos do Campus do Pantanal-UFMS: contribuições para o desenvolvimento regional*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2007.

APÊNDICE A

APÊNDICE A – Questionário aplicado aos comerciantes do Centro Comercial de Corumbá que vendem os mesmos produtos comercializados na Feira BrasBol.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DO PANTANAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM ESTUDOS FRONTEIRIÇOS

QUESTIONÁRIO APLICADO NOS COMERCIANTES DO CENTRO DE CORUMBÁ

1. NOME:
2. SEXO: () MASCULINO () FEMININO
3. DATA DE NASCIMENTO:
4. LOCAL DE NASCIMENTO:
5. ONDE MORA?
6. SE NÃO NASCEU EM CORUMBÁ, QUANDO VEIO E POR QUE VEIO?
7. ESTADO CIVIL: () SOLTEIRO () CASADO () SEPARADO () DIVORCIADO () VIÚVO
8. TEM FILHOS? () NÃO () SIM QUANTOS? _____ QUAL IDADE? COM QUEM FICAM DURANTE O SEU TRABALHO? _____ ALGUÉM TRABALHA COM VOCÊ?
9. QUANDO E ONDE VOCÊ INICIOU ESSE TIPO DE ATIVIDADE COMERCIAL?
10. COMO ERA A ESTRUTURA DO LOCAL QUANDO VOCÊ INICIOU SEU TRABALHO? E HOJE ELA MUDOU?
11. QUAIS OS PRODUTOS QUE VOCÊ COMERCIALIZA? () ROUPAS () CALÇADOS () COSMÉTICOS () ELETROELETRÔNICOS () GÊNEROS ALIMENTÍCIOS () BEBIDAS () BRINQUEDOS () BOLSAS E MALAS () ROUPAS DE CAMA, MESA E BANHO () OUTROS _____
12. DE ONDE VÊM OS PRODUTOS?
13. DE QUE FORMA OS PRODUTOS CHEGAM ATÉ VOCÊ (MEIO DE TRANSPORTE)? () TREM () ÔNIBUS () AVIÃO () CAMINHÃO (TRANSPORTADORA) () BARCO / NAVIO
14. HOUVE TRANSFORMAÇÕES/MELHORIAS NA QUALIDADE DOS PRODUTOS? PORQUE?
15. QUAL A SUA RENDA SEMANAL OU MENSAL OBTIDA ATRAVÉS DO COMÉRCIO?
16. VOCÊ TEM OUTRO TIPO DE ATIVIDADE? () NÃO () SIM QUAL?
17. TEM OUTRA FONTE DE RENDA? () NÃO () SIM QUAL? QUANTO GANHA?
18. QUANTO VOCÊ PAGA DE IMPOSTO PARA COMERCIALIZAR SEUS PRODUTOS?
19. QUEM SÃO OU QUAL O PERFIL DOS CLIENTES?
20. O QUE VC ACHA DA QUALIDADE DOS PRODUTOS QUE SAO VENDIDOS NA FEIRA BRASBOL? E O PREÇO É MAIS BARATO?
21. VOCÊ ACHA QUE O COMÉRCIO NAS FEIRINHAS BOLIVIANA E BRASBOL ATRAPALHA O SEU COMÉRCIO? () NÃO () SIM PORQUÊ?
22. VOCÊ ACHA QUE O AUMENTO DO MOVIMENTO DE MERCADORIAS E PESSOAS EM CORUMBÁ VEM SE MATERIALIZANDO EM INVESTIMENTOS PARA A REGIÃO? () SIM () NÃO PORQUE?
23. QUAL(IS) O(S) DIA(S) DA SEMANA DE MAIOR MOVIMENTO NESTE COMÉRCIO? () SEGUNDA-FEIRA () TERÇA-FEIRA () QUARTA-FEIRA () QUINTA-FEIRA () SEXTA-FEIRA () SÁBADO () OUTROS _____
24. VOCÊ TEM CLIENTES BOLIVIANOS?

APÊNDICE B

APÊNDICE B – Questionário aplicado aos comerciantes da Feira BrasBol.

	MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL CAMPUS DO PANTANAL PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM ESTUDOS FRONTEIRIÇOS
---	--

QUESTIONÁRIO APLICADO NOS COMERCIANTES DA FEIRA BRASBOL

1. NOME:
2. SEXO: () MASCULINO () FEMININO
3. DATA DE NASCIMENTO:
4. LOCAL DE NASCIMENTO:
5. ONDE MORA?
6. SE NÃO NASCEU EM CORUMBÁ, QUANDO VEIO E POR QUE VEIO?
7. ESTADO CIVIL: () SOLTEIRO () CASADO () SEPARADO () DIVORCIADO () VIÚVO () AMASIADO
8. TEM FILHOS? () NÃO () SIM QUANTOS? _____ QUAL IDADE? _____ COM QUEM FICAM DURANTE O SEU TRABALHO? _____ ALGUÉM TRABALHA COM VOCÊ? () NÃO () SIM QUEM? _____
9. QUANDO E ONDE VOCÊ INICIOU ESSE TIPO DE ATIVIDADE COMERCIAL?
10. COMO ERA A ESTRUTURA DO LOCAL QUANDO VOCÊ INICIOU SEU TRABALHO? _____
11. QUAIS OS PRODUTOS QUE VOCÊ COMERCIALIZA? () ROUPAS () CALÇADOS () COSMÉTICOS () ELETROELETRÔNICOS () GÊNEROS ALIMENTÍCIOS () BEBIDAS () BRINQUEDOS () BOLSAS E MALAS () ROUPAS DE CAMA, MESA E BANHO () OUTROS _____
12. DE ONDE VÊM OS PRODUTOS?
13. DE QUE FORMA OS PRODUTOS CHEGAM ATÉ VOCÊ (MEIO DE TRANSPORTE)? () TREM () ÔNIBUS () AVIÃO () CAMINHÃO (TRANSPORTADORA) () BARCO / NAVIO
14. HOUVE TRANSFORMAÇÕES/MELHORIAS NA QUALIDADE DOS PRODUTOS? () NÃO () SIM PORQUE?
15. QUAL A SUA RENDA MENSAL OBTIDA ATRAVÉS DO COMÉRCIO?
16. VOCÊ TEM OUTRO TIPO DE ATIVIDADE? () NÃO () SIM QUAL?
17. TEM OUTRA FONTE DE RENDA? () NÃO () SIM QUAL? QUANTO GANHA?
18. VOCÊ PAGA DE IMPOSTO PARA COMERCIALIZAR SEUS PRODUTOS? () SIM () NAO SE SIM, QUANTO?
19. QUEM SÃO OU QUAL O PERFIL DOS CLIENTES?
20. QUAL(IS) O(S) DIA(S) DA SEMANA DE MAIOR MOVIMENTO NESTE COMÉRCIO? () SEGUNDA-FEIRA () TERÇA-FEIRA () QUARTA-FEIRA () QUINTA-FEIRA () SEXTA-FEIRA () SÁBADO
21. NA SUA CASA TEM ÁGUA? () SIM () NÃO TEM ENERGIA ELÉTRICA? () SIM () NÃO TEM ESGOTO? () SIM () NÃO
22. VOCÊ TEM REGISTRO DE TRABALHO? () SIM () NÃO
23. O QUE VOCÊ ACHA QUE DEVERIA SER MELHORADO NA FEIRA BRASBOL? _____ _____

APÊNDICE C

APÊNDICE C – Questionário aplicado aos usuários da Feira BrasBol.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DO PANTANAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM ESTUDOS FRONTEIRIÇOS

QUESTIONÁRIO APLICADO NOS USUÁRIOS DA FEIRA BRASBOL

1. NOME:
2. SEXO: () MASCULINO () FEMININO
3. DATA DE NASCIMENTO:
4. LOCAL DE NASCIMENTO:
5. ONDE MORA?
6. PROFISSÃO:
7. QUAL SUA RENDA MENSAL?
8. ESTADO CIVIL: () SOLTEIRO () CASADO () SEPARADO () DIVORCIADO () VIÚVO
9. TEM FILHOS? () NÃO () SIM QUANTOS?
10. COM QUE FREQUÊNCIA VOCÊ COMPRA NA FEIRA BRASBOL?
11. QUAIS OS TIPOS DE PRODUTOS VOCÊ COSTUMA COMPRAR NA FEIRA BRASBOL?
12. SE NÃO MORA EM CORUMBÁ: a) ADQUIRE PRODUTOS NO CENTRO COMERCIAL DE CORUMBÁ? () SIM () NÃO b) ONDE VOCÊ SE HOSPEDA QUANDO VEM A CORUMBÁ? () HOTEL () POUSADA () CASA DE PARENTES () CASA DE AMIGOS c) QUAL (IS) O(S) MOTIVO(S) DE SUA(S) VINDA(S) A CORUMBÁ? () TRABALHO () COMPRAS () LAZER () VISITAR AMIGOS/PARENTES d) COM QUE FREQUÊNCIA VEM A CORUMBÁ? () SEMANALMENTE () MENSALMENTE () SEMESTRALMENTE () ANUALMENTE e) QUANTO TEMPO, EM MÉDIA, PERMANECE EM CORUMBÁ QUANDO DE SUAS VINDAS? () MENOS DE 1 SEMANA () 1 SEMANA () 15 DIAS () 1 MÊS f) HÁ QUANTO TEMPO CONHECE A FEIRA BRASBOL? _____ g) COM QUE FREQUÊNCIA VISITA A FEIRA BRASBOL EM SUAS VINDAS A CORUMBÁ? () SEMPRE () ÀS VEZES () RARAMENTE () NUNCA h) SUAS VISITAS À FEIRA BRASBOL OBJETIVAM PRINCIPALMENTE: () CONSUMO () LAZER () OUTROS _____
13. QUAL(IS) O(S) DIA(S) DA SEMANA VOCÊ PREFERE FAZER COMPRAS NA FEIRA BRASBOL? () SEGUNDA-FEIRA () TERÇA-FEIRA () QUARTA-FEIRA () QUINTA-FEIRA () SEXTA-FEIRA () SÁBADO () OUTROS _____
14. O QUE VOCÊ ACHA DA QUALIDADE DOS PRODUTOS DA FEIRA BRASBOL EM RELAÇÃO À QUALIDADE DOS PRODUTOS COMERCIALIZADOS NAS LOJAS DO CENTRO COMERCIAL DE CORUMBÁ? () BOA () REGULAR () RUIM () PÉSSIMA
15. O QUE VOCÊ ACHA DOS PREÇOS DOS PRODUTOS DA FEIRA BRASBOL EM RELAÇÃO AO PREÇO DOS PRODUTOS COMERCIALIZADOS NAS LOJAS DO CENTRO COMERCIAL DE CORUMBÁ? () BOM () REGULAR () RUIM () PÉSSIMO
16. O QUE VOCÊ ACHA QUE DEVERIA SER MELHORADO NA FEIRA BRASBOL?
17. VOCÊ ENCONTRA PRODUTOS NA FEIRA BRASBOL QUE NÃO SÃO VENDIDOS NAS LOJAS DE CORUMBÁ? () NÃO () SIM QUAIS?